



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO TRÓPICO ÚMIDO  
DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO SOCIOAMBIENTAL

MARCELO PAMPLONA BACCINO

**BARRICADAS E TRINCHEIRAS DE RESISTÊNCIA:** artesãos na  
Amazônia paraense

Belém-PA

2025

MARCELO PAMPLONA BACCINO

**BARRICADAS E TRINCHEIRAS DE RESISTÊNCIA:** artesãos na  
Amazônia paraense

Tese apresentada em cumprimento às exigências para obtenção do título de Doutor em Ciências: Desenvolvimento Socioambiental. Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU).

Linha de Pesquisa: Sociedade, urbanização e estudos populacionais.

Orientador: Prof. Dr. Silvío José de Lima Figueiredo (NAEA/UFPA).

Co-orientador: Prof. Dr. Amarildo Ferreira Júnior (PPGSOF/UFRR).

Aprovado em 14 de agosto de 2025.

**Banca Examinadora:**

---

Prof. Dr. Silvío José de Lima Figueiredo  
(Presidente - Orientador - PPGDSTU/NAEA/UFPA)

---

Prof. Dr. Amarildo Ferreira Júnior  
(Co-orientador - PPGSOF/UFRR/IFRR)

---

Profa. Dra. Mirleide Chaar Bahia  
(Examinadora Interna – PPGDSTU/NAEA/UFPA)

---

Profa. Dra. Nirvia Ravena  
(Examinadora Interna – PPGDSTU/NAEA/UFPA)

---

Profa. Dra. Meire Joisy Almeida Pereira  
(Examinadora Externa – PPGSOF e PRONAT/UFRR)

---

Prof. Dr. Marcos Antonio de Oliveira  
(Examinador Externo – ProfHistória/UFRR e ProfEPT/IFRR)

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará  
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo autor**

---

P185b Pamplona Baccino, Marcelo  
Barricadas e trincheiras de resistência: artesãos na Amazônia  
Paraense / Marcelo Pamplona Baccino. – 2025.  
169f.: il. color.

Orientador: Prof. Dr. Silvio Lima Figueiredo  
Co-orientador: Prof. Dr. Amarildo Ferreira Júnior  
Tese (Doutorado) Universidade Federal do Pará, Núcleo de Altos  
Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em  
Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2025.

1. Práticas Sociais. 2. Artesanato. 3. Trabalho. 4. Amazônia. I. Título.

CDD 301.4442092

---

Em memória de meu pai Oscar Roberto Baccino, sol de minha vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Meus agradecimentos a Deus e a minha amada família pelas conquistas da vida e triunfos do dia-a-dia.

Agradeço ao benquisto orientador e querido coorientador, os quais, com sabedoria e paciência, ajudaram-me durante o curso de doutoramento e ao longo de toda a pesquisa.

Minha gratidão por toda a contribuição dada a este estudo pelos artesãos e artesãs que compõem a Associação dos Artesãos e Expositores do Pará-Amazônia.

Sou grato pelo usufruto que fiz do excelente trabalho e dedicação que os servidores públicos técnicos e professores do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos ofereceram a mim como aluno e cidadão.

*Não vamos falar de velhice e de juventude! É melhor discutirmos qual a mentalidade mais justa.*

Gorki

*O povo não deve ser tutelado pelas elites, devendo para isso tornar-se ele próprio agente do seu destino.*

Paulo Freire

## RESUMO

Trata-se de uma pesquisa que faz reflexões sobre o trabalho e capitalismo na Amazônia, tendo como foco as práticas sociais de artesãos organizados em uma associação a qual promove a feira de artesanato na Praça da República, em Belém do Pará, Brasil. Dentre as ações do grupo estudado, buscaram-se especificidades nos processos de negociação e enfrentamento no contexto da associação e da feira - as duas principais conformações criadas por esses artesãos. A investigação analisa o local onde a feira ocorre, protagonizando os artesãos associados e observa os demais usuários da praça. O estudo gera considerações sobre virtudes, necessidades, conflitos e consonâncias do grupo de artesãos organizadores da feira, que ocorre sempre aos domingos. Além disso, a pesquisa mostra a composição física da praça, fazendo uma contextualização geográfica e histórica dela, e traz a dinâmica da vida associativa, bem como o contexto de exposição na feira.

**Palavras-chave:** Práticas Sociais. Artesanato. Trabalho. Amazônia.

## RESUMEN

Se trata de una investigación que reflexiona sobre el trabajo y el capitalismo en la Amazonía, enfocándose en las prácticas sociales de artesanos organizados en una asociación que promueve la feria de artesanía en la Plaza de la República, en Belém do Pará, Brasil. Entre las acciones del grupo estudiado, se buscaron especificidades en los procesos de negociación y enfrentamiento en el contexto de la asociación y de la feria, las dos principales conformaciones creadas por estos artesanos. La investigación analiza el lugar donde se realiza la feria, dando protagonismo a los artesanos asociados y observando también a los demás usuarios de la plaza. El estudio genera consideraciones sobre virtudes, necesidades, conflictos y consonancias del grupo de artesanos organizadores de la feria, que tiene lugar todos los domingos. Además, la investigación muestra la composición física de la plaza, contextualizándola geográfica e históricamente, y presenta la dinámica de la vida asociativa, así como el contexto de exposición en la feria.

**Palabras clave:** Prácticas Sociales. Artesanía. Trabajo. Amazonia.

## ABSTRACT

This research reflects on labor and capitalism in the Amazon, focusing on the social practices of artisans organized in an association that promotes the handicraft fair at Praça da República, in Belém do Pará, Brazil. Among the actions of the group studied, the research sought specific aspects of negotiation and confrontation processes within the context of the association and the fair—the two main structures created by these artisans. The investigation analyzes the location where the fair takes place, highlighting the associated artisans while also observing other users of the square. The study offers reflections on the virtues, needs, conflicts, and harmonies within the group of artisans who organize the fair, which takes place every Sunday. Furthermore, the research presents the physical composition of the square, providing both a geographical and historical contextualization, and explores the dynamics of associative life as well as the context of the fair as a space of exhibition.

**Keywords:** Social Practices. Craftsmanship. Work. Amazon.

## LISTA DE QUADROS

**Quadro 1:** Agentes, organizador metodológico, variáveis e motivação.

## LISTA DE TABELAS

**Tabela 1:** Os principais Agentes Sociais do Campo de Relações dos Artesãos da Feira da Praça da República em Belém do Pará.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

**Figura 1:** Carimbo e logotipo da ARTEPAM

**Figura 2:** Cartão de divulgação da entidade

**Figura 3:** Localização da sede

**Figura 4:** Sede e escritório da associação dos artesãos

**Figura 5:** Foto de satélite da Praça da República e proximidades

**Figura 6:** Vias que margeiam a Praça da República

**Figura 7:** Planta da cidade de Belém em 1753

**Figura 8:** Ampliação do Plano Pará, desenhado pelo engenheiro Hugo de Fournier no início do século XIX

**Figura 9:** Túnel de mangueiras que é local da feira de artesanato

**Figura 10:** Complexo da Praça da República

**Figura 11:** Planta da Praça da República com os prédios históricos e outros elementos

**Figura 12:** Imagem aérea da praça

**Figura 13:** Pedra em mosaico

**Figura 14:** Pedra portuguesa

**Figura 15:** Piso de areia

**Figura 16:** Piso hidráulico

**Figura 17:** Piso cimentado e gramado

**Figura 18:** Poste de iluminação e parapeito

**Figura 19:** Gradil

**Figura 20:** Ralo

**Figura 21:** Limitadores verticais de estacionamento

**Figura 22:** Mangueiras

**Figura 23:** Samaúma e extensa área gramada

**Figura 24:** Canteiro com plantas menores

**Figura 25:** Quiosque da Guarda Municipal de Belém

**Figura 26:** Banca de revista

**Figura 27:** Banco e Lixeira

**Figura 28:** Poste de iluminação pública

**Figura 29:** Ponto de táxi

**Figura 30:** Placa informativa

- Figura 31:** Monumento à República
- Figura 32:** Coreto circular greco-romano
- Figura 33:** Fonte Luminosa
- Figura 34:** Anfiteatro
- Figura 35:** Teatro Experimental Waldemar Henrique
- Figura 36:** Instituto de Ciências das Artes
- Figura 37:** Conjunto de colunas
- Figura 38:** Banco ornamentado
- Figura 39:** Lago
- Figura 40:** Caramanchão
- Figura 41:** Formação rochosa artificial
- Figura 42:** Obelisco
- Figura 43:** Banco com portal em arco
- Figura 44:** Theatro da Paz em reforma
- Figura 45:** Bar do Parque
- Figura 46:** Alegorias femininas
- Figura 47:** Pavilhão de Música Santa Helena Magno
- Figura 48:** Pavilhão de Música Euterpe
- Figura 49:** Chafariz das Sereias
- Figura 50:** Item fora de contexto e incompatível com o jardim histórico
- Figura 51:** Família em momento de lazer na ampla área gramada da praça
- Figura 52:** Praticante de atividade física
- Figura 53:** Criança andando de patinete
- Figura 54:** Área da praça ocupada pelos artesãos durante a feira
- Figura 55:** Barracas padronizadas da feira de artesanato
- Figura 56:** A feira em pleno funcionamento aos domingos
- Figura 57:** Cartão postal emitido pela ARTEPAM
- Figura 58:** Barracas desmontadas
- Figura 59:** Montagem quase concluída das barracas
- Figura 60:** Artesãs organizando seus produtos
- Figura 61:** Artesãos arrumando suas barracas no início da feira
- Figura 62:** Entre vendas e conversas ocorre uma parada para lanchar tapioca
- Figura 63:** Interações entre expositores

**Figura 64:** Uso da praça pelos Agentes Sociais do Campo de Relações dos Artesãos

**Figura 65:** Confraternizações que ocorrem nos bastidores das barracas

**Figura 66:** Expositores não associados, sem permissão legal e em situação precária

**Figura 67:** Camelôs negociando seus produtos industrializados importados

**Figura 68:** Locais de venda e exposição de artesanato na capital e RMB

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMOSP - Associação de Artesãos e Artistas Moradores de Morro de São Paulo  
APARTE - Associação Profissional de Artesãos  
ARTEPAM - Associação dos Artesãos e Expositores do Pará-Amazônia  
ASAMAB - Associação dos Artesãos de Brinquedos e Artesanatos de Miriti de Abaetetuba  
BB - Banco do Brasil  
BASA – Banco da Amazônia  
CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CNPJ - Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica  
COART - Cooperativa de Artesãos de Icoaraci  
COMIP - Cooperativa dos Micro-Produtores e Artesãos  
EPS – Economia Popular Solidária  
FACAPA - Federação das Associações e Cooperativas de Artesãos do Pará  
FAM - Feira do Artesanato Mundial  
FEB - Força Expedicionária Brasileira  
FGTS - Fundo de Garantia do Tempo de Serviço  
FIES - Fundo de Financiamento Estudantil  
GABE - Grupo de Artesãos de Belém  
IEEP - Instituto de Educação Estadual do Pará  
INSS - Instituto Nacional de Seguridade Social  
LAENA - Laboratório de Análises Espaciais Professor Doutor Thomas Hurtienne  
NAEA - Núcleo de Altos Estudos Amazônicos  
PMB - Prefeitura Municipal de Belém  
PPGDSTU - Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido  
PROUNI - Programa Universidade para Todos  
RMB - Região Metropolitana de Belém  
SEBRAE - Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas  
SECON - Secretaria Municipal de Economia  
SENAR - Serviço Nacional de Aprendizagem Rural  
SOAMI - Sociedade de Artesãos e Amigos de Icoaraci  
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFPA - Universidade Federal do Pará

## SUMÁRIO

<b>1. COLOCAÇÕES INICIAIS DO SER E FAZER ACERCA DE UMA COLETIVIDADE DE ARTESÃOS</b>	17
<b>2. APROXIMAÇÃO METODOLÓGICA</b>	26
2.1. Sujeitos da pesquisa e os conceitos-chave	31
2.2. Fases da pesquisa	35
2.3. Questionário e entrevista	36
2.4. Pesquisa em campo	40
<b>3. ARTESÃOS, PRÁTICAS SOCIAIS E ORGANIZAÇÃO</b>	44
3.1. A feira da praça e suas dinâmicas	88
3.2. Os artesãos da feira da praça	95
<b>4. ARTESANATO E SOCIEDADE</b>	121
<b>5 FIM DA TARDE DE DOMINGO</b>	132
<b>REFERÊNCIAS</b>	139
<b>APÊNDICES</b>	150
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	150
APÊNDICE B - Questionário	152
APÊNDICE C - Roteiro de entrevista	155
<b>ANEXOS</b>	156
ANEXO A - Estatuto Social da ARTEPAM	156

## 1. COLOCAÇÕES INICIAIS DO SER E FAZER ACERCA DE UMA COLETIVIDADE DE ARTESÃOS

Em 1983 vários artesãos que expunham seus produtos nos logradouros de Belém do Pará, entre eles, a Avenida Presidente Vargas, o Largo do Carmo, a Praça Pedro Teixeira (conhecida como Escadinha) e o Ver-o-Peso, resolveram se unir e fazer um grupo. Esses artesãos mostravam seus produtos no chão ou em barracas improvisadas. Quando sozinhos, na ilegalidade e precariedade, tais trabalhadores passavam por situações relacionadas a falta de suporte, a insegurança das vias públicas e a fiscalização da prefeitura (conhecida como “Rapa”) que levava seus produtos e os impediam de vender<sup>1</sup>. A Administração Pública os perseguia e a condição na qual estavam dificultava o reconhecimento da sociedade como artesãos de ofício.

Então, em 1984, doze artesãos deram início a um grupo denominado Grupo de Artesãos de Belém (GABE), para depois tornar-se a Associação Profissional de Artesãos (APARTE). A união ocorreu para assegurar espaços nos quais os artesãos pudessem expor e comercializar seus produtos. A partir desse momento, começaram as negociações com a Administração Pública Municipal para conquistar um local, tendo como inspiração as feiras de artesanato existentes em outras capitais do Brasil e do mundo.

Ao mesmo tempo em que ocorreram as tratativas com a prefeitura de Belém, o grupo passou a buscar por outros artesãos no intuito de unir e aumentar forças. Tal procura era dificultada pela timidez que alguns artesãos tinham. Uns por simples receio de expor seus produtos e outros por erroneamente acharem que ser artesão de ofício era um demérito na sociedade<sup>2</sup>. As barreiras eram rompidas pela necessidade de possuir renda, com muita conversa e pelos bons exemplos dados por outros membros do grupo.

Para alocar os artesãos expositores, vários locais chegaram a ser experimentados. Foram praças e largos nos bairros da Cidade Velha, Campina e Comércio. Juntamente com esses experimentos surgiu a iniciativa de, por meio de um sindicato, representar e organizar toda a categoria de artesãos de ofício,

---

<sup>1</sup> O “Rapa” é a equipe composta por fiscais da prefeitura e policiais que de carro passa pelas ruas para apreender mercadorias de vendedores ilegais.

<sup>2</sup> Explícita violência simbólica (Bourdieu, 1989).

mas por questões financeiras, falta de pessoas disponíveis e a grande burocracia o intuito foi retraído e voltou-se novamente à associação, concentrando forças nos interesses dos associados. Existindo a possibilidade de, no futuro, unir diversas associações em uma federação que representasse a categoria.

A primeira procura pela Administração Pública Municipal ocorreu com o então nomeado prefeito Almir Gabriel (1983-1984). O grupo não obteve frutos, mas, na prefeitura do eleito Coutinho Jorge, aconteceu um bom diálogo com a equipe econômica do novo governo, a qual tinha uma melhor compreensão relacionada à economia popular e associativismo. Em agosto 1985, a associação dos artesãos iniciou a Feira de Artesanato na Praça da República juntamente com a Secretaria Municipal de Economia (SECON) da Prefeitura Municipal de Belém (PMB).

É sobre esses artesãos que a presente pesquisa trata, enfatizando sua forma de organização por meio da hoje denominada Associação dos Artesãos e Expositores do Pará-Amazônia (ARTEPAM) a qual organiza a já tradicional e famosa Feira de Artesanato da Praça da República em Belém do Pará (Região Norte do Brasil).

A tônica desta pesquisa é sobre o trabalho e o capitalismo na Amazônia<sup>3</sup>. Nesse panorama, Karl Marx (2013) considera que o ato laboral tem fundamental importância, já que, para ele, é por intermédio do trabalho que o ser humano se realiza e fundamenta a sua existência. Continuando, o ele diz que na formação social o processo de produção domina as pessoas, e não as pessoas o processo de produção. Marx (1983) afirma que não é a consciência dos indivíduos que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.

Segundo Karl Marx (2004), no capitalismo o trabalho se converte em meio de subsistência e a força laborativa em mercadoria com valor de troca. Marx ainda assevera que o resultado do processo de trabalho, nesse contexto de valorização do capital, aponta que o produto feito pelo trabalhador torna-se estranho a ele, configurando um ato de alienação. Portanto, o operário não se satisfaz no trabalho, mas degrada-se (Marx, 2013).

---

<sup>3</sup> Mais especificamente, a tese se refere a forma de trabalho do artesão.

O capitalismo foi uma resposta dos senhores feudais, dos mercadores patrícios, dos bispos e dos papas a um conflito social centenário que chegou a fazer tremer seu poder e que realmente produziu uma grande “sacudida” mundial. O capitalismo foi a contrarrevolução que destruiu as possibilidades que haviam emergido da luta antifeudal - possibilidades que, se tivessem sido realizadas, teriam evitado a imensa destruição de vidas e de espaço natural que marcou o avanço das relações capitalistas no mundo. Esse aspecto deve ser enfatizado, pois a crença de que o capitalismo “evoluiu” a partir do feudalismo e de que representa uma forma mais elevada de vida social ainda não se desfez (Federici, 2017).

O capitalismo é um sistema econômico que tem como principal característica a obtenção de lucro máximo<sup>4</sup> e a acumulação de capital por meio da propriedade privada. Sua origem se dá com a ascensão da burguesia na Europa. Nele, a desigualdade social é um fator preponderante. Trata-se da assimetria entre a burguesia, classe composta por uma elite<sup>5</sup> dona dos meios de produção, e trabalhadores - classe majoritária que vende sua força de trabalho. Tal sistema procura influenciar e atingir todas as práticas sociais e espaços geográficos.

A classe burguesa<sup>6</sup> não é apenas seus títulos de propriedades, mas é todo um conjunto de dispositivos e disposições sociais em fluxo, implantado nos diferentes espaços da vida material (econômica-política-cultural) e que configuram identidades e comportamentos, possíveis a partir da soma interdependente das relações de força, implantadas nesses espaços em torno do controle e a posse das condições materiais de produção. As classes sociais

---

<sup>4</sup> Daí a importância de existir uma grande massa de desempregados, propagação do individualismo social e a constante maximização dos lucros.

<sup>5</sup> Esses indivíduos não tem amigos que sejam realmente importantes para eles, embora finjam com muitas pessoas uma cordialidade que eles próprios gostariam de sentir. Sobre a primavera e a colheita só sabem aquilo que afeta o mercado; é bem possível que já tenham visto outros países, mas com olhos de absoluto enfado. Ano após ano vão se vendo cada vez mais sozinhos; suas atenções se concentram mais e mais, e suas vidas, à parte os negócios, tornam-se totalmente estéreis (Russel, 2017).

<sup>6</sup> Conheço muito bem essa classe; vivem maquinalmente, se submetem à força das coisas que criaram. Detestam uns aos outros; e nunca se perguntam por que vivem e quem tem necessidades deles. Mesmo os melhores, os mais inteligentes entre eles, não vivem a não ser por medo da morte. Eis a diferença entre nós (trabalhadores) e eles (burgueses): os primeiros matam e sente náuseas, vergonha, dor! Mas, os outros matam centenas de milhares, com tranquilidade, sem piedade, sem remorso no peito, matam com prazer! E esmagam tudo e todos só para conservar a prata, o ouro, papéis inúteis, tudo que lhes concede o poder e o domínio sobre grande parte da humanidade (Gorki, 1982).

tornam-se então os polos deste antagonismo em um estado ígneo que, nascido e tecnicamente reproduzido a partir dos meios de produção de riqueza material, atravessa e compreende todo o processo de reprodução social (Linera, 2020).

No sistema capitalista, a sociedade se organiza em estrutura e superestrutura. A estrutura se refere à base econômica e as relações de produção. Já a superestrutura é composta por fatores culturais e repressivos por meio dos quais a classe hegemônica impõe seu poder. Na superestrutura existem duas relações de força, sendo uma delas as forças materiais de produção e a outra, as forças políticas que lutam por uma homogeneidade, autoconsciência e organização no contraste exploradores e explorados (Gramsci, 2012). Na segunda, está a importância dos movimentos sociais populares, da sociedade organizada resistindo aos poderes hegemônicos e lutando para tomar o poder. São verdadeiras barricadas e trincheiras de resistência. Neles cidadãos comuns se agregam em associação como ferramenta para organizar a sociedade frente a já bem organizada elite dona dos meios de produção. Por meio da união e da solidariedade entre vários menores e mais fracos o isolamento é superado e todos se fortalecem em conjunto. É não ficar isolado e não estar sozinho!

No contexto dos parágrafos acima e dentro de um processo conflitivo em local de abundância de recursos naturais e escassez de infraestrutura, na Amazônia se encontra o objeto de estudo e suas contradições, principalmente no que diz respeito ao modo de produção e suas relações sociais. Trata-se aqui das práticas sociais de um grupo organizado de artesãos com seu modo de produção não-alienado, que vive e trabalha inserido em uma sociedade dominada pelo Capital.

Desse modo, esta investigação analisa como se expressam as práticas sociais dos artesãos da feira de artesanato da praça e suas especificações nos processos de negociações e enfrentamentos no cenário das relações de trabalho e capitalismo na Amazônia paraense.

Partindo da problemática expressa no parágrafo anterior, supõem-se que os artesãos em seu respectivo grupo possuem como fator determinante a opção,

manutenção e desenvolvimento do esforço coletivo<sup>7</sup>; com suas especificidades de ser e fazer que se mantêm (cri)ativa e com aspectos de outrora, ora afrontando o poder hegemônico, ora adaptando-se às elites para não serem extintos ou transfigurados até o ponto de desfazer-se sua originalidade.

Relacionada ao problema, ocorre então a hipótese, a qual traz a seguinte proposição:

As práticas sociais dos artesãos da feira da praça articulam em seu Campo de Relações processos diferenciados que informam negociações com e enfrentamentos ao Capital, sendo expressões das características do trabalho e capitalismo na Amazônia paraense.

Do problema e da hipótese apresentados, surge o objetivo geral da pesquisa, que é investigar as práticas sociais dos artesãos da Feira de Artesanato da Praça da República, identificando suas expressões e especificações nos processos de negociações e enfrentamentos no contexto das relações de trabalho e capitalismo na Amazônia paraense.

Do objetivo geral, derivam os específicos, os quais são: descrever o perfil socioeconômico dos artesãos; analisar as práticas desenvolvidas para a construção social da vida em associação na perspectiva organizacional; observar as relações de consonância, conflito e mediação entre os artesãos e demais Agentes do Campo de Relações; e identificar os processos criativos e de logística desenvolvidos pelos artesãos que indicam as condições de relação com o mercado e o trabalho.

Neste ponto, o pesquisador que desenvolveu esta pesquisa pede licença para tomar a palavra brevemente e abordar em primeira pessoa o histórico que fundamenta esta pesquisa.

Importante dizer que boa parte de minha existência ocorreu em meio a barracas da Feira de Artesanato da Praça da República em Belém do Pará. Meu pai foi um dos fundadores do que hoje é a ARTEPAM. Nossa família mudou de endereço, indo viver na Vila de Morro de São Paulo, na Ilha de Tinharé, Município de Cairú no Sul da Bahia, Nordeste do Brasil. Nesse novo lar, mais uma vez vi tal protagonismo de meu pai como um dos fundadores da AMOSP (Associação

---

<sup>7</sup> Das virtudes a mais abrangente é a que abarca a socialidade das pessoas entre elas e a vida em comunidade (Cícero, 2006).

de Artesãos e Artistas Moradores de Morro de São Paulo). Até os meus dezessete anos vivi essa realidade.

Na fundação da segunda associação, já como um jovem, foi perceptível a diferença na qualidade de vida, com a melhoria das condições de trabalho que a solidariedade, a reciprocidade e a cooperação trouxeram para nossa família. Devido a união de um grupo composto por artesãos e artistas que formou uma associação, houve a possibilidade de negociar e reivindicar a resolução de problemas que afetavam toda a coletividade<sup>8</sup>. Com a AMOSP representando uma comunidade, os gestores públicos — como o prefeito, vice-prefeito e os administradores municipais responsáveis pelo turismo, cultura e obras de urbanização — bem como os empresários, incluindo supermercados, restaurantes e lojistas, passaram a enxergar a comunidade com mais atenção. Para eles, pelo menos, passou a existir ali uma base de eleitores e consumidores bem organizada.

Como filho de um artesão associado e auxiliar do mesmo em diversas etapas de elaboração do artesanato, principalmente na coleta e tratamento da matéria-prima; consegui acompanhar a formação da AMOSP. Estive lá quando criaram o Estatuto Social, o Cadastro Nacional de Pessoa Jurídica (CNPJ), as eleições democráticas, a confecção do logotipo do grupo, ao fazerem as carteiras de identificação dos membros e até em prestação de contas de algumas gestões. Presenciei o maior reconhecimento por parte da sociedade e de melhorias palpáveis como a estruturação do espaço de exposição com: pavimentação, jardinagem, fornecimento de energia elétrica, quadro de avisos, espaço fixo e seguro para guardar barracas desmontadas e demais objetos ao terminar a feira, assim como a divulgação da feira como atrativo turístico por parte da administração do município.

Portanto, este estudo apresenta interesses pessoais e acadêmicos. Uma das justificativas para a pesquisa é o fato desta ser para mim uma catarse, um autoentendimento que poderá trazer memórias - e seus prolongamentos - de grande interesse para meus irmãos mais novos, os quais eram muito jovens quando ocorreu o falecimento de nosso pai. A outra justificativa que se apresenta

---

<sup>8</sup> Para Gorki (1982) aquele que vincula sua sorte a sorte de seu povo está vivo; aquele que, mesquinamente, só pensa em sua própria tranquilidade, mesmo que isso implique estagnação, está morto.

é a possibilidade de organizar e gerar informações que contribuam para o melhor entendimento da realidade<sup>9</sup> ao fazer um estudo sobre esse grupo de artesãos no que diz respeito à sua organização, de que forma podem representar alternativas de vida e trabalho e de qual modo se relacionam com o Capital. Um estudo que pretende destacar vozes diferentes das que contam a história de nossa sociedade. Aqui, volto ao meu distanciamento, dando lugar à impessoalidade do texto acadêmico.

Teoricamente a investigação possui diversos referenciais. Entre eles estão algumas pesquisas sobre artesãos e artesãs que foram tomadas como exemplos, são estudos que evidenciam os aspectos sociais, estéticos, históricos e políticos. Cita-se a dissertação de mestrado de Jardim (2013), intitulada “Mulheres entre enfeites e caminhos: cartografia de memórias em saberes e estéticas do cotidiano no Marajó das florestas”; o livro de Ferreira Júnior (2017), “Entalhadores do Efêmero” o qual analisa as relações sociais que ocorrem no processo criativo dos artesãos de Brinquedos de Miriti de Abaetetuba; e o estudo de Tavares (2012) que trata sobre as experiências de artesãos que vivem de um ofício tradicional dentro de um espaço urbano na capital paraense.

Nas análises interdisciplinares, buscar-se-á também obras de Karl Marx e de Pierre Bourdieu (1976; 1989). O primeiro expressa a determinação do processo de produção na formação do ser social, a grande divisão da sociedade em Classes Sociais, a Luta de Classes e o Poder Hegemônico exercido pela classe dominante.

Os dois autores têm origem intelectual na Filosofia, sendo que ambos acabam por criticar a postura que seus “colegas” filósofos estavam tendo quanto ao distanciamento da realidade. Na presente pesquisa, os estudos de ambos serão complementares entre si, sendo Bourdieu a englobar o universo econômico ao dos capitais; ao do social; ao do cultural; e ao do simbólico (Burawoy, 2010).

---

<sup>9</sup> A classe que detém os meios de produção já conhece necessariamente a si mesma, está consciente, embora de forma fragmentária, do seu poder e da sua missão. Tem objetivos individuais e realiza-os através da sua organização, friamente, objetivamente, sem preocupar-se se o seu caminho está empedrado de corpos exaustos pela fome. A instalação da real causalidade histórica adquire um elevado valor para a outra classe (Gramsci, 2021).

Nessa perspectiva cita-se o seguinte texto de Marx e Engels:

Os homens fazem a sua própria História, mas não a fazem como querem; não a fazem sob circunstâncias de sua escolha e sim sob aquelas com que se defrontam diretamente, legadas e transmitidas pelo passado (Marx; Engels, 1978, p.17).

Convergindo, Pierre Bourdieu explica que o fato social é algo que só pode ser explicado como um processo de vida em sociedade com a intervenção da sociedade sobre o(s) indivíduo(s). Bourdieu e Marx discordam do conceito de Naturalização dos acontecimentos em sociedade (trata-se aqui de biologia e genética). Os autores demonstram que o conceito de natureza humana com atributos inatos é algo ideológico e interessado em ocultar os processos de dominação, definindo o ser humano antes mesmo dele nascer.

A convergência entre os autores está em perceber que as classes sociais são transpassadas por relações de dominação e exploração, ficando para o Estado a dominação e reprodução, em Marx por meio da hegemonia e em Bourdieu por meio do monopólio da violência simbólica (Burawoy, 2010).

Tanto Marx quanto Bourdieu estudaram a relação dominante e dominado, por esse motivo a escolha de fundamentar a pesquisa utilizando, também, as obras desses autores. Importante externar que na busca pelo entendimento da realidade o teórico Karl Marx será utilizado de forma instrumental e não-dogmática juntamente com Pierre Bourdieu.

Para trazer subsídios teóricos à investigação, ocorreram diálogos com as obras de alguns autores que, por meio de suas pesquisas, são responsáveis pela análise crítica da realidade amazônica. Trata-se dos estudos sociais, econômicos e culturais de Edna Maria Ramos de Castro, de Francisco de Assis Costa e de Silvio Lima Figueiredo.

Juntamente com as obras e autores já citados, outros serão fundamentação na presente investigação<sup>10</sup>. Faço referência a Mao Tse-Tung, Antonio Gramsci, José Carlos Mariátegui, Florestan Fernandes, Eric Hobsbawm, Paulo Freire, Nestor Garcíá Canclini, Milton Santos, Michal Kalecki, Paul Singer,

---

<sup>10</sup> Salienta-se aqui as obras desses autores para o aumento e aprofundamento da discussão sobre trabalho e capitalismo na Amazônia paraense.

Darcy Ribeiro, Márcio Souza, Álvaro García Linera, Lúcio Flávio Pinto, entre outros.

O texto da tese segue com o capítulo que traz a pormenorização dos procedimentos metodológicos utilizados na investigação. Posteriormente está o capítulo que trata sobre os artesãos e suas práticas sociais. No item, é mostrado como eles iniciaram a formação da associação e começaram a organização da feira de artesanato. Nesse capítulo, se expõem e se fazem reflexões a respeito das práticas sociais dentro das duas conformações criadas, a ARTEPAM e a Feira de Artesanato da Praça da República. Ainda nesse capítulo, a Praça da República e seu entorno são bem descritos e analisados para que o leitor melhor compreenda o contexto urbano, social, econômico, cultural e turístico do âmbito de ação dos artesãos.

O penúltimo capítulo trata do artesanato na sociedade, desde um cenário mais generalista até chegar ao contexto do artesanato na Região Metropolitana de Belém (RMB). Por fim, o último capítulo culmina nas considerações finais.

## 2. APROXIMAÇÃO METODOLÓGICA

De início passaremos pelos conceitos que constroem e influenciam a investigação. Para tanto, algumas definições são importantes. Iniciaremos com a de metodologia. Essa que é o estudo do método, sendo ele a forma (ou modo; ou meio) como ocorrerá a pesquisa. Já a técnica é a maneira mais pontual e específica a ser utilizada para conhecer melhor algum aspecto do objeto de estudo.

A relação entre método e técnica ocorre quando cada pesquisa tem um objetivo cognitivo, ou seja, busca aprimorar, aprofundar e articular conhecimentos sobre um determinado tema (Marradi, 2002).

Para um melhor entendimento sobre o método utilizado - de forma genérica - na pesquisa científica, ou seja, o método científico, faz-se imperativo buscar por uma linha de desenvolvimento da ciência, culminando na interdisciplinaridade.

A grande referência temporal do que vem a ser a forma mais atual de se fazer ciência diz respeito à Revolução Industrial (no século XVII) como matriz da racionalidade científica disciplinar. Ali ocorre uma ruptura que implicou em outra concepção de saber por conta da novidade do método instituído. Destacam-se novas técnicas em busca da “verdade” que se utilizam dos métodos da observação, pesquisa e experiência (Martins; Soldá; Pereira, 2017).

Esse alicerce do método científico possui características, como ser baseado em evidências observadas (empirismo), a lógica (ou argumentos válidos) e a verdade transitória. Além disso, ele pressupõe etapas básicas de observar, questionar, formar hipóteses, fazer experimentos, encontrar evidências que se acumulam e, se possível, gerar ou contribuir para a geração de uma teoria. Nesse cenário, entende-se que o método científico pode ser exposto essencialmente por meio de uma determinada ideia que será testada e poderá ser descartada. O fato de ser experimentado e ser falseável é o que distingue o método científico. O avanço da ciência e do método científico ocorre descartando ou aprimorando as ideias/teorias erradas (e as incompletas) em um processo de autocorreção (e de complementação). Essa concepção de fazer ciência tem como marco o acréscimo do empirismo de Francis Bacon (*Novum Organum*, 1620) da seguinte forma: “é possível, portanto, falar da realidade que

nos rodeia sem renunciar à certeza de atingir o nível de veracidade que os matemáticos garantem”. Essa tendência é uma ambição que será a bandeira do empirismo lógico, florescendo até meados do século XX. Na tradição filosófica ocidental, René Descartes<sup>11</sup> proclama o papel central do método na atividade intelectual, definindo o método como "regras que levam ao verdadeiro conhecimento" (Marradi, 2002).

Essa universalidade do método científico está relacionada aos interesses dominantes que regem as decisões no Campo Científico: ocorrendo de forma vertical (de cima para baixo), elitista e sem considerar as camadas populares. Dentro de uma visão ocidental, essa abordagem, juntamente com a invasão, conquista e colonização de grande parte do planeta, eliminou ou dominou povos inteiros, ignorando as diferentes formas de analisar a realidade, produzir e transmitir conhecimento.

A convicção de que este é o único método possível para a ciência foi amplamente defendida inclusive nas ciências humanas, sendo fortalecida na metade do século XIX, pelo Positivismo de Auguste Comte<sup>12</sup>, e prosseguindo como protagonista até os anos cinquenta do século passado<sup>13</sup>, até ocorrer o surgimento e crescimento do Materialismo Histórico ou Marxismo cujo responsável pela elaboração foi Karl Marx (1818-1883) com ajuda de seu amigo Friedrich Engels.

O positivismo subsidia teoricamente a burguesia, o capitalismo e a imutabilidade<sup>14</sup> da desigual relação entre a minoria dona dos meios-de-produção e maioria assalariada. Já o Marxismo expressa que a vida entre os indivíduos tem como base o modo de produção que gera as classes sociais com diferentes interesses. O Marxismo ressalta que a tradição de todas as gerações mortas oprime como um pesadelo o cérebro dos que estão vivos (Marx, 2004). A cada geração, os indivíduos constroem a realidade influenciados pela condição histórica as quais encontram. Por isso, a realidade tem mudança - movimento -

---

<sup>11</sup> Em sua obra intitulada “Discurso do Método”.

<sup>12</sup> O positivismo enfatiza o conhecimento científico como forma exclusiva de chegar à “verdade”, desconsiderando outras formas de conhecimento.

<sup>13</sup> Aqui faz-se um salto na história, chegando à predominância do Positivismo.

<sup>14</sup> Destaca-se aqui a ideia basilar do filósofo Auguste Comte, formulador e precursor do positivismo, a qual declara que tudo o que conhecemos e não-conhecemos está submetido a leis naturais, invariáveis e imutáveis (Comte, 1996).

histórica e social. Tudo isso causa influência sobre o método de pesquisa, ou seja, a forma de fazer ciência.

Karl Marx estuda profundamente a sociedade burguesa e apresenta a expressão teórica dela por uma visão crítica, desenvolvendo um método para o entendimento dessa sociedade. Ele é uma interrupção no que o antecede. Ele faz a reflexão da sociedade burguesa de uma perspectiva dos trabalhadores do campo e da cidade em organicidade com os menos favorecidos. Isso é consequência de um processo de reflexões que reescreve a compleição sistemática do Capital, entendendo que as relações sociais na sociedade capitalista são coisificadas (transformadas em mercadorias).

O método de Marx é empírico, dialeticamente dedutivista e dependente da racionalização por meio do processo intelectual do pesquisador. Segundo Marx (2021), a vida social é fundamentalmente prática. Todos os mistérios que desviam a teoria em direção ao misticismo encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão dessa prática, pois não há teoria sobre aquilo que é inexistente. O fato é o início da construção do conhecimento dentro do contexto das contradições da vida material, pelo conflito existente entre as forças produtivas sociais e as relações de produção (Marx, 1983).

O método de Marx possui um caminho que vai do concreto, indo para a abstração, para enfim chegar ao concreto pensado. Por meio sensorial, o concreto é o real ou a aparência do objeto de estudo. Esse conhecimento inicial é ingênuo e confuso dentro de uma realidade considerada caótica que esconde a essência a ser desvelada. Para isso, usa-se a análise crítica na tentativa de revelar as contradições da sociedade capitalista. Trata-se da marcha até o pensamento abstrato, ao se elevar do mais simples ao complexo, correspondendo ao processo histórico efetivamente real (Marx, 2024).

Pode-se perceber tal movimentação ao observar que o capitalismo necessita da aparência harmônica de liberdade, de meritocracia, de igualdade e de reciprocidade. Essas aparências acobertam os dramáticos processos de exploração com fim na produção e no lucro. Ocultam a contradição entre forças produtivas e relações de produção. As revelações feitas através da reflexão crítica (abstração) trazem a relação entre aparência e essência, como é o caso da mais-valia, exemplo de concreto pensado, a qual expõe o desmesurado lucro

e acúmulo de capital por meio do trabalho explorado e apropriado pelo capitalista.

Tal mudança exprime que a qualidade de um cientista é manifesta menos por sua fidelidade a um método universal do que por sua sensibilidade às demandas específicas de um problema.

A tarefa do pesquisador é escolher o percurso, levando em consideração a natureza dos caminhos presentes no terreno, no tempo e nos recursos disponíveis, ou seja, os resultados de uma investigação dependem do conjunto de escolhas que o pesquisador fez ao longo de toda a jornada.

A técnica é a grande banalidade e o grande enigma, e é como enigma que ela comanda nossa vida, nos impõe relações, modela nosso entorno, administra nossas relações com o entorno. Se, ontem, o homem se comunicava com o seu pedaço da Natureza praticamente sem mediação, hoje, a própria definição do que é esse entorno, próximo ou distante, o local ou o mundo, é cheia de mistérios (Santos, 2011, p. 47).

Por isso, o relatório de pesquisa deve dedicar amplo espaço para detalhar e comentar as escolhas feitas, avaliando o máximo possível seus impactos nos resultados. O método consiste essencialmente na arte de escolher as técnicas mais adequadas para enfrentar um problema cognitivo, eventualmente combiná-las, compará-las, fazer modificações e até propor uma nova solução (Marradi, 2002).

Partindo da crise da ciência no modelo clássico (exata, objetiva, quantificável, “verdadeira”, neutra, pragmática, isolada, ou seja, na perspectiva positivista), é que emerge a discussão sobre a interdisciplinaridade com a necessidade de integração entre diversos tipos de conhecimento. Na modernidade, ocorre grande desenvolvimento tecnológico, desprendendo-nos ainda mais do natural e trazendo mudanças no pensar, no manusear e na elaboração da própria ciência. Com a pós-modernidade mais um destaque ocorre. É o que conhecemos como tecnociência. Vê-se que a interdisciplinaridade é o próprio melhoramento da ciência e da humanidade (Martins; Soldá; Pereira, 2017).

Factualmente a história mostra que a interdisciplinaridade é presente no Ocidente desde os gregos, passando pelos romanos, doutrinas do multissecular período medieval e Renascimento. Tudo feito de forma muito elitista, mas com

os Jesuítas o conhecimento torna-se um pouco mais abrangente. Na modernidade, proposições surgem para substituir o humanismo tradicional dos colégios jesuítas. Então, no século XIX ocorre um declínio na esperança interdisciplinar. O positivismo e o cientificismo fecham e isolam cada disciplina (Gusdorf, 1977). Por volta da década de 50 do século XX, torna-se mais forte a interdisciplinaridade como possibilidade de superação do conhecimento fragmentado, tentando compreender a interdisciplinaridade pelo viés de que todo conhecimento deve necessariamente estar em diálogo e ser passível de confirmação de e por diferentes aspectos, de negação, de questionamento, de complementação e de ampliação, a salientar as interfaces entre as disciplinas e não o confronto entre elas (Martins; Soldá; Pereira, 2017).

A problemática da interdisciplinaridade coloca-se em termos bem distintos, quando se trata de fazer colaborar as ciências da “materialidade” com aquelas cujo objeto de estudo são as realidades humanas: tanto no nível dos indivíduos - psicologia - quanto das sociedades - história, sociologia, economia, entre outras (Raynaut, 2014), destacando-se a interdisciplinaridade como um processo de resolução de problemas ou abordagem de temas que, por serem muito complexos, não podem ser trabalhados por uma única disciplina (Leis, 2013).

Apropriadamente o Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA) já busca por formação e produção científica dentro de um modo interdisciplinar, tal afirmação é bem expressa na apresentação encontrada no sítio eletrônico da unidade acadêmica:

Com uma proposta interdisciplinar, o NAEA realiza seus cursos de acordo com uma metodologia que abrange a observação dos processos sociais, numa perspectiva voltada à sustentabilidade e ao desenvolvimento regional na Amazônia (NAEA, 2020).

A mesma expressividade quanto ao diálogo entre conhecimentos e a geração de interfaces entre disciplinas ocorre no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU)<sup>15</sup>:

---

<sup>15</sup> Na avaliação 2017-2020, o PPGDSTU obteve nota máxima, o que equivale ao conceito 7, elevando-se ao nível de excelência. O resultado foi dado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), um órgão do Ministério da Educação responsável por essa avaliação.

O Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido (PPGDSTU) pertence ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos (NAEA), da Universidade Federal do Pará. O NAEA existe desde 1972, quando foi concebido como uma unidade de Pós-Graduação e de Pesquisa Interdisciplinar voltada à análise da dinâmica social, econômica e ambiental da Amazônia. No plano institucional, tinha a finalidade, enquanto instituto interdisciplinar, de propiciar a integração da Universidade Federal do Pará (UFPA) em suas diversas áreas de conhecimento, além de iniciar propostas de integração de pesquisas e ensino de pós-graduação no plano internacional, principalmente no que diz respeito à Pan-Amazônia (NAEA, 2021).

O NAEA apresenta-se como importante fonte de conhecimento que disponibiliza e transmite para a sociedade análises críticas da realidade de nossa Região Amazônica e, sobre essa característica de posicionamento institucional, o professor e pesquisador Francisco de Assis Costa diz o seguinte:

Uma institucionalidade nova deverá basear-se no melhor conhecimento possível sobre a sociedade e a economia amazônicas e sua base natural. Para tanto necessitará de capacidade própria, que lhes faculte o diálogo crítico e atualizado com as concepções modernas de desenvolvimento que hoje pautam a pesquisa de fronteira das ciências da sociedade e das ciências naturais, onde se destacam as patrocinadas pelas novas teorias institucionais, pelas teorias do desenvolvimento endógeno, pelas teorias evolucionárias das trajetórias tecnológicas, pelos esforços de determinação do peso da cultura e das redes sociais e do papel da especificidade ecológica na capacidade competitiva dos lugares, regiões *etc* (2006, p. 83).

Aproveitando o ambiente de ensino e pesquisa voltado para a interdisciplinaridade que o NAEA e o PPGDSTU disponibilizam, a presente investigação mostra-se interdisciplinar abrangendo o social e o cultural, inserida na vida associativa dos artesãos e as relações com o turismo, a política, a geografia, a economia, a sociologia e a história.

## **2.1. Sujeitos da pesquisa e os conceitos-chave**

Realizou-se o estudo com artesãos de uma associação que criou a Feira de Artesanato da Praça da República em Belém do Pará. O grupo figura no cenário local e regional como protagonista nos aspectos cultural, social e turístico, principalmente por ser organizador da associação e da conhecida feira na importante praça da capital paraense. Nesse cenário ocorreu o estudo sobre

as práticas sociais dos artesãos, as quais estabelecem a forma organizativa e as relações materiais criadas por eles, no caso trata-se da associação e da feira.

A pesquisa é bibliográfica e exploratória com coleta de dados em campo incluindo observação, aplicação de questionários e entrevistas. Um dos focos é as narrativas dos artesãos, em relatos de memória captados, utilizando a História Oral (Freitas, 2006; Meihy e Holanda, 2011; Montenegro, 2010). A História Oral possui ferramentas usadas para registro, documentação, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela sempre apresenta uma história do tempo presente e também conhecida como História Viva (Meihy; Holanda, 2011).

O ponto de partida das entrevistas em História Oral implica em aceitar que os procedimentos são feitos no presente, com gravações em áudio, e envolvem expressões orais emitidas com intenção de articular ideias orientadas a registrar ou explicar aspectos de interesses planejados no projeto da investigação (Meihy; Holanda, 2011).

Os sujeitos da pesquisa são os artesãos fundadores da associação e feira, os artesãos membros da gestão e os artesãos não-fundadores e que não são da gestão. Mais para frente, será explicado o motivo da escolha dos citados Agentes<sup>16</sup> e a relevância deles para a investigação.

Os conceitos-chave da pesquisa são:

- Trabalho: inserido nos conceitos Campo, *Habitus* e Capital de Pierre Bourdieu<sup>17</sup> e de Luta de Classe de Karl Marx;
- Artesanato: produção resultante da transformação de matérias-primas por técnicas de produção artesanal que expressem criatividade, identidade cultural, habilidade e qualidade;

---

<sup>16</sup> Tendo como orientação Pierre Bourdieu (1989), o termo Agente se refere ao longo do texto aos Agentes do Campo Social dos artesãos da Praça da República em Belém do Pará.

<sup>17</sup> Segundo Bourdieu (1989), o Campo é um espaço social estruturado, relativamente autônomo, no qual Agentes e instituições competem por poder e por legitimidade a partir de diferentes formas de Capital: econômico, cultural, social e simbólico. Já o *Habitus* é composto por arranjos sociais que orientam as ações e os modos de compreensão dos indivíduos (Agentes) nos Campos. A quantidade e o tipo de Capital que o Agente possui determinam sua posição no Campo, e seu *Habitus* condiciona suas ações no sentido da manutenção (reprodução) ou da modificação das relações de poder. Tais conceitos ajudam a analisar o trabalho dentro do capitalismo tanto como atividade econômica quanto como prática social, atravessada por lógicas específicas de reconhecimento, exclusão e luta.

- Artesão: indivíduo que exerce uma criativa prática manual com domínio do processo de produção;
- Práticas Sociais: incluindo a formação da associação e da feira; perfil e trajeto de vida dos artesãos; relações de consonância, de conflito e de mediação na sociedade; vida associativa; processos criativos; e logística em suprimento das necessidades coletivas e individuais;
- Formação Socioeconômica da Amazônia: trata-se das condições materiais existentes na sociedade, relações de produção/poder e influência na vida social, política, intelectual e espiritual de uma específica região<sup>18</sup>;
- Resistência: em um sentido de força de vontade que se opõem a outra força. Trata-se do resistir politicamente, socialmente, culturalmente, economicamente e até fisicamente por meio de uma atitude antiburguesa. Para tanto os subalternos se unem e se mobilizam buscando aumentar a força política e adquirir recursos (Gramsci, 2012). São ações de agregação que impedem a aniquilação individual para depois, em grupo, manter e melhorar as condições de Reprodução Social mesmo que não ocorra o triunfo sobre a classe dominante, mas a resistência acontece em curto, médio e longo prazo (um embate multissecular). Percebe-se que, na Amazônia, desde a invasão europeia ocorre a resistência dos povos originários passando também a ocorrer o ato de resistir dos negros escravizados e quilombolas, seguida pelos processos de negociações e enfrentamentos entre a classe dominante e o caboclo<sup>19</sup>. Na

---

<sup>18</sup> Desde a falácia do vazio demográfico até os dias atuais, pois quando os europeus chegaram à Amazônia - no século XVI - diversas sociedades já ocupavam o solo em uma urbanização nativa, possuíam técnicas de adaptação ao meio ecológico amazônico com sistemas de produção de ferramentas, cerâmica, agricultura, cultura de rituais e ideologias vinculados ao seu sistema político centralizado e sociedade estratificada marcada pela especialização técnica de grupos ou indivíduos, função social ou trabalho, que extrapolava os laços familiares (Lopes e Campos, 2021). Por aqui aconteceram genocídios! Não somente na porção brasileira da Amazônia ocorreram tais desumanidades, mas também em outras partes e, sobre esses fatos, José Carlos Mariátegui (2010) expressa que a destruição da economia nativa - e, finalmente, da cultura que se nutria através de sua seiva - é uma das responsabilidades do período colonial, não por ter se constituído na destruição das formas autóctones, mas sim por não haver trazido consigo sua substituição por formas superiores. O regime colonial desorganizou e aniquilou a economia agrária incaica, sem substituí-la por uma economia de rendimentos superiores. Sob uma aristocracia indígena, os nativos compunham uma nação de 10 milhões de homens, com um Estado eficiente e orgânico cuja ação alcançava todos os campos de sua soberania. Sob uma aristocracia de estrangeiras, os nativos se viram reduzidos a uma massa dispersa e anárquica de um milhão de homens, jogados na escuridão, servidão e no "felahismo".

<sup>19</sup> O termo caboclo ou caboco faz referência a grande parcela da população pertencente ao campesinato agrícola e extrativista da Amazônia. Há na Amazônia uma economia rural camponesa baseada em bioma, fundada tecnicamente em sistemas agroflorestais, de escala expressiva e extraordinariamente relevante na perspectiva de um desenvolvimento sustentável

atualidade se vê a relação antagônica entre as classes exploradas e exploradoras no capitalismo e globalização do século XXI.

Antonio Gramsci exprime bem a luta multissecular que acontece por aqui:

É verdadeiramente maravilhosa a luta que a humanidade combate desde um tempo imemorável: luta incessante, com que ela tenta arrancar e dilacerar todos os vínculos que as libidos de domínio de um homem só, de uma classe ou de um povo inteiro, tentam impor-lhe. Esta é uma epopeia que teve inúmeros heróis e foi escrita pelos historiadores de todo o mundo. O homem que, a um determinado momento se sente forte e tem consciência da sua responsabilidade e do seu valor, não quer suportar a vontade de uma outra pessoa, que controle as suas ações e o seu pensamento. Porque parece ser um cruel destino dos seres humanos este instinto que os domina, de quererem devorar-se uns aos outros, em vez de se juntarem na luta contra a natureza, para poderem tornar mais útil às necessidades dos homens. Porém, quando um povo se sente mais forte e aguerrido, pensa logo em atacar os seus vizinhos, para os expulsar e oprimir. Porque é claro que quem ganha quer destruir quem perde. Embora o homem, que por natureza é hipócrita e falso, não diga logo "eu quero conquistar para destruir", mas "eu quero conquistar para civilizar". E todos os outros, que os invejam e querem, por sua vez, fazer o mesmo, fingem acreditar e elogiam (Gramsci, 2021, p. 35).

- Economia Popular Solidária (EPS): é uma alternativa ao modelo econômico capitalista na qual se enquadram os artesãos, a ARTEPAM e a feira de artesanato organizada por eles. A EPS é uma resposta às dificuldades que muitos dos brasileiros enfrentam para trabalhar de forma mais justa<sup>20</sup>. Ela é um conjunto heterogêneo de práticas econômicas mais voltado para a reprodução social dos trabalhadores por meio da união entre seus membros. Ela tem como característica a solidariedade, a valorização da vida, a autogestão, a cooperação, a sustentabilidade, o associativismo, a igualdade, o comércio justo, o respeito e a integração aos processos econômicos e culturais locais.

A EPS é constituída por atividades econômicas informais realizadas por pequenos produtores independentes e trabalhadores autônomos. O artesanato e a EPS possuem íntima relação, pois o primeiro gera emprego e renda para os artesãos de ofício e a segunda é uma forma do artesanato ser, no caso dos

---

e inclusivo. A origem histórica remonta ao período colonial, quando famílias nucleadas surgidas dos aldeamentos missionários fundiram conhecimentos indígenas e necessidades europeias. Acréscimos se fizeram em diferentes momentos, como na fase pós-boom da borracha, referidos a distintos territórios da Amazônia. Trata-se, portanto, de estrutura difusa e culturalmente enraizada, cobrindo grande parte da região (Costa, 2020).

<sup>20</sup> O emprego regular e assalariado no Brasil não era e não é uma realidade para a maioria dos trabalhadores. Em nosso país um grande contingente de trabalhadores sempre ficou fora do emprego formal.

artesãos aqui estudados, comercializado. Esses trabalhadores e trabalhadoras que produzem artesanato individualmente ou de modo familiar se organizam para comercializar seus produtos de forma coletiva (em feiras, por exemplo).

A associação ou cooperativa de comercialização serve aos pequenos produtores urbanos: taxistas, artesãos, entre outros. O que caracteriza todas estas entidades é a escassez de capital (decorrência de poucos recursos materiais) e a prática solidária. A solidariedade substitui, em alguma medida, o capital faltante (Singer, 2001). Essa EPS tem uma lógica econômica característica que a diferencia do Capital. Triunfa nela uma ética voltada para o atendimento das necessidades coletivas.

No capitalismo, a arma dos desprovidos de capital material e simbólico é a solidariedade. Os proprietários não apenas podem dispor de seu dinheiro, mas a sua posse lhes dá crédito para obter ainda mais dinheiro. A posse dum diploma e título, as conexões sociais da família e “amigos”, a residência num bairro fino e outros sinais exteriores de “riqueza”, vale dizer, de pertencer à classe mais abastada são as condições essenciais para entrar nas competições por posições de poder, seja este empresarial, financeiro, acadêmico, político ou semelhante (Singer, 2001).

## **2.2. Fases da pesquisa**

O estudo foi delineado seguindo seis fases que se distribuíram pelo decorrer do curso de doutorado<sup>21</sup>, foram elas:

Fase 1: durante a Fase Bibliográfica, ocorreu o levantamento e análise bibliográfica dos assuntos relacionados direta e indiretamente ao tema. Em março de 2024 ocorreu a Qualificação.

Fase 2: na Fase Vivencial, aconteceu a coleta de dados em campo (observação, entrevistas e questionários).

Fase 3: na Fase de Tabulação e Transcrição, as informações coletadas foram transcritas, organizadas e tabuladas.

---

<sup>21</sup> A investigação tem o registro na Plataforma Brasil de número 69659623.5.0000.5169 e o parecer de aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa de número 6.622.085.

Fase 4: na Fase de Análise, os dados coletados e organizados foram interpretados a partir de inferências e raciocínios críticos tendo em vista responder o problema e alcançar os objetivos;

Fase 5: a Fase das Considerações Finais trouxe reflexões, proposições e entendimentos que resultaram da análise dos dados, formando o texto da tese.

Fase 6: a Fase de Devolução tem como referência a seguinte expressão de Karl Marx (2021) encontrada em “Teses sobre Feuerbach”: os filósofos têm somente interpretado o mundo de maneiras diferentes; a questão, porém, é transformá-lo.

Outra orientação da sexta fase é a que aponta Mao Tse-Tung, na obra intitulada “O Livro Vermelho” (2003, p. 146):

O materialismo dialético da filosofia marxista tem duas particularidades mais evidentes. Uma é o seu caráter de classes: afirma abertamente que o materialismo dialético serve o proletariado; a outra é o seu caráter prático: sublinha o fato de a teoria depender da prática, de a teoria basear-se na prática e por sua vez, servir a prática.

A filosofia marxista sustenta que a questão mais importante não é compreender as leis do mundo objetivo e poder, por isso, explicá-lo, mas sim utilizar o conhecimento dessas leis para transformar ativamente o mundo.

A fase seis ocorreu desde o segundo semestre do último ano do curso, consistindo no retorno para os artesãos dos produtos da pesquisa, na tentativa de “devolver” resultados aos diretamente e indiretamente envolvidos na pesquisa e divulgar o produto dela.

Os meses dos anos de 2021 e de 2022 foram utilizados para cursar as disciplinas obrigatórias e optativas, participar de eventos, escrever artigos e capítulos de livros para publicação, fazer a segunda prova de proficiência em língua estrangeira e todas as demais determinações feitas pelo PPGDSTU, além de, nesses meses, já iniciar a pesquisa bibliográfica e a ida para observação em campo.

### **2.3. Questionário e entrevista**

O questionário é uma ferramenta inclusa na pesquisa de campo, objetivando a coleta de dados. A intenção é fazer o recolhimento de informações buscando por generalidades e especificidades do grupo. Destaca-se que é de

grande importância para a pesquisa a tentativa de explicar qual a capacidade organizativa dos artesãos, tratando tal capacidade de auto-organização<sup>22</sup> como operação constante e determinante dentro de questões políticas, administrativas, jurídicas e econômicas.

No propósito de fazer as entrevistas com os questionários para pesquisar a realidade estudada, foram elaboradas perguntas e um roteiro de entrevista.

Abaixo seguirão os assuntos que fizeram parte das entrevistas, questionários e observação em campo. Os assuntos são tratados em tópicos, sendo que eles se referem aos objetivos da presente pesquisa.

O primeiro tópico refere-se a entender as dinâmicas de vida e cadeia de sociabilidade dos lugares de localização da feira.

A feira é um espaço que faz parte de uma “metrópole amazônica”, a qual possui uma rede urbana com diversos significados de acordo, principalmente, com a posição financeira do indivíduo ou organização social que faz parte. A intenção foi refletir sobre práticas de reciprocidade e processos de assimetria que ocorrem ali, gerando uma exposição de interpretação das interações que ocorrem.

Ocorreu o intuito de registrar, com alguns aportes da perspectiva etnográfica, dinâmicas de intersubjetividade as quais consistem na relação dialógica entre os que fazem as relações sociais. Com isso, busca-se perceber dinâmicas de vida e cadeia de sociabilidade da feira dentro da praça, do bairro e da cidade, e assim compreender a cadeia de socialidades estabelecidas nesse espaço público, identificando territórios de artesãos e suas relações com artistas, colecionistas, revendedores de artesanato e arte, vendedores de produtos industrializados, vendedores de plantas, membros do Movimento Hare Krishna, vendedores de animais domésticos, fotógrafos, vendedores de alimentos, camelôs, vendedores de livros usados, vendedores de discos de vinil usados, vendedores ambulantes de alimentos, vendedores ambulantes de bebidas, vendedores ambulantes de brinquedos, tatuadores, roqueiros, regueiros, esquetistas, patinadores, alugadores de brinquedos infantis, protetores dos animais, ciclistas, artistas de rua, panfleteiros, guardadores de veículos,

---

<sup>22</sup> Trata-se de como decidem e realizam ações de logística, burocracia e captação de recursos. Mais abaixo, no tópico quatro, o assunto será detalhado ao buscar sobre a vida associativa dos artesãos.

capoeiristas, jornalheiros, veganos e vegetarianos, turistas, pregadores evangélicos, familiares dos artesãos, visitantes belenenses, pedintes, pessoas em situação de rua, fiscais da prefeitura, guardas municipais, policiais militares, entre muitas outras variedades de público presentes na praça.

Busca-se perceber pontos de passagem, trajetos e deslocamentos regulares ou irregulares, levando em consideração que cada categoria pode ocupar espaços em horários diferentes. Observando cenas pontuais de cooperação e conflito como formas da interação social.

O segundo tópico pretendeu descrever o perfil socioeconômico dos artesãos. Coletar dados com diversas variáveis e categorias, utilizando questionários aplicados aos artesãos.

Já o terceiro tópico diz respeito a observar as relações de consonância, conflito e mediação entre a atividade turística, artesãos, Estado, comerciantes e moradores.

A finalidade aqui foi perceber como se dá a relação com os comércios, edifícios residenciais e casas nos arredores da feira; as relações entre os fiscais e guardas municipais, os feirantes e o público frequentador; o convívio entre os artesãos e os não-artesãos; os associados e os não-associados. Busca-se perceber também como encontra-se a visão daqueles que estão legalizados e representados em uma associação para usufruir comercialmente de um espaço público em relação aos que se mostram de forma menos oficializada e em condições que podem ser precárias.

Outra situação que se apresentou foi o relacionamento entre sociedade e Estado quanto ao gerenciamento do espaço público (no caso, o local onde ocorre a feira, a Praça da República), uma ligação que está diretamente relacionada às condições de trabalho dos artesãos ao irem expor na feira. Buscar-se-á observar os pontos positivos e as fragilidades dos serviços prestados pelo Estado.

O tópico quatro traz a questão de observar como são as práticas desenvolvidas para a construção social da vida associativa, buscando conhecer como fazem sua autogestão (tomam decisões e as realizam) no que diz respeito a limpeza, segurança, propaganda, tributos, burocracia estatal, posicionamento físico no espaço da feira, padronização ou não das barracas de venda, transporte, prestação de contas interna, disponibilidade de serviços (como água potável e não-potável, guarda de objetos, banheiro, montagem e desmontagem

das barracas), captação de recursos públicos e privados para melhorias da associação e a organização das ações de cooperação.

O quinto tópico almejou, com relação aos artesãos, identificar seu posicionamento, suas dificuldades e suas facilidades na comercialização.

Para as implicações que se apresentam no quinto tópico diversos questionamentos surgem, sendo eles:

- Como os artesãos e artistas apresentam o fruto de seu trabalho no que diz respeito ao significado dado aos seus artesanatos e/ou objetos de arte produzidos?
- De que forma eles se observam atuando em sua profissão e ocupando seu espaço na associação, na feira e na sociedade?
- Os artesãos percebem a importância social, econômica, política e cultural do artesão, da associação e da feira? Qual será a percepção do artesão ao fazer relação entre cultura popular e cultura de massa? Como fazem a comparação entre produtos artesanais e produtos industriais?
- Quais tipos de ações existem por parte do Estado, associação e indivíduos para facilitar a comercialização na feira? Existe um sítio eletrônico com possibilidade de encomendas por meio da rede mundial de computadores? Máquina de cartões de crédito e débito? Conta coletiva ou individual? Cadastro em formas de pagamentos instantâneos?

O sexto e último tópico verificou a ligação com os processos criativos e de logística feitos pelos artesãos. Para tanto, as seguintes perguntas se apresentam:

- Como conseguem a matéria prima? As ferramentas utilizadas são individuais ou de propriedade coletiva? Possuem oficinas ou ateliês próprios, improvisam em suas moradias e/ou utilizam espaços coletivos? Armazenam seu estoque de produtos e matéria-prima em qual local?
- Como transportam seus produtos para a feira e de lá para o local de origem? Em quais recipientes (sacolas, mochilas, malas e/ou caixas)?

O intento das perguntas é ouvir os sujeitos da pesquisa e assim conseguir informações para tentar entender as ações do grupo estudado, percebendo fatores que influenciam suas práticas sociais e sobre isso fazer reflexões dentro da realidade de uma sociedade localizada na Amazônia, com clima característico, recursos naturais específicos, cultura singular e sua particular

história marcada pela extrema desigualdade inseparável ao capitalismo, levando, também, em consideração as peculiaridades nas relações de trabalho dentro de um contexto de atividades extrativistas que exploram a Amazônia com relação a seus recursos naturais e mão-de-obra das populações nativas e das que para lá foram deslocadas no sentido de gerar riquezas para outras localidades, seja Portugal, o Império do Brasil, a República Federativa e/ou outras nações, sem ocorrer a proporcional devolução, mas, pelo contrário, sucedem-se elevados custos sociais, ecológicos e econômicos. A população local recebeu e recebe poucos benefícios em comparação ao lucro gerado pela exploração humana e dos recursos naturais, principalmente por serem atividades extrativistas exportadoras de matérias-primas. Desde a escravização dos povos nativos e dos negros escravizados; da prática abusiva do aviamento durante a economia da borracha; da pecuária na qual grandes áreas são ilegalmente desmatadas por trabalhadores em situação degradante; da mineração, utilizando (em parte) carvão vegetal produzido em fornos de barro – subproduto do desmatamento ilegal –, com os trabalhadores (entre eles crianças) em contato com gases tóxicos e precárias condições; da soja que avança sobre a floresta, sobre as terras indígenas e sobre as áreas de proteção ambiental utilizando mão-de-obra análoga à escravidão, tal caminho vem sendo construído tendo como base a percepção da Amazônia mítica e lendária ao lado de abusiva e violenta exploração<sup>23</sup>.

#### **2.4. Pesquisa em campo**

Alguns dados preliminares foram coletados em campo por meio somente de observação, evitando aglomerações e contato, devido à recente situação de pandemia em nossa sociedade. As idas a campo ocorreram desde março de 2021. Nesse primeiro mês, um domingo foi utilizado; em abril, outro domingo; em maio dois domingos intercalados foram usados, o mesmo ocorrendo no mês de junho do mesmo ano. Em alguns domingos cheguei pelo início do dia e fiquei até às vinte horas, já nos outros variei os turnos, divididos em manhã, tarde e noite.

---

<sup>23</sup> O mundo capitalista é totalmente entregue a inveja e a competição. O capitalismo é o anticapitalismo ao mesmo tempo. Tanto que se vê o Capital Financeiro Especulativo se apoderar dos empreendimentos para desmembra-los e canibaliza-los de uma forma altamente destrutiva.

Outras visitas ocorreram<sup>24</sup> nos sábados e outras em dia de semana. A limitação dos horários até às vinte horas e a maior ênfase de visitas aos domingos se dá pelo fato da feira de artesanato ocorrer somente nesse dia, diminuindo muito seu movimento por volta de quinze horas e encerrando suas atividades cerca de dezessete horas.

A outra ação consecutiva em campo ocupou-se em aplicar as perguntas durante as entrevistas. Para isso a forma teórico-metodológica de Michel Thiollent<sup>25</sup> (1987) foi uma das organizadoras no presente estudo. Sobre a entrevista de pesquisa Thiollent expressa:

O princípio geral de todos esses estudos é o de que a entrevista (de pesquisa) não é simplesmente um trabalho de coleta de informações, mas, sempre, uma situação de interação, ou mesmo de influência entre dois indivíduos, e que as "informações" dadas pelo sujeito (o "material" que ele fornece) podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador. Se a maior parte desses estudos se baseara no comportamento do entrevistador, sua formação para as enquetes (e correlativamente nas melhores maneiras de conduzir (*sic*) a entrevista, de formular suas perguntas ou intervenções), uma outra série de pesquisas colocara em evidência a influência de características próprias ao entrevistador e totalmente independentes de seu comportamento durante a entrevista ou de sua competência técnica. O mais surpreendente é ainda o fato... de se espantar com isso! (Thiollent, 1987, p. 178).

Devido a tal norteamto, escolheu-se o uso de perguntas não-diretivas, sendo os entrevistados executores ativos do direcionamento do questionário/entrevista e carregados de iniciativa intelectual.

Outra situação que se apresentou foi a escolha da amostra. Ela que exprime quais Agentes do Campo Social foram selecionados. Sobre isso Thiollent diz:

Numa pesquisa quantitativa, é a amostra, constituída por indivíduos escolhidos ao acaso, que é considerada como representativa. Ela é, de algum modo, um modelo reduzido da população total, na qual os diferentes grupos sociais se encontram com os pesos respectivos que têm na população.

Numa pesquisa qualitativa, só um pequeno número de pessoas é interrogado. São escolhidas em função de critérios que nada têm de probabilistas e não constituem de modo algum uma amostra representativa no sentido estatístico. É, sobretudo, importante escolher indivíduos os mais diversos possíveis. E, na verdade, em função do

---

<sup>24</sup> A pesquisa em campo continuou, as observações se mantiveram a cada visitação, ocorrendo o exercício da escrita em um caderno de campo e os registros por meio de fotografias.

<sup>25</sup> Agregando-se à História Oral.

que dissemos mais acima, é o indivíduo que é considerado como representativo pelo fato de ser ele quem detém uma imagem, particular da cultura (ou das culturas) à qual pertence. Tenta-se apreender o sistema, presente de um modo ou de outro em todos os indivíduos da amostra, utilizando as particularidades das experiências sociais dos indivíduos enquanto reveladores da cultura tal como é vivida.

A amostra é então constituída a partir de critérios de diversificação em função das variáveis que, por hipótese, são estratégicas, para obter exemplos da maior diversidade possível das atitudes a respeito do tema em estudo (Thiollent, 1987, p. 199).

Na atual pesquisa três são os tipos relevantes de Agentes. Cita-se os artesãos fundadores da associação e da feira de artesanato, os artesãos membros da gestão e os artesãos não-fundadores e que não são participantes da gestão. O quadro abaixo traz esses tipos de Agentes, mostra a quantidade mínima de entrevistas que foram pretendidas, o método que guiou a aplicação das entrevistas e questionários, as variáveis que ajudariam a responder as questões da investigação e, por fim, o motivo da escolha:

**Quadro 1:** Agentes, organizador metodológico, variáveis e motivação.

Qtd.	Organizador Metodológico	Agentes	VARIÁVEIS	Motivo da entrevista
02	Amostra representativa (Thiollent, 1987)	Artesãos fundadores	FORMAÇÃO da associação e da feira;	Têm a possibilidade de apresentar informações sobre o início da associação até a atualidade;
02	Amostra representativa (Thiollent, 1987)	Artesãos membros da gestão	PERFIL e trajeto de vida dos artesãos;	Podem expressar sobre a atual situação da associação e da feira;
03	Bola de Neve	Artesãos não-fundadores e que não são da gestão	RELAÇÕES de consonância, de conflito e de mediação na sociedade;	Trazem a chance de mostrar as visões como associados que participam e usufruem das ações da associação;
			VIDA ASSOCIATIVA: administrativa, processos criativos e logística.	

**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

As entrevistas feitas com base na História Oral e na organização metodológica de Michel Thiollent (1987) foram direcionadas aos dois primeiros tipos de Agentes. Já as entrevistas com os Artesãos não-fundadores e que não são da gestão tiveram amostragem e organização metodológica por meio do método Bola de Neve<sup>26</sup> (Vinuto, 2014). A proposta de questionário e roteiro das

<sup>26</sup> É um método de amostragem que utiliza amostra não probabilística e cadeias de referência. Inicia com um informante-chave (no caso, será um artesão associado que não é fundador e não é participante da gestão) dentro da população geral o qual ajuda o pesquisador a iniciar seus contatos. Em seguida, solicita-se que a pessoa indique novos contatos com as características

entrevistas estão nos Apêndices juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

As entrevistas com os Agentes foram feitas. Delas participaram dois artesãos fundadores da associação e da feira de artesanato, dois artesãos membros da gestão, e quatro artesãos não-fundadores e que não são participantes da gestão.

As informações reunidas por meio da análise de documentos, das observações realizadas e das experiências vivenciadas no campo, assim como as falas dos artesãos, são elementos essenciais para a construção dos capítulos que se seguem. Em particular, as falas desses agentes trazem a dimensão da oralidade, que se destaca como um aspecto central da metodologia adotada. Por meio da oralidade, os artesãos têm a oportunidade de expressar suas perspectivas, experiências e saberes de forma direta e autêntica, contribuindo para uma compreensão mais rica e aprofundada do fenômeno estudado. Essa valorização da voz dos artesãos não só fortalece o caráter qualitativo da pesquisa, como também possibilita que a narrativa se ancore nas práticas cotidianas, nos contextos sociais específicos e nas múltiplas formas de significação atribuídas pelos próprios participantes. Dessa maneira, os dados coletados, com ênfase na escuta ativa dessas vozes, oferecem uma base sólida para as análises e reflexões que compõem os capítulos subsequentes.

---

desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente. Eventualmente o quadro de amostragem torna-se saturado, ou seja, não há novos nomes oferecidos ou os nomes encontrados não trazem novas informações (Vinuto, 2014).

### 3. ARTESÃOS, PRÁTICAS SOCIAIS E ORGANIZAÇÃO

*“O artesanato é o primeiro dos trabalhos do ser humano!”*

Membro da ARTEPAM

A Amazônia está irremediavelmente ligada ao global e sua preservação precisa considerar a esfera da política econômica e ambiental mundializada (Castro, 2004). Aqui as cidades são demarcadas pela presença da floresta. Até mesmo as grandes metrópoles guardam marcas da história colonial e dos processos mais recentes de ocupação de novas fronteiras. A origem social ou étnica é bastante diversa pelas culturas e economias presentes o que torna essa região um extraordinário mosaico de diversidade cultural, de línguas, de costumes e concepções de vida (Castro, 2008).

O contraditório que se apresenta é a forma como a elite político-econômica se perpetua, dominando o aparelho estatal e privado para benefício próprio e manipulando a população empobrecida (Pinto, 2003). Tal elite nem mesmo eliminou o trabalho escravo na Amazônia<sup>27</sup>. Vê-se uma situação que transfere riqueza de uma parte para outra, produz aqui a opulência e ali a necessidade (Kalecki, 1978).

O capitalismo em sua forma tradicional é somado a formas híbridas como o artesanato e outros processos ainda tradicionais. Nessa conjuntura as comunidades negociam com o Capital em situação difícil, gerando circunstâncias com características próprias em perspectiva das corporações globais com o que é local, em formas dispersas e dissonantes de capitalismo as quais ajudam a manter o capitalismo central europeu e estadunidense como colonialidade (Federici, 2017).

São diversos subsistemas primitivos e alternativos que de alguma forma alimentam e resistem ao sistema principal, entre eles está o artesanato (Federici, 2017). Essas populações marginais ao se relacionarem com o Capital produzem sua resistência que, no caso dos artesãos, é feita pela forma organizativa deles ligados ao modo de produção. Com relação ao tema, o autor Álvaro García Linera fala o que segue:

---

<sup>27</sup> Os dez municípios com maior número de casos de trabalho escravo no Brasil estão na Amazônia, sendo oito deles no Pará (OIT, 2023).

... estructuras de acción colectiva capaces de producir metas autónomas de movilización, asociación y representación simbólicas de tipo económico, cultural y político. De manera analítica, en su interior se pueden diferenciar, al menos, los siguientes aspectos: las condiciones de posibilidad material que habilitan un espacio amplio, pero acotado de probables ámbitos de interacción social y que, bajo circunstancias excepcionales de trabajo colectivo, generan la emergencia de determinado movimiento social; el tipo y la dinámica de las estructuras de agregación corpuscular y molecular de los sujetos movilizados; las técnicas y los recursos de movilización y, por tanto, la trama material del espíritu de cuerpo movilizado; los objetivos explícitos e implícitos de la acción social, manifiestos en los discursos y la acción del cuerpo social movilizable; la narrativa del yo colectivo, esto es, el fundamento cultural y simbólico de autolegitimación del grupo constituido en el momento de su movilización; las dimensiones política (estatal o antiestatal) y democrática (reinvención de la igualdad y de lo público) puestas en juego (2020, p. 294).

Nessa conjuntura, Florestan Fernandes (2015) diz que as classes sociais na América Latina tiveram maneiras específicas de formação com incompletudes e deformações advindas dos processos coloniais e neocoloniais gerando formas particulares de desenvolvimento do capitalismo que não consegue concluir o percurso de uma revolução burguesa típica.

Não ocorreu na Amazônia, diferentemente da Europa Ocidental, a relação antagônica entre burguês e proletário dentro de um mercado em constante expansão e dominado pela burguesia que sempre busca por maiores lucros, pois por aqui a exploração entre capitalista e mão-de-obra se diferencia devido às condições extrativistas detentoras de relações entre elite dominante e explorados. Sobre essa circunstância Linera expressa:

El Estado no pudo construir ni la nación, ni la sociedad, ni mucho menos la reforma de esta última. Para que esto sucediera en Latinoamérica tuvo que esperarse (y en algunos casos se sigue esperando) durante años y décadas desde la “independencia”, a que la sociedad emergiera de su letargo y su fuerza fuera contundente (2020, p. 42).

Na Amazônia paraense, depois de dois períodos de “boom” da borracha, uma série de tipos diversos de produções ficaram por aqui. Na ditadura militar de 1964, ocorreram várias outras ações que trouxeram consequências entre as quais, atualmente, tem como expoentes as grandes mineradoras e o agronegócio de grande escala, tudo em paralelo com atividades de garimpo, madeireira, produtos não madeireiros, artesanato, turismo, entre muitas outras.

A industrialização marginalizou e desvalorizou os artesãos! Eles foram colocados de lado por não produzirem no tempo, na quantidade, na forma e no custo pretendido pelo Capital. Atributos expressos na fala de um membro da ARTEPAM:

Faço meu artesanato com amor, por gostar de fazer e te digo que nenhuma peça é igual a outra.

O artesão domina todo o processo de produção contrariando a ideologia do capitalismo, a qual aliena o trabalhador isolando e separando o trabalho intelectual do trabalho manual (como no Fordismo, no Toyotismo, na automação e na terceirização), mas na sociedade pós-industrial o turismo com motivações culturais passa a agregar o artesanato como algo diferenciado, original e representativo do local visitado (Figueiredo, 1999). Não foi possível eliminar essa forma de produção dentro da sociedade capitalista, porém ocorre a tentativa de mercadorização.

De forma anacrônica o artesão e o artesanato foram inseridos e explorados, passando a ter uma função dentro do capitalismo com as classes sociais mais abastadas a buscar por coleções e recordações típicas do local visitado. Soma-se a isso as reações no que diz respeito ao processo de globalização, surgindo respostas de resgate do espaço local e, nesse cenário, o artesanato apresenta relação com o que é culturalmente endógeno, promovendo e tentando afirmar a identidade regional e apresentando opções diferentes dos produtos uniformes e massificados.

Percebe-se nos artesãos de ofício da ARTEPAM a dedicação pelo refinamento de métodos de confecção dos produtos. Eles disponibilizam tempo para estudar equilíbrio de formas, cores, resistência e durabilidade. Cada vez mais tentam juntar o belo com o que é útil, prático e durável. Um comportamento fora da lógica do capitalismo!

Um item de artesanato nunca é igual! Minhas peças, por exemplo, nunca terminam uma igual a outra ao serem finalizadas. Muitos detalhes ficam diferentes: cor, costura, marcações *etc.*

Membro da ARTEPAM

A reprodução social do artesão no capitalismo contemporâneo não ocorre somente devido às demandas do turismo e às reações à globalização, mas, também, pelas consequências estruturais do capitalismo, como a informalidade e precarização do trabalho e a cruel necessidade de existência do imenso exército de reserva de mão-de-obra.

O artesão tem profunda importância para a sociedade, mas a valorização que dão é muito rasa.

Membro da ARTEPAM

Em função da repetitiva falácia capitalista de meritocracia, de liberdade, de igualdade, de fraternidade e de prosperidade para todos, muitos indivíduos excluídos propositalmente (ou por escolha própria) do mercado de trabalho formal encontram no artesanato uma alternativa econômica de pequeno investimento inicial para ser sua renda principal ou complementar.

Dentro dos elementos estruturais trazidos por Karl Marx (1983) e dos Agentes evidenciados por Pierre Bourdieu (1989), pode-se perceber que, na estrutura e na superestrutura criadas pelo Capital, as formas de domínio condicionam os Agentes e estes reagem formando o *habitus* (Bourdieu, 1989) ao ocorrer a incorporação à estrutura, os enfrentamentos e as negociações. Nesse contexto, o artesanato representa uma forma diferenciada de subsunção do trabalho, pois o artesão perpassa por todas as etapas de produção, desde o tratamento da matéria-prima até a finalização do produto e, em muitas das vezes, faz a comercialização da peça pronta em seu local de venda<sup>28</sup>. Por vezes esses trabalhadores se organizam e então - de maneira coletiva - resistem à opressão

---

<sup>28</sup> Cresci vendo meu pai, um artesão de grande dedicação, dominar todo o processo de produção e vender seus produtos diretamente na feira de artesanato. Sempre admirei o modo como ele colocava sua história e cultura singulares nas peças que fazia. Mas também percebi a vulnerabilidade que essa profissão traz. Os artesãos não possuem carteira assinada e, por isso, não têm acesso a direitos trabalhistas como férias remuneradas, piso salarial, descanso semanal remunerado, 13º salário, seguro-desemprego e FGTS (Fundo de Garantia do Tempo de Serviço). Essa fragilidade, infelizmente, não é exclusividade deles. Recentemente, alguém muito próximo de mim perdeu o emprego e passou a trabalhar como motorista de aplicativo. Nesse convívio, percebi fragilidades ainda maiores enfrentadas pelos trabalhadores das atuais megaempresas de tecnologia, que mantêm uma relação controversa com seus “parceiros”, também sem carteira assinada. Cito como exemplo as empresas de transporte por aplicativo, que utilizam plataformas digitais para definir tarifas e condições de trabalho, muitas vezes sem aviso prévio aos motoristas. Essas plataformas exercem pressão para que os trabalhadores cumpram metas de desempenho. Esses indivíduos sofrem com o desgaste físico e mental causado pelas longas horas ao volante e ainda estão sujeitos à intensa competição entre motoristas, o que pode levá-los a aceitar remunerações cada vez mais baixas para garantir as corridas oferecidas pela plataforma.

capitalista em uma prática inserida na Economia Popular Solidária ou EPS. Sobre essa ação coletiva, Santos (2011, p. 159) diz:

Uma coisa é a conquista de uma personalidade forte, capaz de romper com os preconceitos. Outra coisa é adquirir os instrumentos de realização eficaz dessa liberdade. Sozinhos, ficamos livres, mas não podemos exercitar a nossa liberdade. Com o grupo, encontramos os meios de multiplicar as forças individuais, mediante a organização. É assim que nosso campo de luta se alarga e que um maior número de pessoas se avizinha da consciência possível, rompendo as amarras da alienação. É também pela organização que pessoas inconformadas se reúnem, ampliando, destarte, sua força e arrastando, pela convicção e o exemplo, gente já predisposta, mas ainda não solidamente instalada nesses princípios redentores.

Nesse cenário está a EPS como alternativa ligada à procura da construção de uma atividade econômica com visão além do lucro pelo lucro, centrada no trabalho e alicerçada nos valores da solidariedade, do autogoverno, da cooperação e da reciprocidade, contestando os recursos e o poder da economia capitalista<sup>29</sup>. Uma das principais diferenças entre a economia solidária e as empresas capitalistas é que estas últimas constituem uma sociedade de capitais, ao contrário da economia solidária, que são sociedades de pessoas (Hopp, 2021).

No Brasil, quem são as pessoas que predominantemente têm se organizado com base nos princípios da EPS? Fundamentalmente, podemos afirmar que são aqueles que fazem parte da população que ao longo da história se organizaram social e politicamente para resistir à colonização, à subordinação ou à exclusão social e, assim, construir bases sociais e econômicas alternativas. Estamos falando de comunidades tradicionais, de agricultores familiares (camponeses), de trabalhadores rurais sem-terra, de desempregados ou em condições precárias de trabalho, de coletores de material reciclável, de trabalhadores autônomos como os artesãos, entre outros (Schiochet, 2021).

---

<sup>29</sup> O marxismo sempre oscilou entre uma concepção revolucionária, democrática, emancipadora, com associações, com cooperativas, com sindicatos *etc*; e a concepção de que é preciso colocar o Estado capitalista a serviço da classe trabalhadora. Isso é uma frase de Marx que ele disse nos debates da I Internacional e depois nos debates sobre a Social-Democracia alemã. Lembrem-se que o estado de bem-estar social nasceu na Alemanha de Bismarck, em 1880, vinte a trinta anos antes dos demais países industrializados. Isso foi visto por Marx e por Engels como uma via absolutamente essencial de transformação social: a conquista do estado de bem-estar social, a conquista dos chamados direitos sociais; além da conquista do sufrágio universal (Singer, 2025).

Diferente do trabalhador dos serviços, do operário da indústria, do proletariado rural - sujeito aos escassos empregos dos latifúndios - e do semiempregado subproletariado de uma sociedade capitalista como a nossa, o trabalhador artesão não necessita que lhe seja dissimulada a apropriação de excedente e sua constante maximização em detrimento do seu bem-estar e o de sua família. Ele não padece com a mais-valia por dominar todas as fases de produção e comercialização, não necessitando vender sua mão-de-obra de forma alienada ou morrer de inanição<sup>30</sup>. O artesão sofre menor influência da profunda violência simbólica (Bourdieu, 1989) que é feita para tentar justificar a escandalosa exploração e desigualdade da realidade amazônica. Isso acontece por possuir um *habitus* (Bourdieu, 1989) menos coerente, menos submisso ao capitalismo e menos inculcado dentro do mercado globalizado e neoliberal. Mas ainda fica a justificar aos artesãos práticas como os serviços bancários de juros mais do que abusivos, o superlucrativo comércio praticado por grandes empresas nacionais e multinacionais e a especulação financeira que não gera empreendimentos e empregos.

No contexto do que foi exposto até o momento, estão as duas conformações mais importantes que os artesãos do presente estudo criaram e utilizam. Duas construções que se encontram nas circunstâncias da produção e comercialização do artesanato e a relevância da atividade criadora, suas relações sociais e ambientais, destacando-se a tentativa de superação da alienação na sociedade capitalista. Partindo do conceito e das ligações entre cultura, relação de produção, classe hegemônica, classe subalterna, ideologia, estrutura e superestrutura, realçando a importância de a população menos favorecida organizar-se para fazer frente ao poder do Capital, a primeira e mais significativa dessas conformações é a entidade hoje denominada ARTEPAM e a segunda é a feira de artesanato, a qual é organizada pela citada associação juntamente com a PMB.

---

<sup>30</sup> Isso faz grande diferença, pois em nosso país a classe trabalhadora não tem à disposição uma quantidade considerável de direitos elementares e ainda ocorrem perdas de direitos comuns arduamente conquistados. Mas, é importante dizer, não existe uma homogeneização do trabalhador artesão, já que existem artesãos que buscam e se submetem às lógicas mercadológicas do capitalismo. Pode-se dizer que o artesão sobrevive ao mercado e/ou mantém sua existência e reprodução social apesar do mercado!

O grupo começou com uma dúzia de artesãos e logo outros passaram a fazer parte até que uma associação foi criada. Um membro da ARTEPAM que atua desde a fundação expressa que “em agosto de 1984 iniciou o nosso grupo. Já completamos 40 anos de luta em 2024.” A mesma pessoa entrevistada diz sobre o começo da associação:

Os artesãos dessa época eram mais dispostos ao enfrentamento. Por mobilização coletiva e até mesmo em confronto físicos contra qualquer ameaça (do “Rapa” dos fiscais da prefeitura, da polícia militar e até gangues como a da “Bailique”, a qual tinha como parte de seu “território” a Praça da República)<sup>31</sup>.

Ainda sobre o início do grupo, um(a) segundo(a) associado(a) faz a seguinte consideração:

A grande reclamação era o “Rapa”! Por isso, todos se juntaram para fazer uma associação e uma feira de artesanato como as que já existiam em várias capitais do Brasil e do mundo.

Com a associação, passamos de vendedores ambulantes para expositores fixos e legalizados. Paramos de correr do “Rapa”! Conquistamos o público, aumentaram as vendas e as encomendas, o trabalho passou a ser mais divulgado e conhecido. Inicialmente era sexta, sábado e domingo. Depois sábado e domingo. Depois somente domingo.

Vários já tinham banca de venda na Avenida Presidente Vargas, na Escadinha, no Carmo ou lá pelo Ver-o-Peso. Depois ficaram somente na Praça da República.

Lá em casa, na Terra Firme, ocorreram diversas reuniões. Outras ocorreram em um casarão na Cidade Velha (moradia de um casal de artesãos), ocorreram também em Marituba no sítio de um dos artesãos. Depois alugaram um depósito para guardar os materiais lá na Rua Arcipreste Manoel Teodoro. Esse também era um local de reunião e ações para administrar a associação e a feira. Na praça também fazíamos reuniões, eram feitas debaixo das árvores, em um dos coretos ou em frente ao teatro Waldemar Henrique.

As reuniões eram cheias de temas variados. Tratavam da associação, da feira, de política, de economia e de arte. Havia artesãos de países diferentes que traziam para os debates seus conhecimentos e experiências de vida, inclusive os sofrimentos que passaram durante lutas contra os autoritários governos militares que ocorreram por toda a América Latina. Parte desse saber foi aplicado na formação e desenvolvimento da associação como grupo de pessoas e instituição.

---

<sup>31</sup> O início do grupo, com todas as dificuldades enfrentadas, é lembrado pelos artesãos fundadores como a “Fase Heroica”. Circunstância bem diferente da atual, na qual a ARTEPAM tem centenas de membros e a feira de artesanato já tem alcance metropolitano (da RMB) e fama regional.

Outro membro entrevistado fez esse relato:

Foi necessário fazer uma associação, daí fomos atrás de mais artesãos. Precisávamos de números para ocupar os cargos. Foi difícil, já que as pessoas tinham vergonha de vender artesanato na rua. Poucos vendiam, “só os malucos”.

Fomos muitas vezes até a prefeitura, mas foi o prefeito Coutinho Jorge que fez algo. Ele tinha um secretário formado em economia com uma visão bem progressista e atualizada.

Então a prefeitura consentiu a utilização da praça, forneceu as barracas e as lonas.

A feira inaugurou funcionando sexta, sábado e domingo somente com artesãos. Em 1990 artistas plásticos, aquaristas, colecionadores de selos, plantas e antiguidades procuraram a entidade para a garantia de espaço para expor e vender, então procuramos a SECON para autorização que na época foi dada à associação.

Hoje a associação possui 260 membros, tem o reconhecimento municipal e estadual como entidade de utilidade pública por meio da Lei Municipal nº 8.560, 24 de janeiro de 2007, e através da Lei Estadual nº 8.730, de 2 de agosto de 2018. Ela conta com Estatuto Social, CNPJ, artesãos que compõem a diretoria eleita e o Conselho Fiscal, sede administrativa, formas de ser contactada, logomarca (conferir a Figura 1 e a Figura 2) e todos os demais imperativos conforme exige a legislação<sup>32</sup>.

No Art. 2º do estatuto, é expresso o objetivo da associação:

A associação dos Artesãos e Expositores do Pará - Amazônia - ARTEPAM, objetiva a colaboração recíproca entre seus associados. Congregando pessoas envolvidas em atividades de artesanato, artes plásticas, antiguidades, aquarismo, plantas ornamentais, doces e comidas típicas regionais; promovendo a união e a defesa de seus interesses...

**Figura 1:** Carimbo e logotipo da ARTEPAM



**Fonte:** ARTEPAM, 2024.

<sup>32</sup> CNPJ: 01.965.506/0001-06. Contato: artepam2@gaill.com

**Figura 2:** Cartão de divulgação da entidade



**Fonte:** ARTEPAM (com alterações do autor), 2024.

No Art. 1º do Estatuto Social da ARTEPAM, os três primeiros incisos explicam:

- I- Sediada na Rua Riachuelo, N° 312, Campinas, Belém-PA CEP 66.017-100 — BELÉM — PA.
- II- Foro jurídico na Comarca da cidade de Belém, Estado do Pará.
- III- Para fins de admissão de associados, ficará restrita a área geográfica do Estado do Pará.

A sede fica bem próxima da Praça da República, local no qual a feira de artesanato é organizada. De lá para a praça caminha-se pouco mais de 100 metros – logo abaixo, está o mapa que mostra onde está localizada a sede da ARTEPAM.

**Figura 3: Localização da sede**

Fonte: Google Maps com inclusões do autor, 2024.

O pequeno prédio térreo fica dentro de um estacionamento particular e, para entrar, primeiro é necessário atravessar um grande portão que dá acesso às vagas para os carros estacionarem, então uma porta com um grande toldo verde-escuro se apresenta como entrada para o escritório (observar a Figura 4). Dentro da sede observei mesas de madeira e simples cadeiras para reuniões, móveis para guardar documentos, uma mesa e uma cadeira específicas para escritório e material de serigrafia. Outros objetos desmontados e agrupados estavam posicionados pelos cantos, mas eu não consegui identificar quais eram.

**Figura 4:** Sede e escritório da associação dos artesãos



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2024.

A associação é administrada por meio da Assembleia Geral, a qual elege a diretoria e conselho fiscal. Tomadas de decisões são feitas por assembleia ordinária ou extraordinária. Os artesãos também utilizam comissões permanentes e temporárias formadas por associados. Vê-se um ambiente característico da EPS, pois existe um conjunto de pessoas em um cenário de trabalho igualitário ao invés de hierárquico e vertical dentro do sistema capitalista (Singer, 2008). Percebe-se um grupo de trabalhadores associados no qual não ocorre o princípio do egoísmo em que “cada um é por sua conta e risco”. Nesse coletivo de artesãos, o vencedor não é aquele que encontra a forma de lucrar mais e mais. Entre esses trabalhadores a disputa e a hierarquização verticalizada cedem lugar para a colegialidade.

Para ser um membro associado o Estatuto Social indica:

Art. 4º - São condições primordiais para admissão no quadro social:  
I- Ser maior de idade,  
II- Não estar implicado em processos criminais;  
III- O candidato a filiação deverá dedicar-se comprovadamente ao artesanato, arte plástica, antiquário, aquarismo, jardinagem, manipulação de doces e comidas típicas regionais. Para sua aprovação deverá realizar seu trabalho diante de uma comissão designada pela diretoria em Assembleia Geral;  
IV- Para filiar-se a Associação, o candidato deverá pagar taxa de inscrição (matrícula) e contribuição mensal, a ser fixada pela Assembleia Geral.

Além do que diz o art. 4º, como prática não-formal e estratégia de reprodução social dentro das relações sociais dos Agentes estudados (Bourdieu, 1989), raramente um novo membro é aceito logo após sua solicitação de entrada, pois, para os artesãos, também é necessário expor na feira como visitante por alguns meses, conhecer e ser conhecido pelos demais artesãos e artesãs para então, dar início à entrada do pretendo novo membro. Mas não é somente isso. Segundo o Estatuto Social ainda é necessário que o solicitante seja avaliado por uma comissão, a Comissão de Ética.

Pra entrar na associação é preciso mostrar habilidades confeccionando o artesanato em frente de uma comissão formada por artesãos associados.

Membro da ARTEPAM

Presenciei a Comissão de Ética avaliar um artesão que pretendia ser associado. Foi dentro da sede da ARTEPAM, perante os artesãos da comissão e um membro da diretoria, ele apresentou algumas peças prontas e depois várias delas nas diversas fases de construção até chegar na matéria-prima, a qual era um material reciclável. Perguntas foram respondidas sobre as ferramentas utilizadas, as variedades de peças produzidas e o tempo de produção para cada tipo de peça. Ele foi aprovado, tanto que, posteriormente, eu o vi já como associado e expositor na feira aos domingos<sup>33</sup>.

No art. 5º e no art. 6º do Estatuto Social, estão escritas as possíveis penalidades a serem aplicadas aos associados. A mais comum dá-se por inadimplência do pagamento da mensalidade, a qual é, atualmente, 65 reais e é a principal fonte de recursos financeiros da ARTEPAM.

Art. 5º - Condições para aplicação de penalidades previstas.

I- Estarão sujeitos às penalidades de advertência, suspensão e exclusão do quadro social os associados que desacatarem as decisões tomadas em Assembleia Geral, Diretoria, Comissões, Estatuto, Regimento Interno e aqueles que agirem por má conduta ou falta cometida contra o patrimônio moral ou material da associação.

---

<sup>33</sup> Segundo Paul Singer (2002), as associações, as cooperativas, as empresas recuperadas e os grupos solidários possibilitam administrações democráticas, participativas e solidárias construídas por trabalhadores de fora do mercado formal e das mais variadas dimensões de atuação humana.

ART 6º - Serão suspensos os direitos dos associados que:

I- Não comparecerem a 03 (três) Assembleias Gerais, sem justificativa plausível, durante a vigência do mandato da atual diretoria;

II- Artesões em atraso com sua contribuição mensal em 30 dias a partir do vencimento da mesma, não terão mais a montagem de sua barraca na feira de artesanato de domingo; com 60 dias de vencida, perde o direito de ter uma barraca, passa a condição de Associado sem Barraca.

III- O associado que passou a ser associado sem barraca, devido débitos em aberto conforme parágrafo II do Artigo 6º, caso não quite ou entre em acordo no prazo de 90 dias será sumariamente suspenso e não poderá expor até a quitação da sua mensalidade.

Dos associados e associadas da amostra de entrevistados, somente um indivíduo vive em bairro central da capital paraense, todos os demais moram em bairros não-centrais de Belém e RMB. Bairros nos quais estão a classe trabalhadora e materialmente menos abastada da RMB.

Na totalidade os artesãos e as artesãs possuem em suas casas geladeira, fogão, máquina de lavar roupa, televisão, telefone celular e acesso à rede mundial de computadores. Mas a maioria não possui carro e utiliza ônibus ou transporte por aplicativo para ir até a feira. Apenas um dos(as) entrevistados(as) possui carro e outro(a), uma motocicleta<sup>34</sup>.

Todos fizeram ou fazem uso de programas dos governos Federal, Estadual e/ou Municipal para si ou para sua família. Os mais utilizados são Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, Programa Universidade para Todos (PROUNI), Fundo de Financiamento Estudantil (FIES) e Tarifa Social de Energia Elétrica.

A idade entre os artesãos que fazem ou fizeram parte da gestão da associação gira em torno de 55 até pouco mais de 70 anos de idade. Já entre os associados que não são fundadores, não fazem ou fizeram parte da gestão a média é de 45 anos.

Na amostragem constatou-se que todos os artesões frequentaram a escola, mas começaram a trabalhar entre os 12 e 17 anos de idade, como ajudantes, auxiliares ou em casa. A maioria possui o ensino básico incompleto, sendo que investiram na educação de seus filhos. Quase todos os jovens e adultos filhos e filhas já tem nível superior ou estão cursando a faculdade, além

---

<sup>34</sup> É na economia popular que ocorrem os maiores avanços recentes em termos de acesso a bens e serviços, condições de moradia e níveis de escolaridade formal (Diniz, 2016). O entendimento existente na Economia Popular Solidária não é o do lucro, mas é o da reprodução social junto com a melhora paulatina da qualidade de vida.

de uma minoria que faz ou concluiu pós-graduação. Os cursos mais citados foram as Licenciaturas, o Direito e as Engenharias<sup>35</sup>.

Os artesões aprenderam o artesanato com os familiares e/ou vizinhos da comunidade e, também, aprimoraram e inseriram novas técnicas estudando por conta própria. Muitos deles já ministraram cursos na Fundação Cultural do Pará (mais especificamente no Curro Velho), Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR) e Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

A família dos artesões ajuda quando ocorre uma grande encomenda, pois as esposas, os maridos, os filhos e as filhas aprenderam a fazer o artesanato, mas não seguiram a profissão<sup>36</sup>.

Todos os artesões possuem oficinas ou ateliês com suas próprias ferramentas e armazenagem de insumos. A matéria-prima é adquirida no comércio local ou trazem da área rural da RMB e do interior do Pará. Uns transformam um cômodo da casa ou apartamento em espaço de produção e outros fazem anexos no quintal de casa.

Tenho meu ateliê próprio que é separado da casa devido a “poeiragem” que faço durante a minha produção.

Membro da ARTEPAM

Em suas oficinas, trabalham com artesanato de seis a oito horas por dia (pode ser mais se surgir maior procura) e a produção acontece com inspiração na cultura regional e por demanda (testando a venda do produto na feira da praça).

A maioria dos associados são mulheres, ficando entre 65% e 70% a porcentagem de associadas na composição da ARTEPAM. Existem alguns tipos de artesanato feitos que contam com um número considerável de expositores, e são esses que serão citados a seguir. Destacam-se os associados que

---

<sup>35</sup> A forma de pensar na Economia Popular é indiretamente relacionada com o lucro e diretamente, até mesmo intimamente, ligada à reprodução social e melhoria da qualidade de vida dos trabalhadores e de sua família (o progresso popular), mesmo que para isso ocorrer precise de várias gerações resistindo e gradualmente alcançando a conscientização coletiva e a importância social, cultural, política e econômica das conformações criadas e organizadas pelos trabalhadores.

<sup>36</sup> Nenhum dos filhos e filhas dos entrevistados tornou-se artesão de ofício e, ao serem perguntados sobre os demais associados, eles não sabiam de algum caso na associação no qual a profissão foi passada para a geração mais nova e exercida por ela.

trabalham com itens religiosos, nos quais se observa uma proximidade na igualdade de gênero. O mesmo ocorre com os que comercializam essências e perfumes, bem como aqueles que produzem desenhos, pinturas, esculturas e gravuras.

Há também o exemplo dos que confeccionam bijuterias com sementes, pedras semipreciosas, madeiras, fibras, penas, conchas, escamas, arames, ossos, entre outros insumos. Nesse tipo de artesanato, há um nivelamento de gênero. No entanto, em outros — pluralmente representados na associação — essa paridade deixa de existir. É o caso da produção de alimentos e bebidas regionais, dominada por mulheres. No bordado, na pintura em tecido e nas atividades de corte e costura, elas também são predominantes. Os homens são a maior parte nas atividades que utilizam couro de animais como matéria-prima e na confecção de instrumentos musicais. Já o artesanato feito com balata é representado exclusivamente por homens.

Na associação dos artesãos, percebe-se a predominância de pessoas pardas e caboclas. Tal fato manifesta a riqueza cultural e étnica, fruto da miscigenação entre indígenas, negros e brancos. Grande parte desses artesãos possui conhecimentos que foram passados de geração em geração, como parte do cotidiano de suas famílias e/ou de suas comunidades. A associação é uma entidade coletiva de resistência cultural, fonte de renda e afirmação da nossa identidade popular. A ARTEPAM, ao promover a feira, gera um ambiente no qual a potência da identidade amazônica ganha vida e pode ser celebrada, mesmo em uma área de grande urbanização e sob a pressão da homogeneização cultural.

A feira é a segunda conformação criada pelos artesãos por meio da sua associação. A feira ocorre na Praça da República em Belém, capital do estado do Pará, uma das unidades que compõem a República Federativa do Brasil. A cidade de Belém é a representação da parte urbana da Amazônia. As relações e práticas sociais dos artesãos ocorrem principalmente nessa praça, localizada no centro histórico da cidade.

A praça em seu entorno mescla principalmente duas épocas. Trata-se da Belém durante a predominante economia extrativa do látex (virada do século XIX para o XX, a *Belle Époque* amazônica)<sup>37</sup> e a Belém da globalização.

A primeira época relaciona-se à cidade idealizada e reformada segundo o padrão europeu<sup>38</sup> do momento histórico, com grandes *boulevards* e elementos urbanos modernos construídos com materiais e tecnologias do exterior. Dessa visualidade restam vestígios aparentes na composição física do Centro Histórico da cidade, desdobrando-se na paisagem atual, com espaços revitalizados, dando origem a uma imagem híbrida onde antigo e novo coexistem (Malheiros, 2021).

Junto com os corredores de árvores centenárias e praças arborizadas, na Belém de hoje, convivem palácios neoclássicos, prédios residenciais com dezenas de andares, feiras, jardins urbanos, médios e pequenos lojistas, sobrados, monumentos e grandes centros comerciais (*shopping centers*). Marcas do colonialismo português, do Império do Brasil, da República, da modernidade e da pós-modernidade.

Essas imagens se entrelaçam, com anúncios publicitários e outros elementos da comunicação visual urbana, compartilhando espaços e tempos em uma mesma visualidade. Os monumentos são fragmentos do passado, diluem-se entre arquitetura e ambientes revitalizados, seguindo a tendência mundial de planejamento estratégico (Malheiros, 2021).

---

<sup>37</sup> Foram dois períodos de predominância do extrativismo da borracha, o primeiro teve início em 1870 e finda no começo da segunda década do século seguinte (a *Belle Époque* da Amazônia). O látex ficou atrás apenas do café como produto de exportação do Brasil. Porém, a economia cafeeira, em meio século de altos e baixos, demonstraria ser suficientemente sólida para prolongar-se num processo de industrialização. O mesmo não aconteceu com a borracha, pois a elite econômica e política não aproveitou para iniciar um processo de desenvolvimento econômico sólido, não somente a geração presente, mas também as futuras receberiam e se beneficiariam do capital reprodutível (Furtado, 2002). Entre os intervalos de “boom” da borracha foram anos de marasmo. Já o segundo período ocorre com o esforço de guerra em 1942, para aumentar o estoque de borracha dos Aliados, uma vez que 97% das áreas de produção asiática caíram em mãos dos japoneses. Quando a guerra acabou o preço pago em vidas humanas para a Batalha da Borracha foi alto, cerca de 20 mil trabalhadores morreram nos seringais, configurando um número de baixas maior do que as sofridas pela Força Expedicionária Brasileira (FEB) na Itália durante a grande guerra. Depois de 1946, os seringais foram novamente abandonados (Souza, 2019). O sistema extrativista empurrou milhares de trabalhadores para regiões distantes da Amazônia, invadindo terras de povos originários e assegurando a posse de territórios para o Estado Nacional. Gerou uma elite frágil e subserviente, pasto fácil para novas opções econômicas que estavam por vir (Souza, 2019).

<sup>38</sup> A Praça da República é fruto de um modelo de desenvolvimento eurocêntrico da cidade de Belém.

Até por volta da década de 1930, a classe dominante brasileira é também dirigente, pelo menos no que toca à esfera urbana. Suas propostas para as cidades eram aplaudidas e admiradas pela sociedade. Existia apoio social para a proposta de europeização de nossas cidades postas em prática no final do século XIX e início do XX. A ideologia dominante implantou com sucesso a versão de que o colonial era o atraso e que o neoclassicismo ou ecletismo era o progresso (Villaça, 1999).

Em um bairro histórico, fica a praça, o bairro da Campina. Internamente ele é composto por ruas estreitas e calçadas mais apertadas ainda. Tem um posicionamento estratégico e possui intensa atividade comercial com a oferta de produtos e serviços variados (ver Figura 5 e Figura 6). Ao caminhar pelo local, é visível a grande quantidade de casarões e sobrados, imóveis históricos remanescentes. Mas o destaque que será dado no presente estudo será para a Praça da República sem esquecer de seu entorno ou proximidades.

**Figura 5:** Foto de satélite da Praça da República e proximidades



Fonte: Google, 2021.

**Figura 6:** Vias que margeiam a Praça da República

**Fonte:** Foto de satélite encontrada no Google com alterações e inclusões do autor, 2021.

A praça tem seu entorno destacadamente comercial, com grande quantidade de prédios privados oferecendo diversos serviços e venda de produtos. As habitações verticais substituíram parte dos antigos casarões. Até mesmo o Grande Hotel foi demolido<sup>39</sup> para dar lugar a um Hotel Hilton que hoje em dia denomina-se Hotel Princesa Louçã.

A Avenida Presidente Vargas e a Avenida Nazaré são as principais vias de acesso ao centro histórico e comercial da cidade. A primeira possui elevada verticalização, grandes empresas locais, nacionais e internacionais, um tradicional centro comercial popular e edificações emblemáticas da cidade. Nessa avenida está a Praça da República na qual encontra-se o Teatro da Paz,

<sup>39</sup> O Grande Hotel, construído em 1913, foi a primeira grande instalação hoteleira em Belém do Pará. Um prédio suntuoso que ocupava todo um quarteirão, tinha amplo e vistoso terraço. Sua arquitetura exibía característica eclética de padrões arquitetônicos europeus. A boa aparência externa do prédio reforçava na Praça da República o clima de cidade europeizada que Belém exibía. Em sua existência foi um importante ponto de referência sociocultural da capital paraense (Pinto, 2023).

a sede dos Correios, a sede do Banco do Brasil (BB), a sede do Banco da Amazônia (BASA) e outros bancos públicos e privados.

Supermercados, padarias, lanchonetes, revistarias, lojas de revendedores de artesanato e perfumaria também estão alojadas na mesma via, fazendo vizinhança às grandes firmas do circuito econômico. Quando se trata de circulação, a avenida é um grande eixo. Por ela várias linhas de ônibus fazem rota e possui diversas paradas para embarque e desembarque de passageiros. É uma via de encontro entre os veículos coletivos que fazem o trajeto bairros-centro. As vicinais paralelas à Avenida Presidente Vargas são caracterizadas por lojas do comércio popular e de camelôs (Silva *et al.*, 2014).

A Avenida Assis de Vasconcelos faz o limite entre o Bairro da Campina e o Bairro do Reduto, essa avenida é paralela à Avenida Presidente Vargas. As duas acompanham as laterais mais compridas da praça por toda as suas extensões. Essas duas extensas e largas vias são interligadas pela Travessa Oswaldo Cruz. Na outra extremidade da praça, temos o final da Rua Gama Abreu que passa por um dos lados do destacado no qual fica o Chafariz das Sereias, na esquina fica a antiga e tradicional Escola Normal (trata-se do Instituto de Educação Estadual do Pará - IEEP). Importante citar que bem ao lado está o Cinema Olympia<sup>40</sup>. No outro lado mais estreito da praça, inicia a Avenida Nazaré, na esquina fica o Edifício Manoel Pinto da Silva<sup>41</sup>. Souza (2017, p. 82) descreve o perímetro da praça do seguinte modo:

Encontra-se limitada pela Av. Presidente Vargas, Av. Assis de Vasconcelos, Travessa Oswaldo Cruz, Av. Nazaré e Rua Gama Abreu. Sua implantação acompanhou a evolução da cidade de Belém. Por volta do século XVII, aparecia como uma grande clareira aberta na mata, distanciada do núcleo urbano, limitada por um cemitério destinado aos escravos e à população de baixa renda. Com o desenvolvimento da cidade, já no século XVIII, ocorreu a transferência de um depósito de pólvora para essa área, o qual ocupava o Largo da Pólvora, que serviu de denominação para a antiga clareira.

---

<sup>40</sup> Atualmente denominado Espaço Municipal Cine Olympia, é uma sala de cinema inaugurada em 1912, em frente à Praça da República. Ao lado do Theatro da Paz, o cinema fazia trio harmonioso com o Grande Hotel. Desse trio, do original só restou o Theatro da Paz, que teve poucas alterações. O Grande Hotel foi demolido criminosamente e o Cine Olympia passou por duas grandes reformas que alteraram a sua fachada original (Pinto, 2024).

<sup>41</sup> O Edifício Manuel Pinto da Silva é o mais famoso arranha-céus de Belém, seu lançamento ocorreu no final da década de 1940, tornando-o um marco na construção e arquitetura, com 26 pavimentos, medindo aproximadamente 108 metros de altura. Foi por muitos anos o Edifício mais alto e com o maior número de apartamentos construído no Norte do Brasil (Ribeiro, 2019).

A praça da República é frequentemente palco de manifestações políticas e culturais de Belém e Região Metropolitana. Aos domingos ela recebe a importante feira composta por expositores artesãos e artistas. Dividindo a calçada e o gramado, também estão vendedores de produtos importados industrializados, vendedores ambulantes e toda uma gama de público visitante composto por famílias, tribos urbanas, grupos religiosos, teatro popular, artistas de rua e outros.

É na praça que o belenense costuma reproduzir seus momentos de lazer, principalmente aos domingos – ápice da convergência de pessoas (Barros; Serra, 2018).

Tudo começa com a formação do Largo da Pólvora e o início da modernização do espaço urbano de Belém (vide Figura 7 e Figura 8).

A formação da Praça da República mais concreta e próxima da forma conhecida atualmente está ligada ao período da intendência municipal de Antônio Lemos, entre os anos de 1897 até 1912. Entretanto, a formação daquele espaço remonta ao século XVIII, quando foi iniciada a construção de um local para armazenamento de armamentos, o que levou à denominação de Largo da Pólvora. Nessa época não havia nenhuma característica de local contemplativo ou recreativo (Kamel, 2016).

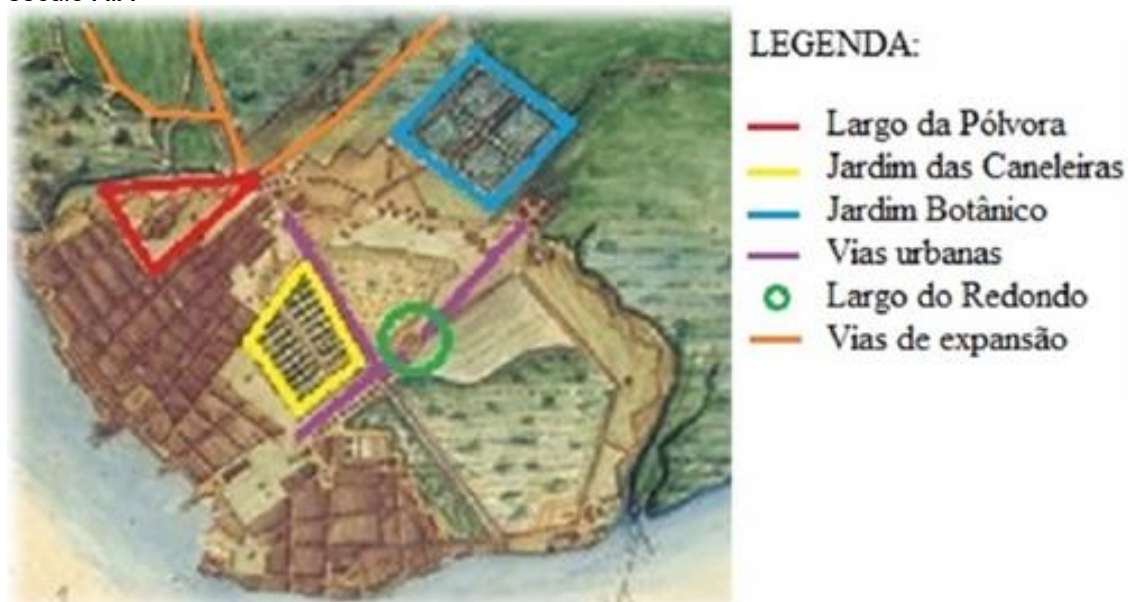
**Figura 7:** Planta da cidade de Belém em 1753



**Fonte:** Original manuscrito da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, elaborado a partir da ordem de Don Francisco Xavier de Mendonça Furtado. Capitão General e Governador do Estado. Encontrado na pesquisa de Kamel (2016, p. 41).

Na segunda metade do século XVIII foram realizadas obras que deram base para diversas alterações que vieram em seguida. Trata-se da drenagem de águas subterrâneas de uma área, conhecida como Piri. Uma região alagadiça que separava as freguesias da Sé, que correspondia ao núcleo original da cidade, e a da Campina, estabelecida em 1727 a oeste do sítio fundador. Então foram abertas vias para ligar os principais pontos do centro urbano (Kamel, 2016).

**Figura 8:** Ampliação do Plano Pará, desenhado pelo engenheiro Hugo de Fournier no início do século XIX



**Fonte:** Direcção de Serviços de Engenharia – Gabinete de Estudos Arqueológico da Engenharia Militar, Lisboa, Portugal. Encontrado na pesquisa de Kamel (2016, p. 42).

Mas foi com a construção do Teatro Nossa Senhora da Paz em 1869 que o Largo da Pólvora passou a ter relevância no contexto urbano de Belém. No século XIX o local recebeu o nome de Praça D. Pedro II em homenagem ao imperador. Apenas com a proclamação e fundação da Primeira República que o local passou a se chamar Praça da República. Em 15 de dezembro de 1897, inaugurou-se o Monumento à República, tendo sua implantação no centro da praça, no eixo central em relação ao Teatro da Paz (Kamel, 2016). O monumento foi feito pelo escultor genovês Michele Sansebastiano (Souza, 2017).

A principal diferença da praça republicana para a antiga estrutura colonial e imperial faz ligação a própria origem do projeto. O logradouro republicano foi adaptado e construído com o intuito de deixar muito bem expresso seu marco do

poder (re)criando e transfigurando os símbolos da monarquia para explicitar a república.

Em 1983, a Praça da República e o seu conjunto paisagístico, arquitetônico e urbanístico, bem como seu entorno foram tombados em nível estadual.

Devem-se aos intendentos (prefeitos) Arthur Índio do Brasil (Barão de Marajó), Silva Rosado e Antônio José Lemos, as principais reformas feitas no logradouro, como calçamento das ruas que o delimitam, a instalação de diversos equipamentos decorativos, o assentamento de monumentos, coretos e, principalmente, a conformação de seu aspecto paisagístico, havendo a delimitação de passeios e jardins internos, fazendo com que a praça ganhasse, em fins do século XIX e início do século XX, os contornos e perfis que a caracterizam hoje (Souza, 2017).

A proposta de arborização urbana é um ponto alto do projeto da praça. Tanto no período do intendente Antônio Lemos como hoje a arborização ainda atende perfeitamente à ideia de salubridade preconizada no início do século XX. O conforto térmico trazido pelas generosas sombras das mangueiras e, ainda, a beleza visual que as grandes massas arbóreas desenham na paisagem (veja na Figura 9), atingiu o ideal proposto pela intendência (Andrade; Tângari, 2002).

**Figura 9:** Túnel de mangueiras que é local da feira de artesanato



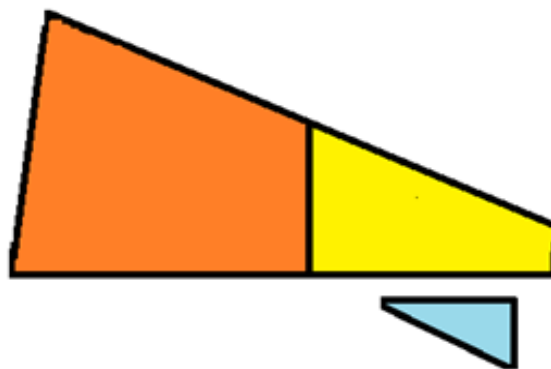
**Fonte:** Vilhena, 2024.

A praça incorpora em seus espaços edificações<sup>42</sup> de valor histórico da capital paraense como o Theatro da Paz, o Monumento à República, o Bar do Parque, o Teatro Experimental Waldemar Henrique e o Instituto de Ciências da Arte. O complexo que forma a praça divide-se em três partes:

---

<sup>42</sup> Tais imóveis serão descritos e ilustrados ao longo do texto.

**Figura 10:** Complexo da Praça da República



- Parque João Coelho**
- Praça do Teatro da Paz**
- Praça das Sereias**

**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

A praça e o teatro são símbolos vivos da opulência econômica da *Belle Époque*, mas muitos outros elementos permanentes compõem a praça.

**Figura 11** Planta da Praça da República com os prédios históricos e outros elementos



**Fonte:** Esquema produzido por meio de imagem via satélite do Google e planta feita por Kamel (2016). Encontrado na pesquisa de Kamel (2016, p. 22).

Os elementos generalizantes existentes na praça são:

- Pisos e revestimentos: calçadas em pedra portuguesa, piso hidráulico, calçada em mosaico, piso cimentado, gramado e areia;
- Ferragem: postes de iluminação, gradis, ralos, parapeitos e limitadores verticais de estacionamento.
- Vegetação: numerosas e predominantes mangueiras, grandes árvores nativas como a samaúma, palmeiras como açazeiro e palmeira real (ou imperial), canteiros com arbustos floridos e plantas rasteiras posicionadas nas sombras das árvores.

Outros elementos fazem parte, são itens que se atualizam conforme as necessidades de manutenção da praça e dos serviços demandados pelos usuários, são eles: quiosques da guarda municipal, bancas de revistas, bancos de ferro e madeira, lixeiras, postes de iluminação pública, pontos de táxi, placas informativas, câmeras de monitoramento e iluminação estética do mobiliário.

Na área que corresponde ao Parque João Coelho, estão: Monumento à República, coreto de alvenaria, Fonte Luminosa, anfiteatro, Teatro Experimental Waldemar Henrique, Instituto de Ciências das Artes, conjuntos de pilares, bancos ornamentados, lagos artificiais, ponte, caramanchão, formações rochosas artificiais, obelisco e arco de pedra.

Já na Praça do Theatro da Paz encontra-se: Theatro da Paz, coreto Pavilhão Santa Helena Magno, coreto Pavilhão Euterpe, Bar do Parque e estátuas de alegorias femininas.

Há ainda a Praça das Sereias, na qual se destaca o Chafariz das Sereias.

O primeiro elemento a ser observado no arranjo morfológico da Praça da República refere-se ao seu traçado, pois a atual configuração do desenho da praça pouco ou quase nada se distanciou do traçado original. Seus caminhos sinuosos, conjuntos de grandes massas arbóreas, extensas áreas gramadas e todos os elementos formais continuam presentes em seus espaços. Há ressalvas importantes que devem ser feitas. Entre elas destaca-se uma mudança sensível no desenho da Praça da República, que é o desaparecimento da rua<sup>43</sup> que existia em frente ao teatro. Nos últimos anos a rua passou por algumas alterações. A primeira delas foi a sua transformação em rua apenas de

---

<sup>43</sup> Denominada Rua da Paz em alusão ao nome do teatro.

pedestres, pois o trânsito intenso de automóveis pesados, segundo estudos do órgão de preservação do patrimônio histórico da cidade, prejudicava a base estrutural do teatro. A segunda e última alteração transformou a rua em um espaço pavimentado com pedra portuguesa, fazendo praticamente desaparecer morfologicamente a antiga rua (consultar a Figura 12), e, por conseguinte, integrando as duas principais áreas da Praça da República (Andrade; Tângari, 2002).

**Figura 12:** Imagem aérea da praça



**Calçada construída em frente ao teatro.**

**Fonte:** Forte, 2022 (com alterações do autor).

Alguns dos elementos espalhados pelo Complexo da Praça da República são retratados nas Figuras 13 a 30, apresentadas a seguir:

**Figura 13:** Pedra em mosaico



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 14:** Pedra portuguesa



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 15:** Piso de areia



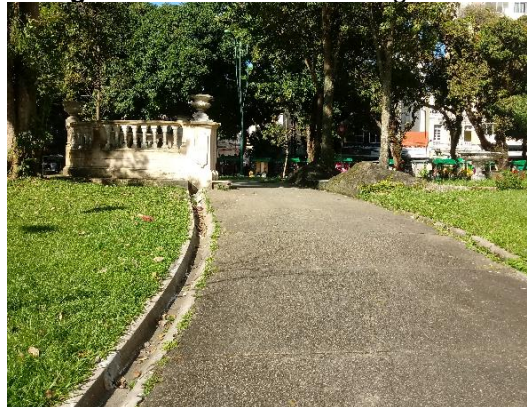
**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 16:** Piso hidráulico



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 17:** Piso cimentado e gramado



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 18:** Poste de iluminação e parapeito



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 19:** Gradil



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 20:** Ralo



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 21:** Limitadores verticais de estacionamento



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 22:** Mangueiras



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 23:** Samaúma e extensa área gramada



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 24:** Canteiro com plantas menores



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 25:** Quiosque da Guarda Municipal de Belém



Fonte: Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 26:** Banca de revista



Fonte: Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 27:** Banco e Lixeira



Fonte: Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 28:** Poste de iluminação pública



Fonte: Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 29:** Ponto de táxi



Fonte: Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 30:** Placa informativa



Fonte: Marcelo P. Baccino, 2021.

No Parque João Coelho, destaca-se o Monumento à República, que tem 20 metros de altura e em seu topo apresenta a Marianne francesa, figura emblemática da luta pelo ideal republicano. O projeto original previa que ela empunhasse um ramo de oliveira, mas o símbolo foi considerado pacifista, do ponto de vista militar, e substituído pela espada (Soares, 2009). O monumento apresenta-se em local central e privilegiado, em um sentido de comemoração e de poder dentro de seu contexto histórico (conferir na Figura 31).

Essa parte da praça tem um coreto de planta circular em estilo imitativo greco-romano (vide Figura 32), totalmente em alvenaria (Soares, 2009).

Entre outros monumentos mais dois chamam atenção pela sua localização e pela sua beleza estética. São a Fonte Luminosa e o Anfiteatro (exibidos nas Figuras 33 e 34). O anfiteatro é outra construção de relevância estética na Praça da República principalmente pela sua localização. Ele se encontra na continuação do eixo central do Parque João Coelho, na direção do Monumento à República, assim como a Fonte Luminosa, que se encontra à direita do Anfiteatro, sendo um exemplar da arquitetura eclética na praça, possuindo pilares lisos com detalhes coríntios na sua parte superior, como uma espécie de capitel, sendo totalmente revestida com reboco pintado assim como os outros monumentos, todos com a mesma tonalidade em bege claro (Kamel, 2016).

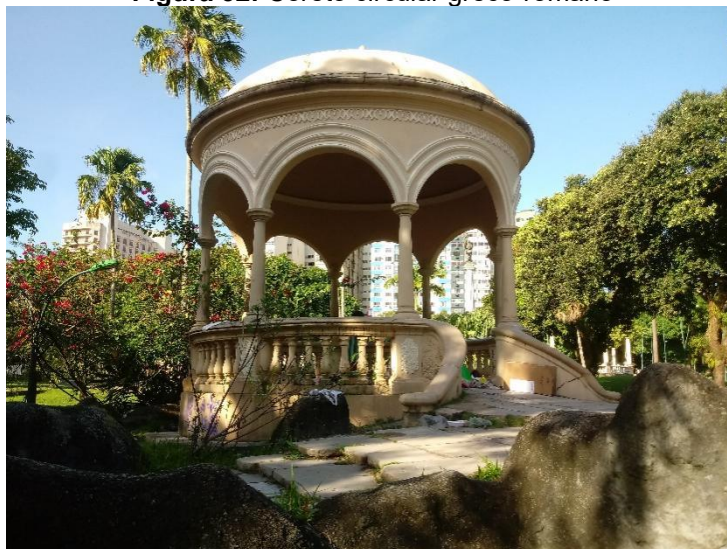
Ainda no Parque João Coelho, estão os prédios em estilo *Art Nouveau*, são eles o Teatro Experimental Waldemar Henrique e o do Instituto de Ciências das Artes (ver a Figura 35 e a Figura 36). No prédio do atual teatro, já funcionou um cinema, uma agência bancária e um museu, mas desde 1979 é um teatro experimental. Ao lado do teatro experimental, está o prédio que acomoda a administração do Instituto de Ciências das Artes da UFPA.

**Figura 31: Monumento à República**



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 32: Coreto circular greco-romano**



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 33: Fonte Luminosa**

Fonte: Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 34: Anfiteatro**

Fonte: Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 35: Teatro Experimental Waldemar Henrique**

Fonte: Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 36:** Instituto de Ciências das Artes

**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

O mobiliário original da praça já passou por reformulações, por desgaste provocado pelo tempo, por vandalismo ou mesmo pela inadequação de uso aos novos tempos. Apesar desta constatação, ainda assim, encontra-se um relevante número de mobiliário remanescente do período das intervenções urbanísticas feitas durante a administração do intendente Antônio Lemos. O mobiliário, devido à sua beleza estética e ao valor simbólico e afetivo, tornou-se, com o passar dos anos, uma atração à parte para os usuários da praça, que transformaram os recantos em que os mesmos estão localizados em áreas de intensa permanência (Andrade; Tângari, 2002).

Observa-se conjuntos de pilares, bancos ornamentados, lagos (um deles possui uma ponte), caramanchão, formações rochosas artificiais, obelisco e um banco com portal em arco. Logo abaixo, são exibidas as Figuras 37 a 43, que mostram esses mobiliários.

**Figura 37:** Conjunto de colunas

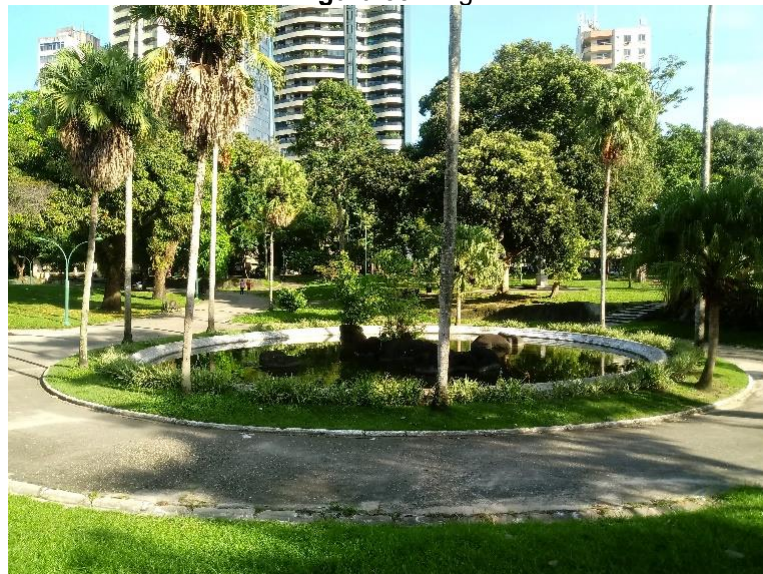
**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 38:** Banco ornamentado



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 39:** Lago



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 40: Caramanchão**



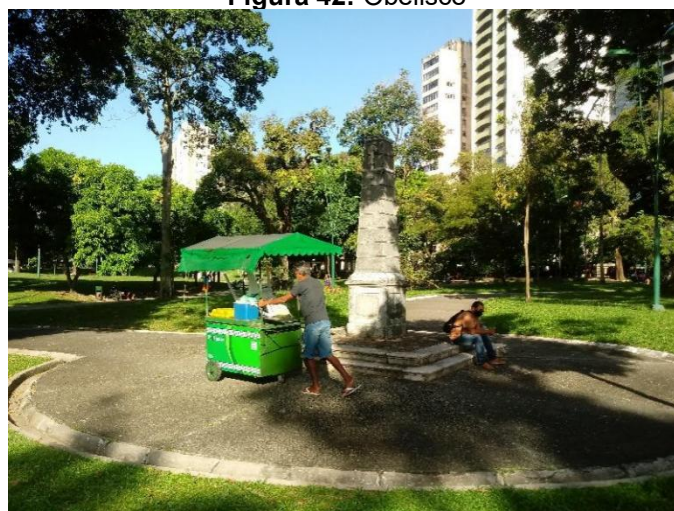
**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 41: Formação rochosa artificial**



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 42: Obelisco**



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 43:** Banco com portal em arco



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

Na Praça do Theatro da Paz, observa-se que a área em que foi edificado o teatro (observar a Figura 44) já havia passado por reformas anteriores ao ano de 1901, com a definição de caminhos com revestimento impermeável, canteiros com jardins elaborados, esculturas, bancos e um pavilhão em ferro, sob uma base em alvenaria, edificado no local em 1896 (Andrade; Tângari, 2002).

O Theatro da Paz foi construído entre 1869 e 1874, mas inaugurado apenas em 1878, em decorrência de um litígio entre o governo e a construtora arrematante da obra. A edificação é, no país, um dos exemplares de teatro-monumento em estilo neoclássico. Mais especificamente, um teatro de ópera. É uma das arquiteturas de grande volumetria construída na capital do Pará, como ostentação da riqueza proveniente da economia de exportação do látex a partir da segunda metade do século XIX, período de intensa atividade no setor de obras. A monumentalidade e seu significado, para a cultura e a sociedade na Região Norte, inscreveram no Theatro da Paz uma história, principalmente, no marco temporal da *Belle Époque* amazônica, entre as décadas de 1890 e 1910, quando a própria cidade passou por uma remodelação. No curso dessas transformações, uma reforma realizada no teatro, entre os anos de 1904 e 1905 (na gestão de Augusto Montenegro, governador do Pará, e do intendente municipal Antônio Lemos), deu a ele as feições luxuosas que ostenta até hoje (Souza, 2010).

A elite dominante motivou a construção de ambientes que lhe agradasse esteticamente, e dessas obras a de maior exuberância é o Theatro da Paz, monumento que mudou o cenário central de Belém.

**Figura 44:** Theatro da Paz em reforma



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

Outro monumento muito conhecido e tradicional na Praça da República é o Bar do Parque (ver Figura 45), que se encontra na lateral do Theatro da Paz, um quiosque em construção convencional de alvenaria pintado com riquezas de detalhes. Ele apresenta pilastras com minúcias antropomórficos, ou seja, elementos de ornamentação com motivos de forma humana, no caso com a formatação de um rosto de uma figura feminina na parte superior, e detalhes decorativos com ornatos florais. A cobertura apresenta estrutura metálica e toldo em vidro com estrutura metálica na altura dos vãos de janelas. No seu entorno existe uma área mais elevada, para as mesas, com piso em pedra portuguesa e moldura em granito preto, tendo seus degraus em pedra de lioz e guarda-corpo em ferro pintado de verde com corrimão em madeira (Kamel, 2016).

**Figura 45:** Bar do Parque

**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

Na parte posterior ao teatro, havia até pouco tempo atrás um chafariz de grande diâmetro que foi substituído por uma área gramada, onde atualmente estão colocadas alegorias femininas em bronze (conferir a Figura 46), representando Vênus (Guss Martin e Piltzing/Alemanha), Ana Reta – conhecida como a Índia (Fundição Cavina/Rio de Janeiro), e Flora - Friedrich Shagen/Alemanha (Soares, 2009).

Amparados na riqueza gerada pela economia da borracha, os governos municipais trouxeram para a cidade parte da cultura urbanística e paisagística dos maiores centros europeus. Foi a época da chamada “arquitetura metalúrgica”, que era utilizada das mais diversas formas construtivas e decorativas (Soares, 2009). Nesse cenário estão os coretos octogonais presentes na praça, um deles fica à direita no final do Parque João Coelho, já próximo do Teatro da Paz e o outro encontra-se posterior ao teatro. Os dois têm estrutura e telhado de ferro, planta octogonal, base e escada de alvenaria, piso de ladrilho hidráulico e forro de madeira (vide Figura 47 e 48).

Os dois coretos são denominados, conforme tradição da época, Pavilhão de Música Santa Helena Magno e Pavilhão de Música Euterpe. O Pavilhão de Música Santa Helena Magno apresenta estilo *Art Nouveau* mais refinado, com telhamento em folhas metálicas e rematado por chapas decoradas com motivos aplicados. Os pilares são individuais, porém envolvidos por ferragem decorativa desde o gradil circundante do piso até os arabescos superiores em série de

arcos. No centro da decoração superior, a cada intervalo entre as colunas, há uma espécie de brasão decorativo. O piso em ladrilhos hidráulicos mantém desenhos geométricos em marrom sobre fundo branco (Soares, 2009).

O Pavilhão Euterpe foi fabricado em Orleans, na França, pela empresa Guillot Pelletier, tendo sido montado na praça em 1896. Mais simples que o Santa Helena Magno, segue o padrão clássico dos coretos da época, com pilares duplos, gradil em ferro rebuscado, cobertura em chapas de metal. Dista, ainda, cerca de 1,30m do piso exterior, porém, na sua parte interna, sofreu um rebaixamento durante a montagem para permitir um porão de dois metros de altura. O piso também é de ladrilhos hidráulicos decorados (Soares, 2009).

Os coretos são pontos elevados de contemplação da paisagem, são símbolos de romance, local de brincadeiras e de apresentações musicais. Nos porões dos dois coretos atualmente estão funcionando os dois banheiros públicos da praça, já na parte superior e ao redor o espaço é livre para a circulação e apresentações.

**Figura 46:** Alegorias femininas



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 47:** Pavilhão de Música Santa Helena Magno



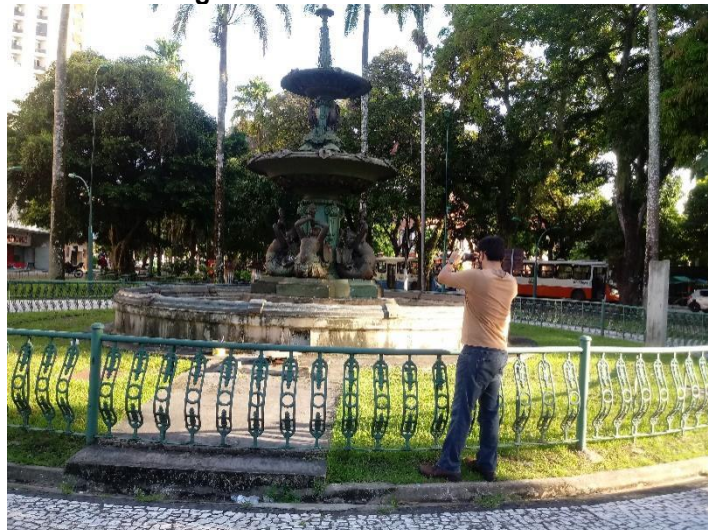
**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 48:** Pavilhão de Música Euterpe



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

Finalizando as partes que compõem o complexo formador da praça, está o quadrilátero menor, que não possuía um nome específico. Ficou conhecido como a Praça do Chafariz das Sereias (ou Praça das Sereias). O conjunto alegórico estilo *Art Nouveau* em ferro fundido, importado da Europa e que deu o nome à praça, foi montado no ano de 1904 (Andrade; Tângari, 2002).

**Figura 49:** Chafariz das Sereias

**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

No contexto de Belém, a Praça da República representa um dos pontos de destaque na cidade, tanto por sua beleza como por sua participação histórica na evolução urbana (Soares, 2009). Nesse cenário é possível entender a importância da Praça da República como testemunho histórico e de grande riqueza arquitetônica para a cidade de Belém, visto que é possível encontrar diferentes tipologias de monumentos, distribuídos harmoniosamente em diversos equipamentos urbanos em meio a essa grande área verde (Kamel, 2016).

Na praça, em pleno Parque João Coelho, foi construído um pequeno monumento como marco e homenagem aos 100 anos de uma igreja pentecostal. Uma instituição fundada por estrangeiros no Pará. Ele é composto por um pedestal com uma placa no topo e um caminho toscamente calçado, que corta a área gramada e leva até o monumento. No início do caminho, está uma placa metálica com informações sobre os fundadores da instituição religiosa (verificar a Figura 50). Algo muito destoante do conjunto de mobiliário, artefatos e desenho da praça. Um item fora de contexto, fora de eixo, impositivo, desconexo, objeto estranho e incompatível com o jardim histórico.

**Figura 50:** Item fora de contexto e incompatível com o jardim histórico



Fonte: Marcelo P. Baccino, 2021.

### 3.1. A feira da praça e suas dinâmicas

Em Belém, a criação e manutenção de espaços públicos urbanos ajardinados voltados para o lazer da população e visitantes estrangeiros tiveram, na administração do intendente Antônio Lemos, uma atenção especial, dentre os quais se pode ressaltar a Praça da República, a Praça Batista Campos e o Bosque Rodrigues Alves. Estas modificações urbanas na capital paraense foram favorecidas, financeiramente, pelo auge da economia extrativa da borracha, no final do século XIX e início do século XX, que por sua vez trouxe benefícios em várias esferas (Sarges, 2010).

Desse modo, as mudanças durante esse período não se restringiram somente ao Campo Econômico, mas também podiam ser notadas no plano cultural, que tinha como referência o padrão de vida europeu.

Os espaços de lazer e turismo no contexto das cidades são elementos indispensáveis para a qualidade de vida da população, embora muitas vezes o lazer não tenha sua importância reconhecida por parte dos governantes (Figueiredo *et al.*, 2013).

Milton Santos (2011) alerta para o fato de que, hoje, grande parte dos espaços públicos - praias, parques, calçadas e outros - foram impunemente privatizados. Tem-se de comprar o ar puro, os bosques, os rios e os lagos, enquanto se criam espaços privados publicizados. Quem não pode pagar pelo estádio, pela piscina, pela montanha, pelo ar puro e pela água fica excluído do gozo desses bens, que deveriam ser públicos, porque são essenciais.

Na questão do acesso ao espaço público e aos equipamentos que dele fazem parte, além da acessibilidade física, há outros fatores que vão além do concreto e passam pela emocionalidade, como o fato de sentir-se bem, ou seja, incluído ou excluído do ambiente. Essa acessibilidade não se reduz à questão material, mas pressupõe, igualmente, representações sociais e é carregada de simbolismos, com algumas interdições (barreiras físicas, paisagísticas e imagéticas) que dificultam a acessibilidade dos indivíduos ao espaço (Figueiredo *et al.*, 2013).

A atividade econômica e a herança social distribuem as pessoas desigualmente no espaço, fazendo com que certas noções consagradas, como a rede urbana ou de sistema de cidades, não tenham validade para a maioria das pessoas, pois o seu acesso efetivo aos bens e serviços distribuídos conforme a hierarquia urbana depende do seu lugar socioeconômico e também do seu lugar geográfico (Santos, 2011).

No contexto de acesso facilitado, estão as feiras como local de comércio, trabalho, ócio, lazer e sociabilidade.

Algumas ruas, calçadas, parques e praças ainda são lugares públicos apropriados por populações pobres e que muitas vezes o são ou por representarem relações simbólicas significativas ou por serem os únicos lugares que essa população tem acesso (Figueiredo *et al.*, 2013).

É em meio a expressões do século passado e à conturbada vida atual que a Praça da República continua proporcionando um espaço de convívio social muito usufruído pela sociedade belenense e turistas (como mostrado nas Figuras 51, 52 e 53). Durante a semana (de segunda à sexta-feira), as pessoas transitam por ela em grande velocidade para ir aos bancos, às lojas, ao comércio, ao INSS (Instituto Nacional de Seguridade Social), ao centro espírita, aos colégios, que se situam no entorno. Nessas circunstâncias, não é tão intensa a frequência na praça como aos domingos. Dela usufruem alguns estudantes que, procurando fugir discretamente de algumas aulas, encontram-se nos coretos, nos bancos e nas sombras da praça; pessoas em situação de rua que fazem da praça uma saída habitacional, pedem esmolas, dormem nos bancos, tomam banho nas saídas de água instaladas na área. A praça é também dos “guardadores” de carros, ocupação alternativa ao desemprego (Souza, 2017).

**Figura 51:** Família em momento de lazer na ampla área gramada da praça



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 52:** Praticante de atividade física



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 53:** Criança andando de patinete



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

O ambiente da praça é multifacetado, mas aos domingos a face predominante revela-se por meio da feira de artesanato que agrega diversas outras atividades. Ela atrai e dá oportunidade de sustento material para artistas, artesãos e, também, para pessoas que não se enquadram nos atuais padrões do mercado de trabalho ou encontram-se em situação de desemprego.

Ao falar do Campo de Relações dos Artesãos, sua associação e da feira, fala-se do cotidiano belenense e suas representações culturais amazônicas. Os artesãos expressam isso ao produzirem e ao se organizarem. O ápice dessa expressão é a feira na praça aos domingos. Ali tudo fica mais claro!

A “feira da praça”, como é conhecida, tem grande destaque pela organização trazida pelos artesãos que dela participam, e sobre a administração da PMB, tal atividade comercial acontece aos domingos, onde os artesãos, produtores e até mesmo artistas plásticos vem comercializar as suas produções. Destaca-se ainda as apresentações teatrais, músicos, mágicos, comediantes, e outras tantas atividades que se concentram nesse dia e espaço para transacionar. Dessa forma cria-se um ambiente de lazer e entretenimento para as famílias paraenses e turistas (Costa, 2016). Nesse contexto da feira de artesanato, um membro da ARTEPAM diz:

Nossa arte já girou o mundo! Essa feira é conhecida pelo Brasil! O artesanato daqui é respeitado: cerâmica, miriti, miçangas, cuias, perfumes, balata... Certa vez precisei viajar para Manaus e por lá expus meu artesanato por seis meses. Fiquei na feira de lá. O contato foi feito com antecedência pela diretoria da ARTEPAM, a presidente, na época, fez a ponte. Ao chegar fui recebido como um artesão de ofício, me trataram bem e com respeito.

Na praça “duas feiras” são organizadas, pois existem duas associações, uma formada integralmente pelos artesãos de ofício, que se situam na lateral da praça no lado da Avenida Presidente Vargas, indo da Rua da Paz até o anfiteatro na Travessa Oswaldo Cruz (localização visualmente explicada na Figura 54); e a outra, associação dos camelôs, que ocupa outra parte da praça<sup>44</sup> (Costa, 2016). As barracas são todas padronizadas, que é mais um ponto positivo da feira, o que dá ao acontecimento uma característica de organização e de estruturação (ver Figuras 55, 56 e 57). As barracas são de metalon de 2 cm todas em encaixes de peças e cobertas com lonas verdes, e nas laterais das barracas também se visualiza a mesma lona (Costa, 2016).

---

<sup>44</sup> Adicionam-se a essas duas feiras os vendedores fixos e ambulantes que ocupam locais por quase toda a praça e possuem relação direta com a SECON.

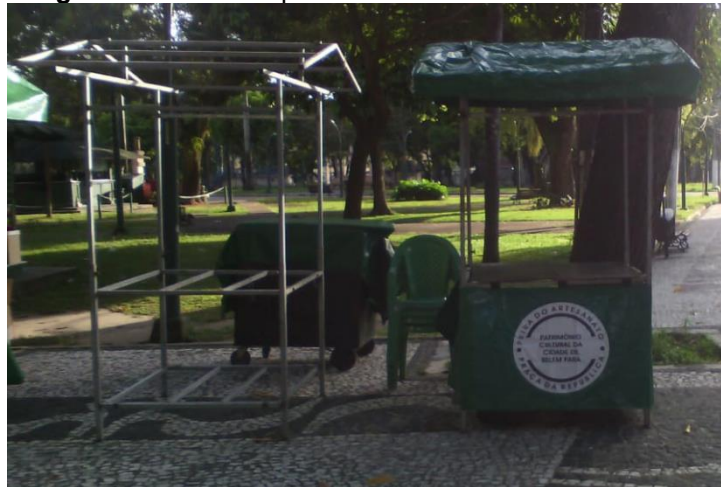
**Figura 54:** Área da praça ocupada pelos artesãos durante a feira



Localização das barracas dos artesãos da associação.

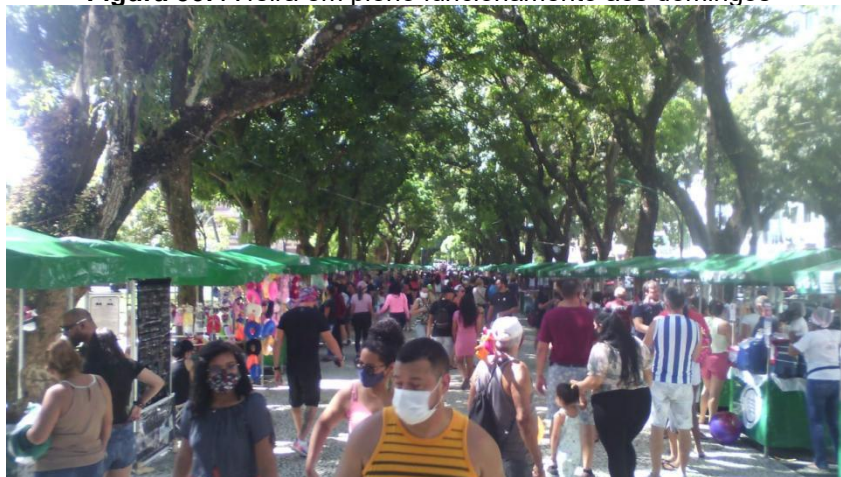
Fonte: Forte, 2022 (com alterações do autor).

**Figura 55:** Barracas padronizadas da feira de artesanato



Fonte: Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 56:** A feira em pleno funcionamento aos domingos



Fonte: Marcelo P. Baccino, 2021.

Ao longo do tempo, o domingo na praça veio se tornando um grande espaço de consumo. Começou com uma feira de artesanato que foi crescendo e se misturando com os produtos industrializados importados. Hoje ambulantes cobrem a praça com mercadorias industriais importadas, alimentos e bebidas, e tudo que eventualmente possa ser uma saída de comercialização para aquele grande fluxo de pessoas (Souza, 2017).

**Figura 57:** Cartão postal emitido pela ARTEPAM



**Fonte:** ARTEPAM, 2024.

Percebe-se que a praça não padeceu de um processo de decadência em seu uso, o que é recorrente em áreas centrais de grandes cidades brasileiras. Muito da manutenção do prestígio desse logradouro é causado pelo uso que a praça passou a ter aos domingos graças à feira de artesanato organizada pela associação de artesãos.

Por meio da sua criatividade e habilidade, os artesãos da praça preservam saberes do presente e do passado em uma síntese de práticas, as quais expressam técnicas e produtos artesanais representativos feitos em balata, madeira, ossos, cuia, cabaça, cerâmica, desenho, pintura, gravura, cordéis, cestaria, miriti, miçanga, cutelaria, bordado, tecelagem, corte e costura, couro, pedras, metais, penas, vidro, essências e perfumes, variados itens religiosos (de temática cristã-católica, afrobrasileira, indígena e afro-indígena), alimentos regionais doces e salgados *etc.* Eles geram seus produtos e expõem com

constância na feira, o que faz com que seja afastado dos membros associados o pressuposto de atividade econômica precária ocasionada por um desequilíbrio financeiro transitório.

Os artesãos se conectam com seu espaço e elementos, organizando a feira de artesanato pela composição da praça. Eles não “bagunçam” a praça ao realizarem a exposição de seus produtos, seja por não desprezarem as regras da prefeitura<sup>45</sup>, seja por terem conquistado e mantido seu espaço através de sua associação<sup>46</sup>.

A feira é o momento em que se vê o artesanato nas barracas posicionadas em uma longa calçada sob um túnel de grandes mangueiras. Em um jardim histórico, caminha-se próximo de monumentos e ainda é possível saborear comidas e bebidas típicas. Faz-se tal passeio escutando música, seja a do Arraial do Pavulagem<sup>47</sup>, seja a de uma roda de carimbó<sup>48</sup> que se formou espontaneamente junto de uma das barracas de instrumentos musicais artesanais.

Na feira o rural encontra o urbano, marcando firmemente a cultura amazônica e brasileira, pois acham-se expostos produtos cuja matéria prima e a técnica de confecção se originam das florestas, dos campos, das várzeas, dos igapós<sup>49</sup>, dos rios, dos lagos, dos igarapés<sup>50</sup>, dos manguezais, das serras e das praias de água doce e salgada.

No domingo durante a feira os visitantes fortalecem os laços socioculturais que ancoram à terra/território e se reconhecem como belenenses, paraenses, amazônicas e brasileiros.

---

<sup>45</sup> Trata-se, principalmente, do Decreto Municipal número 67.961 de 03 de outubro de 2011, o qual disciplina o uso do complexo da Praça da República (Belém, 2023).

<sup>46</sup> Milton Santos (2011), ao tratar sobre cidadania, expressa que os direitos como cidadãos não são dádivas, mas são conquistas a serem mantidas, ameaçadas por um cotidiano implacável de uma sociedade capitalista. No contexto está o direito de associação que deu aos grupos o poder de se fazer serem ouvidos.

<sup>47</sup> Grupo musical regional que anima ruas e praças de Belém.

<sup>48</sup> Dança típica do Pará.

<sup>49</sup> Parte da floresta amazônica que é invadida pela enchente do rio, nela as águas ficam estagnadas durante um tempo. Fato que traz características próprias ao solo, fauna e flora.

<sup>50</sup> Igarapé: palavra tupi que é sinônimo de riacho.

### 3.2. Os artesãos da feira da praça

Para expor na feira, os(as) associados(as) arrumam os produtos no sábado ou na madrugada de domingo. Os itens são carregados em sacolas, mochilas, bolsas, malas ou caixas. O deslocamento ocorre, principalmente, por meio de ônibus e condução por aplicativos.

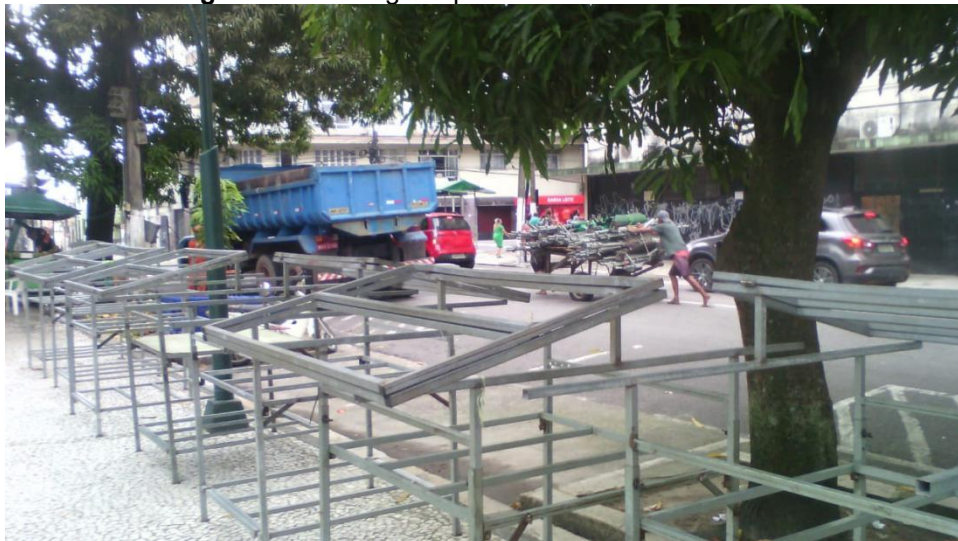
O serviço de montagem, desmontagem, transporte e guarda das barracas é feito por mão-de-obra contratada pela associação (observar a Figura 58 e a Figura 59). Por isso, o associado ou associada, ao chegar por volta das oito horas e oito e trinta, encontra as estruturas de metal e as lonas das barracas já montadas e prontas para o uso.

**Figura 58:** Barracas desmontadas



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2022.

**Figura 59:** Montagem quase concluída das barracas



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2022.

Sobre o horário de chegada dos expositores, um membro comenta:

Quem não chegar até às oito e meia perde seu lugar de exposição. Esse lugar pode ser cedido a um expositor visitante.

Então, uma esteira ou prancha de madeira é posta sobre o estrado de ferro da barraca, depois um tecido é sobreposto para receber os produtos que serão arrumados (consultar a Figura 60 e a 61). As bolsas, sacolas, mochilas ou caixas são colocadas embaixo da barraca e ficam invisíveis ao público. Os expositores levam bancos e/ou cadeiras para sentar atrás da estrutura. Alguns trazem bebidas e alimentos de casa ou compram nas barracas de suas colegas associadas que trabalham com alimentação. Se necessário, eles usam os banheiros públicos que existem na praça.

**Figura 60:** Artesãs organizando seus produtos



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

**Figura 61:** Artesãos arrumando suas barracas no início da feira



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

Todos os que foram entrevistados utilizam as redes sociais para divulgar seus trabalhos. Eles fazem postagens por meio do telefone celular, mas alguns artesãos e artesãs de idade mais avançada são auxiliados pelos seus filhos e filhas na lida com as tecnologias digitais. Nenhum dos participantes da pesquisa utiliza plataformas virtuais de venda e/ou aplicativos de comercialização na rede mundial de computadores.

Os artesãos daqui preferem a venda corpo-a-corpo do que (sic) o comércio digital.

Membro da ARTEPAM

Com relação às formas de pagamentos aceitas por cada expositor ou expositora, foram perceptíveis o uso do dinheiro em espécie, a utilização do

pagamento eletrônico instantâneo (o pix) e o emprego do cartão de débito e de crédito.

Quanto ao Campo Político e de Gestão dos artesãos e sua associação organizadora da feira, a Tabela 1 mostra o quanto são numerosos. O Campo (Bourdieu, 1976) se concretiza no espaço da Praça da República em Belém do Pará, em uma feira que ocorre aos domingos com Agentes Sociais que produzem relações próprias, características exibidas na tabela abaixo:

**Tabela 1:** Os principais Agentes Sociais do Campo de Relações dos Artesãos da Feira da Praça da República em Belém do Pará

<b>AGENTES SOCIAIS</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>
Artesãos e Artistas de ofício	- Artesãos, tatuadores, pintores, desenhistas, escultores e escritores que se organizaram; - Expõem em barracas padronizadas pela associação.
Vendedores de alimentos e bebidas regionais	- Ofertam alimentos típicos do Pará e Amazônia, água de coco e outros alimentos e bebidas feitos de forma caseira; - Expõem em barracas padronizadas pela associação.
Colecionistas	- São colecionadores e negociadores de itens de colecionismo em destaque para a filatelia e a numismática; - Expõem em barracas padronizadas pela associação.
Vendedores/cultivadores de plantas	- São pequenos cultivadores de plantas que comercializam diversos vegetais, arranjos e insumos; - Expõem em barracas padronizadas pela associação.
Aquaristas	- São pequenos criadores que oferecem plantas aquáticas ornamentais, peixes, insumos do aquarismo e os aquários; - Expõem em barracas padronizadas pela associação.
Revendedores	- São expositores que revendem produtos artesanais, itens manufaturados e industrializados; - Utilizam barracas padronizadas ofertadas pela prefeitura de Belém.
Camelôs	- Possuem associação própria; - Utilizam barracas padronizadas ofertadas pela prefeitura de Belém e oferecem produtos industrializados importados além de grande variedade de produtos de origem diversa.
Trabalhadores a serviço dos expositores	- Montadores das barracas, carregadores da feira contratados pelos expositores associados ou não associados; - A associação de artesãos contrata seguranças privados para prestar serviço aos seus associados durante a feira.
Vendedores de itens usados	- Dentre os produtos que oferecem, destacam-se o discos de vinil e livros; - Não usam barracas padronizadas, utilizam estantes de variados formatos ou expõem no chão.
Expositores margerais	- Vistos como pseudo-hippies, são alvos de críticas com relação ao consumo de bebidas e outras substâncias durante a feira; - Não fazem parte de associação alguma, possuem uma união informal entre seus pares. Eles expõem seus artefatos no chão.
Expositores irregulares e precários	- São expositores que de forma muito improvisada se posicionam em local bem movimentado da praça durante a feira.

Taxistas	- Na praça existem estabelecimentos que servem a uma associação de taxistas, são vários e se mostram repetitivos.
Bancas de revistas	- Existem três bancas de revistas na praça, uma delas é bem tradicional, a Banca do Alvino.
Bar do Parque	- Garçons, segurança privada, trabalhadores de manutenção, limpeza, recepção e caixa; - Além dos turistas o local é frequentado por intelectuais e boêmios.
Teatro da Paz, Teatro Experimental Waldemar Henrique, Instituto de Ciências das Artes (ICA)	- Segurança privada, trabalhadores de manutenção, limpeza, recepção, espectadores e os integrantes de palco e bastidores; - Público permanente e temporário que marca presença e movimentam os espaços.
Vendedores ambulantes de alimentos e de bebidas	- Oferecem salgados, doces, água mineral, cerveja, água de coco, suco, refrigerante, tapioca, sorvete, picolé, pipoca, algodão doce, café e chá; - Alguns são legalizados outros não.
Vendedores ambulantes de brinquedos	- Bolas, balões, preparos para fazer bolhas de sabão, carrinhos, entre outros itens; - Alguns vendem brinquedos artesanais clássicos de madeira, papel machê, arame, esponja e latas.
Artistas de rua	- Teatro de rua, músicos, mágicos, estátua viva, poetas e malabaristas; - Muitos dos artistas de rua aparentam estar de passagem pela cidade ou mesmo como andarilhos.
Jornaleiros	- Caminham pela praça, oferecendo o jornal do dia; - Em geral vendem os principais jornais de mídia de massa pertencentes aos dois grandes grupos da elite política e econômica do Pará.
Fotógrafos	- Andam pela praça abordando famílias e casais, aproveitando os belos cenários do jardim histórico para conseguir clientes.
Esqueitistas, ciclistas, patinadores, corredores, caminhantes, ginastas de calistenia e <i>parkours</i>	- Geralmente andam em grupos, mas bem cedo. Existem moradores vizinhos que, sozinhos ou em família, exercitam-se pela praça; - Algumas modalidades são combatidas pelos guardas municipais por causarem danos aos monumentos ao serem utilizados para manobras radicais.
Roqueiros e Regueiros	- São grupos que se aglutinam, principalmente, pelo gosto musical; - Existem várias segmentações como Metal, Metal Pesado, <i>Punk</i> , entre outros.
Coletivos LGBTQIA+	- No fim da tarde se encontram geralmente perto do coreto greco-romano ou na sombra da samaumeira próximo do Teatro da Paz.
Movimento Negro - Quilombo da República	- Ponto de encontro, representação e conscientização do movimento negro; - Comercializa produtos diretamente e indiretamente relacionados ao movimento.
Movimento Vegetariano/Vegano	- Fazem piquenique embaixo de uma das samaúmas, perto do local onde se reúnem os protetores de animais; - Estendem panos sobre a grama com alimentos e bebidas. Às vezes cantam e tocam violão.
Associações de capoeiristas	- Utilizam o anfiteatro para fazer Roda de Capoeira; - A Roda de Capoeira agrega diversas associações de capoeiristas da região metropolitana e até mesmo a Federação Paraense de Capoeira.
Protetores dos animais	- Disponibilizam animais para doação e mostram seu trabalho de proteção, castração, entre outras ações;

	- Também fazem encontros nos coretos próximos ao teatro.
Movimento Hare Krishna	- Andam pela praça vendendo livros do movimento, convidando para palestras e sempre estão dispostos a conversar com aqueles que lhes abordam; - Por vezes agregam-se e saem pela praça cantando mantras, tocando e dançando.
Garotas e garotos de programa (masculino e feminino, cis e trans)	- Com o adentrar da noite, começam a vir para a margem da praça nos locais próximos das avenidas mais movimentadas; - As garotas também frequentam o Bar do Parque.
Alugadores de brinquedos infantis	- Triciclos, carros de pedal e miniveículos elétricos; - Utilizavam a rua em frente ao teatro, mas foram removidos de lá. Hoje ocupam pontos espalhados pelo centro da praça.
Panfleteiros	- Andam pela praça distribuindo panfletos e/ou placas de divulgação por iniciativa própria ou contratados por agências de publicidade.
Guardadores de veículos	- Como uma ocupação frente ao desemprego; - Atuam ao redor de toda a praça guardando e lavando veículos.
Pregadores evangélicos	- Fixam-se em bancos da praça distribuindo folhetos, outros distribuem folhetos caminhando pela praça; - De pé ou individualmente alguns pregam ao vento.
Turistas	- Vindos de outras cidades do Pará, outras unidades da federação e outros países; - A feira é um atrativo turístico tradicional em Belém.
Visitantes belenenses e da RMB	- Principalmente casais, famílias e grupos de amigos; - Dependendo do horário a praça tem uma maioria de certo tipo de público.
Familiares dos expositores	- Muitos tem esse dia como forma de lazer e companhia. Outros casos são de crianças acompanhando os pais; - Percebem-se famílias sentadas atrás das barracas, com lanches, conversas e até jogos de cartas e tabuleiros.
Pedintes	- Aproveitam-se da grande movimentação para recolher esmolas; - Geralmente ficam nas esquinas mais movimentadas da praça durante a feira.
Pessoas em situação de rua	- Fazem da praça uma “alternativa” habitacional. Às vezes ocupam estruturas da praça, fazendo delas seu local de dormitório e banheiro.
Agentes públicos municipais e estaduais	- São servidores públicos que atuam em diversas funções, como fiscais da prefeitura, da Secretaria de Economia; guardas municipais; garis; organizadores dos banheiros públicos; policiais militares e os que monitoram o espaço por meio de câmeras de segurança.
Arraial do Pavulagem	- Nos festejos da quadra junina, ocorrem arrastões de boi-bumbá pela Av. Presidente Vargas, os quais têm, aos domingos, a praça como palco para apresentação do grupo que canta carimbó, toadas, lundú e siríá.
Manifestantes	- Historicamente a praça é um importante palco de manifestações políticas da população. Tal fato se apresenta de forma mais expressiva desde as décadas de 50 e 60 com as manifestações de operários e operárias das fábricas de linhagem, óleos e saboarias do bairro do Reduto.

Fonte: Marcelo P. Baccino, 2022.

Existem também relações que são mais externas ao espaço da praça, que se dão sem precisar dividir alguns metros de calçadas, mas que participam do cotidiano dos artesãos. São os ajudantes dos artesãos, que estão em suas oficinas e ateliês; os fornecedores de matéria-prima e variados insumos; aqueles que transportam os associados e suas mercadorias de casa para feira e vice-versa; compradores que fazem encomendas especiais; clientes lojistas que revendem artesanato e demandam pedidos diretamente na oficina ou ateliê; as redes sociais; artesãos e artistas de outras regiões com quem existem intercâmbio e amizade; instituições culturais públicas e privadas que apoiam o artesanato financeiramente, na mídia e em variadas exposições e mostras. Essas relações estão em camadas mais distantes, mas são importantes para o funcionamento da associação e da feira.

Há uma variedade de membros que compõem a associação e se relacionam de inúmeras formas entre si e com o diversificado público da praça, fazendo redes de relações no espaço urbano onde eles se localizam (vide Figura 62). Sendo a feira como um espaço de sociabilidade, de práticas sociais, de identidades, capaz de convergir os fluxos distintos de convivência, encontros e comunicações da cidade, caracterizando como um espaço, um lugar que dá suporte para a sociabilidade: um local de encontro, de troca e reconhecimento de vivências (Magnani, 2002).

**Figura 62:** Entre vendas e conversas, ocorre uma parada para lanchar tapioca



Fonte: Marcelo P. Baccino, 2021.

Abaixo relato momentos observados que caracterizam o grupo de artesãos e a feira:

Momento 1: A ação do guardador de veículos, por volta das oito horas, que tenta reservar a vaga para o artesão estacionar próximo da barraca na qual expõe seus produtos e, com essa ajuda, não precisar carregar diversos volumes por uma maior distância.

Momento 2: A atividade do jornalista que, caminhando ou de bicicleta, oferece o jornal e rapidamente se aproxima daqueles artesãos, seus clientes, que comumente compram o periódico na edição especial de domingo para ler durante a feira ou quando chegar em casa.

Momento 3: O filho que acompanha os pais artesãos quase todos os domingos até à feira para exporem sua produção e lá chegando pede ao pai que compre um ioiô que o colega artesão produz, um brinquedo que a criança viu e por ele se encantou. Uma peça de forma primorosa, todo feito em madeira, com um polimento tão bem realizado que o faz brilhar muito, o formato é aerodinâmico e nas laterais tem desenhos sulcados que geram dinâmicas formas quando o ioiô gira. O barbante de boa espessura é de algodão cru e tingido de verde-escuro. O artesão, pai da criança, deixa seu filho mais velho e esposa na sua barraca e segurando a mão do caçula vai até à banca do colega de ofício. O item desejado é comprado depois de todos interagirem. Então os irmãos passam a

brincar com o ioiô, fazendo manobras como volta-ao-mundo, cachorrinho, pularcerca, dorminhoco, balanço, entre outras.

Momento 4: Pouco antes do meio-dia, quando a jovem artesã e sua filha, sentadas atrás da sua barraca, recebem o aceno de uma idosa artesã, posicionada em uma barraca próxima, mais ou menos em frente da que elas estão; a criança olha para a mãe, que lhe faz um gesto de permissão. Chegando lá, sempre acompanhada pelo olhar cuidadoso da mãe, a menina é recebida pela idosa que depois de muitos beijos de ternura pega de cima de sua banca um bombom artesanal de chocolate recheado com doce de cupuaçu e pedaços torrados de castanha-do-Pará e presenteia a menina.

Momento 5: A artesã se afasta de sua barraca e vai até à tradicional Banca do Alvino (existente há mais de 30 anos, vende jornais, revistas, livros, apostilas para concursos e mais) comprar a revista especializada sobre o artesanato que produz em crochê, costura, bordado, pintura em tecidos, entre outros assuntos correlatos. No caminho vai cumprimentando e parando para conversar com outras e outros colegas artesãos até chegar no local para comprar a revista. Ao voltar para sua banca, outras pessoas são cumprimentadas e mais pequenas paradas para conversar ocorrem. Enquanto isso alguém da família ficou tomando conta da barraca e se não tivesse ninguém para isso a colega da direita ou o colega da esquerda faria isso: receberia as pessoas interessadas, diria o preço dos produtos e venderia.

Momento 6: O vendedor ambulante de café (também de chá e de chocolate quente e gelado) que fidelizou seus clientes passa todos os domingos no meio da tarde nas barracas para oferecer as bebidas e conversar.

Momento 7: Quando, em um horário já caminhando para o final da tarde, um artesão sentado próximo de sua barraca levantou-se bruscamente e começou a insultar e acusar um transeunte de ter assediado sua filha pré-adolescente, que estava de pé próximo da banca de seus pais. Logo os insultos avançaram para agressões sobre o assediador que fugiu do local sobre socos e pontapés.

Marx Weber (1973) pronunciou que a relação social, dentro de uma ideia de comunidade, inspira-se no sentimento subjetivo dos partícipes da constituição de um todo. Relatos como esses demonstram ocasiões de cooperação e de conflito entre os artesãos e os Agentes Sociais do Campo de Relações dos

mesmos. Assim a relação entre expositor e cliente é apenas um dos tipos de interações que ocorrem na feira, pois desde a madrugada já existem pessoas mobilizadas para montar as barracas e, essas interações, acontecem até o final da tarde com o fim da feira e o seu desmonte (ver Figuras 63, 64 e 65).

**Figura 63:** Interações entre expositores



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

Aos domingos bem cedo, no alvorecer, os carregadores e montadores de barracas entregam, montam e organizam as barracas de metalon dos expositores da feira. Por volta de seis e meia da manhã, inicia-se a movimentação desses trabalhadores. As pessoas em situação de rua desocupam bancos e coretos para ir atrás de alimentos, alguns passam a pedir esmolas na praça mesmo, outros atuam como guardadores e lavadores de carro no entorno da praça. Do nascer do sol até aproximadamente oito e meia, a Praça da República recebe pessoas que moram no entorno para usufruir do grande espaço ao ar livre, do frescor da manhã e do benéfico sol do início do dia. São

vários idosos que caminham para se exercitarem. Vê-se mães e babás que cuidadosamente andam empurrando carrinhos com bebês. Também foram observados jovens praticando corrida e fazendo ginástica de calistenia. Outro público avistado foi o composto por crianças andando de bicicleta, patins e patinete sob o olhar atencioso e zeloso de um ou mais acompanhantes.

Por volta de oito e oito e meia, com o aumento de intensidade da luz solar, chegam os expositores para arrumar seus artesanatos nas suas correspondentes barracas. Até às nove horas, ocorre a interação entre os artesãos e a diretoria da ARTEPAM. Os artesãos que compõem a diretoria são os primeiros a chegar para receber os expositores e prezar pela organização da feira. Ainda nesse horário vários artesãos compram jornais da Banca do Alvino e de vendedores que passam pela praça. Alguns deles também consomem doses de cafezinho vendidos por tradicionais ambulantes que se aproximam dos expositores, nesse horário e depois do horário do almoço, aproveitando-se do hábito de beber “um cafezinho” que os brasileiros possuem.

Às nove horas já começa o fluxo de visitantes. Tal movimento de pessoas alcança seu auge entre as dez e doze horas. Esse ápice da presença de visitantes também é o período de maior oportunidade de vendas e de interações dos expositores e visitantes e a maior parte dos Agentes Sociais do Campo de Relações dos Artesãos, nesse intervalo de tempo ocorre a maior parte das ações de cooperação e conflito entre os artesãos e os demais Agentes. Após o meio-dia a quantidade de público começa a decair<sup>51</sup>, tornando-se bem menor depois das quinze horas. Até às quinze horas também podem acontecer eventos como as apresentações musicais com palco montado no interior da praça e a finalização ou o início de marchas e demais manifestações organizadas por sindicatos e outros movimentos sociais.

No final da tarde e início da noite, mudam os ares da praça, a luz solar diminui e o claro azul diurno passa pelo crepúsculo que gradualmente permuta para a escuridão. As calçadas, os monumentos e os caminhos pelo interior do jardim histórico ganham charmosa iluminação artificial. Os artesãos, em sua maioria, já se foram (poucos ficam até às dezessete horas). Ainda ficam no interior da praça coletivos de pessoas que se reúnem, por exemplo, por afinidade

---

<sup>51</sup> Pela tarde é comum chover em Belém, fenômeno natural que ajuda a dispersar o público.

de gosto musical. O Bar do Parque passa a ter maior clientela da vida boêmia e o Theatro da Paz abre suas portas para receber aqueles que vem assistir seus espetáculos.

No avançar da noite, a vida noturna representada, principalmente, pelo coletivo de pessoas, pelo Theatro e pelo bar, complementa-se com a presença de profissionais do sexo. Além da presença de garotas de programa no bar, elas e eles se posicionam ao longo da Avenida Assis de Vasconcelos, sob a escura sombra das mangueiras - o breu que fica abaixo da densa folhagem das copas das grandes árvores de manga.

A praça, enquanto logradouro público, permanece em funcionamento contínuo, vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana. Ela abriga uma diversidade de usos e usuários, que variam conforme o horário e o dia da semana. É um jardim histórico, aberto e acessível, que permite que diferentes tipos de público o ocupem de formas variadas, transformando-o em um espaço dinâmico.

É essa multiplicidade de usos e temporalidades que a Figura 64 busca representar, especialmente ao mostrar a intensa movimentação observada aos domingos. Nesse dia específico, a praça se torna cenário de um grande fluxo de pessoas. Cada agente ocupa e se apropria do espaço de maneira singular, contribuindo para a construção de um ambiente socialmente rico e visualmente complexo.

Além disso, a imagem sugere como esses diferentes usuários compartilham o espaço urbano de forma simultânea ou alternada, muitas vezes em horários distintos do dia, sob diferentes condições de luminosidade natural — como a luz suave da manhã, o brilho intenso do meio-dia, as sombras alongadas do entardecer e a escuridão da noite. Esses elementos não apenas influenciam a atmosfera da praça, como também moldam os modos de apropriação e permanência dos indivíduos nesse espaço.

A análise do cenário registrado na Figura 64 considera, ainda, os aspectos de cooperação e conflito, compreendidos como dimensões fundamentais da interação social nesse espaço público. A convivência entre diferentes categorias sociais na praça pode tanto gerar momentos de integração, troca e convivência pacífica quanto provocar tensões e disputas por território, visibilidade ou permanência. Assim, a praça se revela não apenas como um espaço físico, mas



**Figura 65:** Confraternizações que ocorrem nos bastidores das barracas



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

A união desses trabalhadores os fortalece em diversos sentidos, pois como afirma Paulo Freire:

Com a vontade enfraquecida, a resistência frágil, a identidade em dúvida, a auto-estima esfarrapada não se pode lutar. Desta forma, não se luta contra a exploração das classes dominantes, contra a exploração capitalista (Freire, 2000, p.47).

Sobre a postura de solidariedade e de cooperação como a da referida associação dos artesãos, Milton Santos diz o seguinte:

Só aqueles que superam o nível puramente egoístico escapam ao fato de que, no capitalismo avançado, “a própria individualidade se tornou uma mercadoria”. Essas pessoas privilegiadas ultrapassam nos fatos o conceito de “massas” e são “desse modo capazes de realizar um dos aspectos da liberação: a existência de indivíduos solidários tanto ao nível da ação quanto ao nível da sensibilidade” (Santos, 2011, p. 157).

O próprio ofício dos associados traz uma cultura tradicional a qual oferece a eles mesmos e ao público um corpo coerente de conhecimentos (Capital Cultural), muito diferente da fragmentada e superficial cultura de massa. Um enfrentamento direto e muitas vezes indireto do que deseja a classe hegemônica que como dizem Marx e Engels (2008) em grande interrogação: “- Que

demonstra a história das ideias senão que a produção intelectual se transforma com a produção material?”. As ideias dominantes de uma época sempre foram as ideias da classe dominante. Sobre isso Álvaro García Linera diz:

No hay pues fuerzas productivas ingenuas o neutras. Cada herramienta, cada medio de trabajo fruto de la sociedad contemporánea incorpora en su cualidad material y en las formas de su uso un conjunto de intencionalidades sociales, un conjunto de dispositivos de orden que constriñen habilidades, prescriben comportamientos, priorizan tales o cuales saberes, descartan otros, expanden tal o cual actitud grupal y aplastan otras (2020, p.65).

Continua Linera:

La interdependencia universal del trabajo, la creatividad, el intelecto social general, la ciencia, todas ellas capacidades sociales que han despertado al influjo de la sociedad moderna, y que llevan en ciernes una infinidad de fuerzas capaces de fortalecer aptitudes humanas y de satisfacer requerimientos colectivos, son sistemáticamente extorsionadas para adecuarse a la estrecha disciplina de la ganancia. Es por esto que el capital “aniquila” a las fuerzas productivas, les impone un devenir cercenado por la valorización; pero no bien procede a este tipo de mutilación, las fuerzas productivas así desarrolladas como fuerzas productivas del capital vuelven a delinear las potencialidades latentes, que van más allá del valor de cambio y que nuevamente serán reprimidas, para luego volver a renacer con más fuerza. De hecho, el desarrollo de las fuerzas productivas en el capitalismo, que en el fondo es un desarrollo de y para el capital, si algún motor tiene es justamente ahogar, vencer, capturar, erosionar en tal medida esas resistencias y autonomías erigidas por el trabajo frente al capital, que limitan la autovalorización del valor, como las propias potencialidades productivas que van más allá de la forma valor, de la forma mercancía y que están depositadas, aunque de manera abstracta, en las propias fuerzas productivas (2020, p.66).

Os artesãos fazem parte da classe trabalhadora e menos favorecida da sociedade amazônica, eles estão nesse contexto histórico-social construído desde antes da invasão colonial até culminar nos tempos atuais e são eles, assim como os quilombolas, os indígenas, os caboclos, os trabalhadores informais, os ribeirinhos e os moradores da periferia, os combatentes cabanos<sup>52</sup>;

---

<sup>52</sup> A Cabanagem foi constituída pela tomada gradual de consciência do povo, fato evidenciado por terem ocorrido diversas revoltas que efervesceram as terras paraenses nas primeiras décadas do século XIX. Porém, o estopim da guerra civil ocorre na madrugada de 7 de janeiro de 1835 com a invasão e tomada de Belém pelos cabanos (em sua maioria indígenas, negros, pardos e brancos pobres), sendo executadas as autoridades políticas e militares governistas; e realizadas vinganças com relação às atrocidades cometidas pela elite branca e lusitana (Souza Junior, 2022). A revolta trucidou entre 30% a 40% da população local que só voltou a crescer significativamente em 1860. Essa revolução matou mestiços, indígenas e africanos pobres ou escravizados, mas também dizimou boa parte da elite da Amazônia. O principal alvo dos cabanos

herdeiros do sofrimento multissecular e atuantes na luta de resistência. Pessoas sem acesso a cargos de comando na sociedade, possuem escassos recursos materiais e, quando se revoltam contra tal situação impostas a eles, são violentamente confrontadas pelas forças dominantes. Aí está, também, a inquietação e a necessidade de se organizarem por meio da ARTEPAM.

A associação coordena a feira da praça, que se mantém há 40 anos. Os associados são expositores na feira, mas participam de outras feiras na cidade, no Pará e de feiras pontuais em todo o Brasil. São 260 artesãos associados e artesãos visitantes que podem se instalar em 274 barracas. As principais dificuldades enfrentadas são: falta de segurança pública na praça, falta de ordenamento do espaço público - presença de vendedores ambulantes não legalizados e superabundância de camelôs - e dificuldade de acesso a financiamento (Diniz; Diniz, 2007).

Os artesãos produzem um Campo Relacional de Resistência. Eles fazem uma produção viva na qual as coisas acontecem. É comum considerar que a cooperação é bastante importante nos negócios do artesanato. De fato, as associações que desempenham papel de coordenação em alguns espaços físicos importantes, como a ARTEPAM na feira da praça, têm criado maiores oportunidades, por meio da venda conjunta de produtos. Desempenham ainda um papel aglutinador em outras formas de cooperação, na defesa de reivindicações comuns, na tentativa de obtenção de financiamento, na participação conjunta em feiras e na capacitação de recursos humanos (Diniz; Diniz, 2007). Três artesãos de ofício da ARTEPAM expressaram o seguinte sobre o assunto:

A feira tem 260 expositores-associados e vários deles possuem ajudantes em suas oficinas ou ateliês. E ainda recebemos entre 15 e 30 artesãos visitantes por domingo.

Membro da ARTEPAM

---

eram os brancos, especialmente os portugueses mais abastados. A grandiosidade dessa revolução extrapola o número e a diversidade das pessoas envolvidas. Ela também abarcou um território muito amplo. Nascida em Belém do Pará, a Cabanagem avançou pelos rios amazônicos e pelo mar Atlântico, atingindo os quatro cantos de uma ampla região. Ela chegou até as fronteiras do Brasil central e ainda se aproximou do litoral Norte e Nordeste. A revolta gerou distúrbios internacionais na América caribenha, intensificando um importante tráfico de ideias e de pessoas (Ricci, 2007).

O artesanato tem muito valor. Nunca deixará de existir e ter quem valorize. É por meio do artesanato que tenho trabalho e renda, sustento minha família.

Membro da ARTEPAM

O artesanato valoriza a cultura de nossa terra, gera empregos diretos, gera empregos indiretos e é uma forma de fazer o que as pessoas gostam.

Membro da ARTEPAM

Os artesãos e artesãs associados entrevistados elogiaram a localização da sede da ARTEPAM e da feira, a agradável sombra das mangueiras e a ventilação. Os pontos positivos apontados na atual administração da associação são: prestação de contas atualizada; barracas e lonas em excelente estado de conservação; bom serviço de montagem, desmontagem, transporte e guarda das barracas; presença da diretoria na feira para prestar organização, ajuda, esclarecimento, representação e fiscalização; funcionamento do escritório da ARTEPAM todas as segundas-feiras em horário comercial; boa organização da feira de artesanato por parte da ARTEPAM.

Para os entrevistados o lugar para expor, a barraca e as lonas são os serviços mais importantes que a associação fornece.

Já os pontos negativos foram os seguintes: pouco diálogo com a atual gestão municipal de Belém; falta de participação da associação em editais e programas de iniciativa pública e privada relacionados a cultura, ao turismo e a economia (a popular e solidária, a de base local, a de micronegócios, entre outras variedades nas quais se inserem os artesãos); cobrança quanto ao horário de saída de grande parte dos expositores, pois a gestão requisita que fiquem até às dezessete horas; e diminuição do espaço entre as barracas.

A respeito do penúltimo item, escutou-se e observou-se que grande parte dos associados finalizam sua exposição na feira por volta de quinze horas. Os membros da diretoria da associação cobram a permanência até às dezessete horas, mas os associados justificam a saída precoce devido à violência da RMB e à grande diminuição do público composto por famílias após às quinze horas<sup>53</sup>.

---

<sup>53</sup> A violência urbana, gerada pelas contradições do sistema capitalista, afeta diretamente os artesãos que trabalham na feira da praça. Um exemplo disso é a situação de muitos artesãos que, por residirem em bairros periféricos marcados pela violência, precisam encerrar suas atividades mais cedo para realizar o trajeto de volta com maior segurança. A sensação de insegurança reduz o tempo de permanência dos expositores na feira, impactando negativamente as vendas.

A diretoria pede para ficarmos até às dezessete horas, mas a falta de segurança em nossa cidade faz com fiquemos até às quinze horas, expondo na feira, mais tardar fico até às quinze e trinta.

Membro da ARTEPAM

Com relação à diminuição do espaço entre as barracas, a ação da atual gestão teve como objetivo inserir mais 20 barracas na feira para receber o número crescente de expositores visitantes, mas vários associados reclamaram da diminuição do espaço. Foi exposto pelos reclamantes que, com a diminuição do espaço entre barracas, ficou difícil receber maior número de pessoas interessadas em frente à barraca; ficou mais difícil visualizar os produtos pelas laterais da barraca; dificultou ou impossibilitou a passagem entre as barracas, se a pessoa for “corpulenta” ou estiver carregando alguma bagagem; em caso de sinistro ou aglomeração, as barracas poderiam ser mais facilmente derrubadas; ocorreu poluição visual e aumentou o calor. A atual diretoria da ARTEPAM acatou as reclamações e devolveu o espaço original entre as barracas.

Vê-se aqui uma situação na qual a ARTEPAM tenta expandir a feira de artesanato com mais lugares para receber artesãos visitantes, os quais poderão ser novos membros da associação, mas isso não foi possível, pois “coladas” na última barraca da feira de artesanato, estão as barracas de vendedores ali posicionados pela PMB.

O espaço que poderia ser de expansão da feira de artesanato na calçada lateral da Travessa Oswaldo Cruz foi limitado pela PMB e utilizado por ela para incluir barracas de vendedores (muitos de produtos industrializados e revenda de artesanato), que devido à proximidade se mesclam com as barracas dos artesãos. Como na praça as barracas de metalon e lonas verdes são padronizadas pela PMB para todos os vendedores artesãos e não-artesãos, fica uma errônea e forte impressão de que é uma única feira.

Existe muito espaço para o posicionamento de barracas nas calçadas das laterais da praça na Avenida Assis de Vasconcelos e Avenida Nazaré, porém essas calçadas não possuem a grande movimentação de visitantes gerada pela feira de artesanato, então, para aproveitar esse fluxo de pessoas, os vendedores não-associados e de responsabilidade apenas da SECON tentam se fixar o mais perto possível das barracas dos artesãos.

Tal situação atrapalha o bom desenvolvimento e fortalecimento do grupo de artesãos de ofício, impede o crescimento da feira de artesanato com o intuito de ter mais expositores, com maior variedade de produtos e mais representatividade da cultura amazônica e brasileira.

A pesquisa indica que a feira apresenta problemas, principalmente em relação ao uso do espaço público (observar a Figura 66). Para gerar melhorias é necessário que a PMB promova a abertura de canais de participação para receber sugestões dos feirantes e dos visitantes e com isso planejar para realizar intervenções na praça. Entre essas intervenções, destaca-se a urgente necessidade de constantes ações de conscientização quanto à limpeza e organização dos vendedores e visitantes<sup>54</sup>.

**Figura 66:** Expositores não associados, sem permissão legal e em situação precária



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

---

<sup>54</sup> A associação de artesãos sempre oferece barracas para expositores visitantes e ocasionais, os quais podem ocupar o espaço pagando um pequeno valor correspondente à exposição em um único domingo. Trata-se das bancas dos associados que não vieram expor, elas ficam disponíveis após às oito e meia da manhã e das bancas sobressalentes.

Mesmo organizados os artesãos e artistas da feira ainda encontram grandes dificuldades, percebe-se que a feira do artesanato, como é conhecida, está perdendo a sua característica principal. O objetivo real da feira da praça em sua criação foi de se ter um espaço para que os artesãos e artistas pudessem expor e comercializar seus produtos, todavia, o que se percebe hoje são inúmeras barracas próximas dos artesãos com produtos importados, muitos de origem duvidosas, além de alimentos e de itens usados, o que vem a cada dia tirando o espaço desses artesãos (Costa, 2016). Percebe-se que o “empreendedorismo por necessidade”, que surge devido à emergencial busca por subsistência, gera fortes pressões na praça, na feira, na associação e, conseqüentemente, nos artesãos.

**Figura 67:** Camelôs negociando seus produtos industrializados importados



**Fonte:** Marcelo P. Baccino, 2021.

Vários são os problemas enfrentados pelos artesãos da ARTEPAM que organizam a feira de artesanato. Outro deles é a violência existente em nossa sociedade, pois, para voltar para casa com mais segurança, muitos expositores saem da feira bem antes das dezessete horas.

Outra triste situação diversas vezes expressa nas entrevistas foi o falecimento de vários membros da associação durante a pandemia de Covid-19. Grande parte deles era veteranos artesãos e artesãs de ofício, os quais fazem e farão muita falta para o convívio entre os associados, para a administração da ARTEPAM e para a organização da feira. Nesse cenário está a questão da manutenção e crescimento do número de membros para compor a diretoria, o Conselho Fiscal, as comissões e ocupar o espaço na feira da praça como expositores, pois com o passar dos anos os artesãos mais velhos são menos

ativos na associação, vão se aposentando ou falecendo. A inclusão de novos integrantes passa pela captação dos expositores visitantes, que, conforme já foi dito, está entre 15 e 30 por domingo. Sobre o tema um membro fundador expressa:

Com a morte de dois artesãos associados e melhores amigos do meu marido, ele ficou menos atuante na ajuda com a administração da associação. Aí outra geração assumiu o protagonismo.

Existe também o cuidado com as tentativas de compra de produtos através de dinheiro falso, troca de notas falsas de alto valor e substituição de notas falsificadas por transação bancária instantânea (pix). Foi relatado que notas de cinquenta e cem reais precisam ser verificadas.

Perguntados quanto ao problema da descaracterização do artesanato produzido, a seguinte resposta foi dada por um dos entrevistados que é artesão associado e membro da atual diretoria da ARTEPAM:

O pessoal da serigrafia e canecas é um dos que nos causam problemas. Não aceitamos produtos industrializados e pedimos para que seus desenhos sejam autorais e com temas relacionados a cultura local, regional e nacional. Evitamos ter aqui essas estampas com cultura importada!

O maior problema indicado pelos artesãos da ARTEPAM foi a presença cada vez maior de vendedores ilegais e/ou irregulares ocupando o espaço da feira de artesanato.

Percebem-se fiscais da prefeitura pouco ativos e que saem da praça antes do meio-dia, sendo que ainda é grande a movimentação de vendedores e de público visitante até às quinze e trinta. A falta de atividade por parte dos fiscais municipais com relação aos vendedores ilegais e/ou irregulares que tentam todos os domingos ocupar o espaço da feira de artesanato foi visível. Esses vendedores se posicionam bem em frente às barracas dos artesãos expositores, impedindo ou prejudicando o fluxo de pessoas, sem se preocupar se tal posição vai impedir a venda dos artesãos. Eles vendem produtos importados

industrializados na feira de artesanato, sendo que os artesãos têm seus produtos fiscalizados e somente podem vender artesanato<sup>55</sup>.

Somos fiscalizados! Somente podemos produzir e vender nosso artesanato. Daí, principalmente, vem a necessidade de termos um espaço separado de venda e comercialização dos demais que revendem artesanato de terceiros, manufaturas e produtos industrializados. Nosso produto tem todo um conceito próprio de ser, fazer e viver que se diferencia dos outros produtos.

Membro da ARTEPAM

Conquistamos esse local de exposição e esse público depois de muitos anos de luta.

A praça é imensa e nela tem outros lugares que podem ser organizados para os demais vendedores junto com a prefeitura.

Membro da ARTEPAM

O maior problema é a venda ilegal e mal posicionada dentro do espaço para os artesãos.

Membro da ARTEPAM

Nosso maior problema é com os camelôs ilegais e precários que querem ocupar o espaço da feira de artesanato.

Membro da ARTEPAM

Os principais problemas são expositores precários e ilegais, estelionatários e dinheiro falso.

Membro da ARTEPAM

Nas falas dos artesãos o sentimento de injustiça está presente ao tratar sobre o assunto. Os associados mais antigos e fundadores remetem-se ao início

---

<sup>55</sup> Vê-se o descumprimento de grande parte do Decreto Municipal nº 67.961 de 03 de outubro de 2011 (Belém, 2023). Importante dizer que nenhum desses incumprimentos foram feitos pelos membros da ARTEPAM. Todos os descumpridores das regras que foram vistos ou eram vendedores irregulares ou eram expositores que ocupavam barracas de direta responsabilidade da prefeitura. Durante várias das visitas aos domingos, observou-se esses descumprimentos, dentre eles, destaca-se alguns dos atos e relacionados aos itens desrespeitados do decreto:

- A existência de muito mais do que o limite de 48 vendedores de produtos industrializados e manufaturados que não fazem parte da ARTEPAM ou da associação de camelôs. Tal limitação está explícita no parágrafo terceiro do artigo 3 do Capítulo III que trata do ordenamento das atividades na praça;

- Foi visível na praça a venda de bebidas alcoólicas por parte de diversos vendedores ambulantes e o avanço dos vendedores fixos e ambulantes sobre os dois terços de calçada reservado para os transeuntes, ações proibidas pelo artigo 7 do Capítulo VII;

- A grama foi ocupada e pisoteada pelos vendedores e sua mobília (pernas de mesas, cadeiras, pés de mostradores e as bases de toldos perfurando a grama). Lixo foi visto sendo descartado no solo. Fatos contrários ao que dispõe o artigo 13 do Capítulo X que trata da preservação ambiental;

- Notou-se a presença de vendedores mesmo após às dezessete horas, sendo, em sua maioria, de seis até às dezessete horas o horário permitido para venda na praça, conforme o Capítulo XII.

do grupo com apenas 12 integrantes associados e expositores; além do fato de que a feira é importante atrativo cultural e turístico de Belém. Já os membros da diretoria da ARTEPAM citam a desvalorização da associação e desorganização da praça por parte da PMB, mesmo a associação tendo, por lei, o reconhecimento municipal e estadual como entidade de utilidade pública.

Hoje a Feira de Artesanato da Praça da República faz parte do simbolismo, da afetividade e do invulgar dentro da RMB. A feira integra o conjunto histórico, paisagístico e cultural centralizado na Praça da República de Belém do Pará que tem seu uso diversificado pela sociedade, mas que ganha destaque aos domingos graças, principalmente, a feira.

A feira é a síntese do artesanato paraense e de grande parte da Amazônia. Temos cestaria, cuias, artigos de balata, itens de miçanga de diversos povos indígenas, artesanato quilombola, cerâmica marajoara e cerâmica tapajônica.

Membro da ARTEPAM

Tentamos acordo com municípios paraenses para que tivessem uma barraca na feira vendendo o artesanato representativo local, mas não deu certo. Quando dá certo, logo termina com a troca de prefeito ou de secretários.

Membro da ARTEPAM

O sucesso da feira é um bom exemplo para que o poder público e a sociedade em geral vejam e procurem entender o trabalho dos artesãos e artistas em atividades que geram renda, riqueza cultural e movimentam a economia.

Vê-se a necessidade de, além da praça aos domingos, os artesãos terem um espaço para comercializar nos demais dias da semana.

Nesse contexto surge o questionamento quanto ao número de dias de realização da feira, que começou com três dias, passando para dois dias e, atualmente, ficando em um dia por semana. De tal questão surgem diversos fatores que podem ser analisados e explicam o motivo.

O primeiro deles é a questão da indisponibilidade de recursos para comprar a estrutura das barracas e as lonas nos primórdios da formação do grupo de artesãos, equipamento que inicialmente foi ofertado pela PMB. A mesma prefeitura ofertou, de forma experimental, o espaço da Praça da República após os artesãos tentarem expor em diversos locais pela cidade de

Belém. Nesse momento inicial o grupo de artesãos estava em desnivelada relação com o Governo Municipal e precisou atender com menor resistência e capacidade de negociação às orientações do Poder Público. Direcionamentos que definiram o tamanho do espaço de exposição e o número de dias de ocorrência da feira.

O segundo fator é o preconceito da sociedade em relação ao trabalhador autônomo e independente — como artesãos e feirantes —, o que dificultou o fortalecimento do grupo de artesãos ao tentar atrair mais membros para um pequeno coletivo que estava organizando a nova e primeira feira de artesanato da cidade. Trata-se de um exemplo de violência simbólica, conforme expressa por Pierre Bourdieu (1989). Essa demora para o grupo crescer causou a falta de expositores em um momento no qual o sucesso da feira em número de expositores e visitantes poderia ser de grande influência para se requerer mais dias de feira e maior espaço de exposição na praça junto a PMB.

Hoje a feira da praça aos domingos tornou-se uma atração cultural tão grande, famosa e com considerável fluxo de visitantes que sua ampliação para um ou mais dias acarretaria importante planejamento, preparação e organização da prefeitura, da ARTEPAM e de todos os demais envolvidos diretamente e indiretamente. Tanto é, que a PMB e o legislativo municipal limitaram o uso e regras foram criadas para a utilização comercial da Praça da República.

Segundo Costa (2016), a Prefeitura de Belém, precisa elaborar ferramentas de políticas públicas que tornem esse tipo de feira em uma atividade contínua. Grandes exemplos são o Mercado Central de Fortaleza, o Mercado de Artesanato Paraibano em João Pessoa ou mesmo a Feira do Nordeste no Rio de Janeiro. Nesses locais os artesãos têm boxes disponíveis para comercializar seus produtos durante todos os dias da semana, e a prefeitura arrecada tributos com o aluguel do espaço e ainda fomenta a economia local.

Costa (2016) segue expressando sobre tal necessidade, dizendo que precisaria ainda o município intervir criando um grande espaço onde esses trabalhadores produtores de artesanato pudessem atuar não apenas um único dia na semana, pois todos possuem necessidades diárias que o faturamento de um único dia da semana não custeia. Existem inúmeras despesas que eles possuem para fazer seus negócios funcionarem, mão-de-obra, compra de

matéria prima, tributos, entre outros. Nesse sentido, referenda-se a verdadeira importância da gestão pública para o desenvolvimento desta atividade.

Tal solicitação foi feita pelos artesãos, mas não foi atendida por qualquer um dos diferentes gestores municipais que já passaram pela Prefeitura de Belém e da gestão estadual:

Solicitamos um Mercado Central do Artesanato para a prefeitura e até hoje não temos, mas estamos tentando conseguir um espaço para ter uma feira de domingo a domingo no Galpão 3 e 4 na nova orla da Doca junto ao Governo Estadual.

Membro da ARTEPAM

Em seu estudo, Diniz e Diniz (2007) ressaltam que, para alavancar o setor, são necessárias políticas públicas afirmativas, que permitam o aumento da capacitação da mão-de-obra, a melhoria da educação básica e o acesso a linhas de crédito e a outras formas de financiamento.

A mobilização social por meio de cidadãos organizados apresenta-se como alternativa para conseguir novos direitos e manter os já conquistados, assim como permite que os deveres de cada um sejam cumpridos com maior facilidade e agilidade.

#### 4. ARTESANATO E SOCIEDADE

*A tarefa das coletividades do povo e para o povo não é fácil, no entanto acarreta grande benesse de gerar um tipo muito particular de ambientes laborais e holisticamente formativos que ajudam as pessoas a descobrirem em si próprias a coragem e as destrezas para poderem enfrentar e transformar a dura realidade.*

Marcelo Baccino

O artesanato é algo relevante na sociedade, tanto que no caso do Brasil existe legislação pertinente. Destaca-se a Lei nº 13.180 de 22 de outubro de 2015, a qual trata sobre o artesão. No artigo 1º o texto da lei faz a decorrente definição:

Art. 1º Artesão é toda pessoa física que desempenha suas atividades profissionais de forma individual, associada ou cooperativada.

Parágrafo único. A profissão de artesão presume o exercício de atividade predominantemente manual, que pode contar com o auxílio de ferramentas e outros equipamentos, desde que visem a assegurar qualidade, segurança e, quando couber, observância às normas oficiais aplicáveis ao produto.

A Secretária Especial da Micro e Pequena Empresa do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços emitiu a Portaria nº 1.007 de 11 de junho de 2018. Tal normatização institui o Programa do Artesanato Brasileiro, cria a Comissão Nacional do Artesanato e dispõe sobre a base conceitual do artesanato brasileiro. Sobre a profissão do artesão apresenta:

Art. 8º Artesão é toda pessoa física que, de forma individual ou coletiva, faz uso de uma ou mais técnicas no exercício de um ofício predominantemente manual, por meio do domínio integral de processos e técnicas, transformando matéria-prima em produto acabado que expresse identidades culturais brasileiras.

§ 1º Entende-se por domínio integral de processos e técnicas, a capacidade de realização do processo produtivo completo concernente à criação do produto artesanal.

§ 2º O artesão poderá utilizar:

I- artefatos, ferramentas, máquinas e utensílios para auxílio limitado, desde que seu manuseio exija ação permanente do artesão para executar o trabalho;

II- moldes e matrizes, não comercializáveis, desde que tenham sido criados e confeccionados pelo próprio artesão para o seu uso exclusivo.

§ 3º Considera-se mestre, aquele artesão que se notabilizou em seu ofício, legitimado pela comunidade que representa e que difunde para as novas gerações conhecimentos acerca dos processos e técnicas do ofício artesanal.

§ 4º Considera-se artista popular o artesão autodidata, que cria, de forma espontânea, obras autorais únicas, atemporais, de relevante valor histórico e/ou, artístico e/ou cultural, que retratam o imaginário popular.

Ainda a mesma portaria trata sobre a atividade artesanal do seguinte modo:

Art. 19. Artesanato é toda produção resultante da transformação de matérias-primas em estado natural ou manufaturada, através do emprego de técnicas de produção artesanal, que expresse criatividade, identidade cultural, habilidade e qualidade.

§ 1º Serão aceitos produtos artesanais com referências a culturas estrangeiras, desde que tenham sido assimiladas por localidades com tradição imigratória.

§ 2º A produção artesanal que utiliza matéria-prima da fauna, da flora silvestre e de origem mineral deverá atender a legislação vigente, obtendo os registros necessários junto aos órgãos competentes.

§ 3º As Técnicas de Produção Artesanal consistem no uso ordenado de saberes, fazeres e procedimentos, combinado aos meios de produção e materiais, que resultem em produtos, com forma e função, que expressem criatividade, habilidade, qualidade, valores artísticos, históricos e culturais.

§ 4º Tipologias do artesanato são as denominações dadas aos segmentos da produção artesanal utilizando como referência a matéria-prima predominante.

§ 5º Matéria-prima é todo material de origem vegetal, animal ou mineral, empregado na produção artesanal que sofre tratamento e ou transformação de natureza física ou química, podendo ser utilizado em estado natural ou manufaturado.

Vê-se que a própria legislação apresenta o contexto de coletivo e sociedade organizada e é neste cenário que estão as associações de artesãos. São grupos com espaço de convivência e diálogo que se mostram capazes de possibilitar maiores impactos sociais, econômicos e culturais. Nesse palco o destaque recai sobre um fenômeno social que atinge milhares de pessoas, o turismo. Ele que nasce na modernidade, em meados dos séculos XVIII e XIX, no auge do capitalismo e em pleno desenvolvimento da sociedade fabril (Figueiredo, 1999).

A produção do artesanato pode mostrar-se como trabalho de grande qualificação tácita e conhecimento ancestral. Sua produção ocorre de forma

coletiva, o que inclui a relação mestre-aprendiz ou aprendizes (Figueiredo *et al.*, 2021). Tal produção relaciona-se com o turismo principalmente quando o turista busca por sua lembrança de viagem ou por algo que lhe dê relativa fuga, principalmente estética, da sociedade “robotizada” na qual está imerso.

É importante especificar o artesanato como artefato da cultura popular. Tal especificação é justificada por Tavares (2012, p. 30):

Para caracterizar cultura popular, torna-se essencial retroceder à gênese do termo popular, ele se origina do povo, e este pode ser entendido como toda a população de um país, população mais pobre e população trabalhadora. Considerando que a população de um país reflete práticas, consumos e produções nos mais variados campos de saber, é possível perceber o estudo sobre saber tradicional e culturas populares como o estudo das expressões culturais manifestado nos processos sociais vividos pelas classes dominadas.

O artesanato ressurgiu das necessidades globais de um sistema social. É nela que o povo realiza os processos de representação, produção, reprodução e reelaboração que caracterizam sua cultura, compartilhando as condições gerais de produção, circulação e consumo do sistema em que vive e criando, por sua vez, as suas próprias estruturas (García Canclini, 1983).

Vários são os elementos de domínio do Capital que se debruçam sobre as condições de trabalho e reprodução social de artesãos no capitalismo contemporâneo. São elementos estruturais expressos por Karl Marx que geram reações dos Agentes - lembrando que o termo Agente é usado em conexão com o autor Pierre Bourdieu. Como são a informalidade, a precarização e a reserva de mão-de-obra, consequências estruturais do capitalismo que lastimam os trabalhadores.

No caso aqui estudado os Agentes são os artesãos da ARTEPAM que organiza a Feira de Artesanato da Praça da República, os quais, por meio de enfrentamentos e negociações, convivem com as mazelas sociais do capitalismo. Eles lutam para se manterem legalizados e fora da precarização. Tanto que a principal motivação para o início do grupo é diretamente relacionada à violência física ocasionada pela subtração forçada de seus produtos pelo “Rapa” e a violência simbólica (Bourdieu, 1989) por trabalharem na informalidade e dispersos pelas ruas da cidade. A criação da associação e a obtenção do espaço de exposição junto à prefeitura afastou os artesãos da agressão física

feita pelos Estado e da precarização das ruas, assim como o sucesso da feira entre a população local e os turistas diminuiu a violência simbólica (Bourdieu, 1989) vinda da sociedade.

Os artesãos perceberam a demanda que existia de um local na RMB para expor, vender e interagir com o diversificado público. Observaram a importância que é ter um ponto de referência para encontrar antigos clientes, fazer nova clientela e aumentar a renda. Perceberam que a feira também é uma chance de receber o retorno de opiniões dos compradores e do resultado das vendas quanto aos seus produtos atuais e os que poderão ser criados. Entenderam que um local de exposição para todos do grupo é uma oportunidade de apresentar a cultura local aos visitantes e expressar a importância do artesanato e do artesão para sociedade. A ideia foi gerar um ambiente de apoio mútuo e elevado senso de colaboração. O grupo de artesãos esteou-se em uma linha de pensamento coletivo com diversificadas experiências de vida, na sua composição estavam várias pessoas do Pará, de diferentes Regiões do Brasil e de outros países da América do Sul e foi na ótica desse diversificado painel que a praça foi escolhida. A escolha ocorreu pela sua grande área, localização privilegiada, infraestrutura com banheiros públicos, bancas de jornal e revista, bar, teatros, anfiteatro, segurança pública municipal e estadual, acesso fácil ao transporte público coletivo, muitas vagas de estacionamento, amplo calçamento sob a sombra das árvores e o contexto e paisagem de um tradicional jardim urbano histórico.

A existência e o sucesso da feira foram resultado do envolvimento e participação que a sociedade belenense e da RMB tiveram ao longo das várias décadas pelas quais os artesãos da ARTEPAM organizam-se e cuidam para que todos tenham uma boa visita na feira.

Outro elemento estrutural é o Mercado e sua lógica que tenta condicionar o Agente e dele recebe reações. São duas as situações entre os artesãos que podem ser destacadas, uma de enfrentamento e outra de negociação.

A primeira diz respeito a descaracterização de seus trabalhos, seguindo caminhos de modificação cada vez mais dentro da lógica do mercado juntamente com a *pop culture* internacional fortemente inculcada por meio da mídia de massa. Os artesãos tentam resistir a essa modificação. Tal resistência foi perceptível com relação à exposição e venda na feira da produção (ou reprodução) de itens de vestuário e canecas de alguns de seus expositores

associados ou visitantes. Entre os associados e expositores visitantes que trabalham com esses produtos, os artesãos perceberam que existe o enraizamento da subjetividade neoliberal. Algo muito forte que tenta plasmar ícones da *pop culture* internacional na tentativa de aumentar as vendas. Por tal motivo a diretoria da ARTEPAM aumentou a fiscalização e orientação a esses produtores, tentando aproximar seus itens da cultura regional, nacional e endógena.

A segunda situação mostra o Capital adentrando, apropriando e explorando um item anacrônico como o artesanato, fazendo dele algo com função dentro do capitalismo. O que explicita a identidade regional sendo consumido como produto da globalização. As elites passam a colecionar o artesanato e as classes sociais medianas imitam (compram e exibem como relíquias, penduram nas paredes e colocam nas estantes). A sociedade faz diferenciação dos grupos sociais ao consumir o artesanato. O artesanato passa a ter mais uma função - além da utilitária - e mais uma dinâmica (cultural, econômica e social). Daí o motivo do artesanato não sumir e o artesão continuar a se reproduzir socialmente (García Canclini, 1983). Os artesãos da ARTEPAM negociaram e utilizaram-se dessa condição do artesanato na sociedade contemporânea e fizeram da feira um expressivo atrativo turístico e tradicional programa de domingo das famílias de Belém e Região Metropolitana. Fato que foi pensado e planejado por eles. Prova disso foi a posterior inclusão na associação, no intuito de atrair mais público, de expositores de aquarismo, de jardinagem, de artes plásticas e de antiquário.

Existem muitos discursos possíveis acerca do artesanato, sendo o discurso a expressão de um ponto de vista. O discurso contém em si “verdades” que seu emissor julga irrepreensíveis ou, ao menos, corretas. De um lado está o discurso que preconiza a conservação do objeto nas condições em que foi produzido, por entender que ele é testemunho de um passado a ser preservado. Geralmente associado aos segmentos de baixa renda ou populares da sociedade, nesta visão, o objeto artesanal seria dotado de uma estética perfeita que refletiria o gosto de seu produtor. De outro lado encontra-se um discurso que advoga a adequação do artesanato aos “tempos contemporâneos”, que preconiza a transformação de sua forma, a criação de algo “refinado”, como

condição para garantir o mercado. “Nem tanto ao mar, nem tanto à terra”, como afirma a sabedoria popular (Lima, 2024).

No caso do artesanato na Amazônia paraense, há de se destacar duas características que podem ser ditas diferenciadas: a) retratam o modo peculiar de “fazer”, a partir do “saber” típico da cultura nativa, com peças que reproduzem, em sua maior parte, o cotidiano da relação homem-natureza do caboclo amazônida; b) caracterizam-se pela diversidade manifesta nos materiais utilizados, pela variedade de composição e das técnicas utilizadas (Diniz; Diniz, 2007). A elevada biodiversidade da Amazônia ajuda a diversificar a matéria-prima empregue no artesanato. Muitos desses insumos são resultado do extrativismo e geram artesanatos como os brinquedos de miriti<sup>56</sup>, as biojóias, objetos feitos com balata, cuias ornamentadas e as cerâmicas marajoara e tapajônica.

Comumente os artesãos produzem obras que trazem a utilidade cotidiana ou representam simbolicamente seu mundo real. São representações de um *habitus* (Bourdieu, 1989) caboclo, indígena, quilombola e ribeirinho. Trata-se de expressões particulares de uma cultura específica. Refere-se ao imaginário amazônico possuidor de estética própria. Tudo graças a um contexto sociocultural particular gerador da originalidade dos seus produtores artesanais.

Como resultado de várias etnias dos povos originários durante muitos séculos, somado ao invasor europeu e as posteriores migrações internas, além das advindas de outros países, a população amazônica apresenta diversas identidades e características endógenas. Esse Capital Cultural (Bourdieu, 1976) flui na linguagem dos amazônidas e se expressa de várias formas, dentre elas está o artesanato.

A riqueza cultural expressa-se em muitas e diferentes manifestações, algumas delas de caráter inovador, seja porque são singulares, não aparecendo em nenhuma outra região do país, seja porque assumem na região aspectos peculiares, em consonância com as especificidades da tradição e dos hábitos locais. O artesanato é um típico exemplo nessa direção (Diniz; Diniz, 2007, p.174).

---

<sup>56</sup> É um artesanato de origem indígena típico da cidade de Abaetetuba no Pará. A matéria-prima é o interior esponjoso, leve e macio das hastes da folha da palmeira denominada miritizeiro.

O artesanato na RMB apresenta alguns atributos que podem ser consideradas comuns a esse tipo de atividades e outras, nem tanto. A característica comum é o caráter familiar, observado nas relações de trabalho - não havendo, em alguns casos, relações de assalariamento explícitas -, na transmissão do conhecimento (ofício) e nas formas de organização da produção (Diniz; Diniz, 2007).

Existem várias características que identificam o conjunto das atividades artesanais como um arranjo produtivo local informal, são elas: a elevada informalidade, a forte tradição familiar que marca todos os elementos estruturais da atividade, como as relações de trabalho, a forma de apreensão e de transmissão de conhecimento, com reflexos na dinâmica de inovação do produto. Outras características observadas foram o crescente grau de cooperação e de associativismo (Diniz; Diniz, 2007).

As características específicas do artesanato na RMB estão relacionadas à diferenciação do produto local. Constata-se uma diversificação muito grande na utilização de matéria-prima de origem natural, bem como na produção de peças que retratam a vida cotidiana e a cultura da população local. Para os artesãos, as principais dificuldades da atividade são a gestão dos custos – tanto os fixos, relacionados a investimentos, como os afeitos ao capital de giro – e a falta de acesso ao crédito, em grande parte em razão do caráter informal da atividade (Diniz; Diniz, 2007).

Na capital paraense e RMB, existem locais de venda e exposição de artesanato, os quais reúnem artesãos de ofício dos mais variados tipos de produção. São feiras, parques, centros culturais e até um bairro. Os locais mais costumeiros são:

- Praça da República: nela ocorre aos domingos uma grande feira de artesanato organizada por artesãos da ARTEPAM e PMB;
- Orla do Distrito de Icoaraci: na qual está uma feira diária de cerâmicas marajoara e tapajônica organizada por artesãos e PMB;
- Bairro do Paracuri: bairro que concentra as oficinas, olarias e ateliês de artesãos produtores de cerâmica, sendo possível a visitação e a compra dos produtos nos seus estabelecimentos;

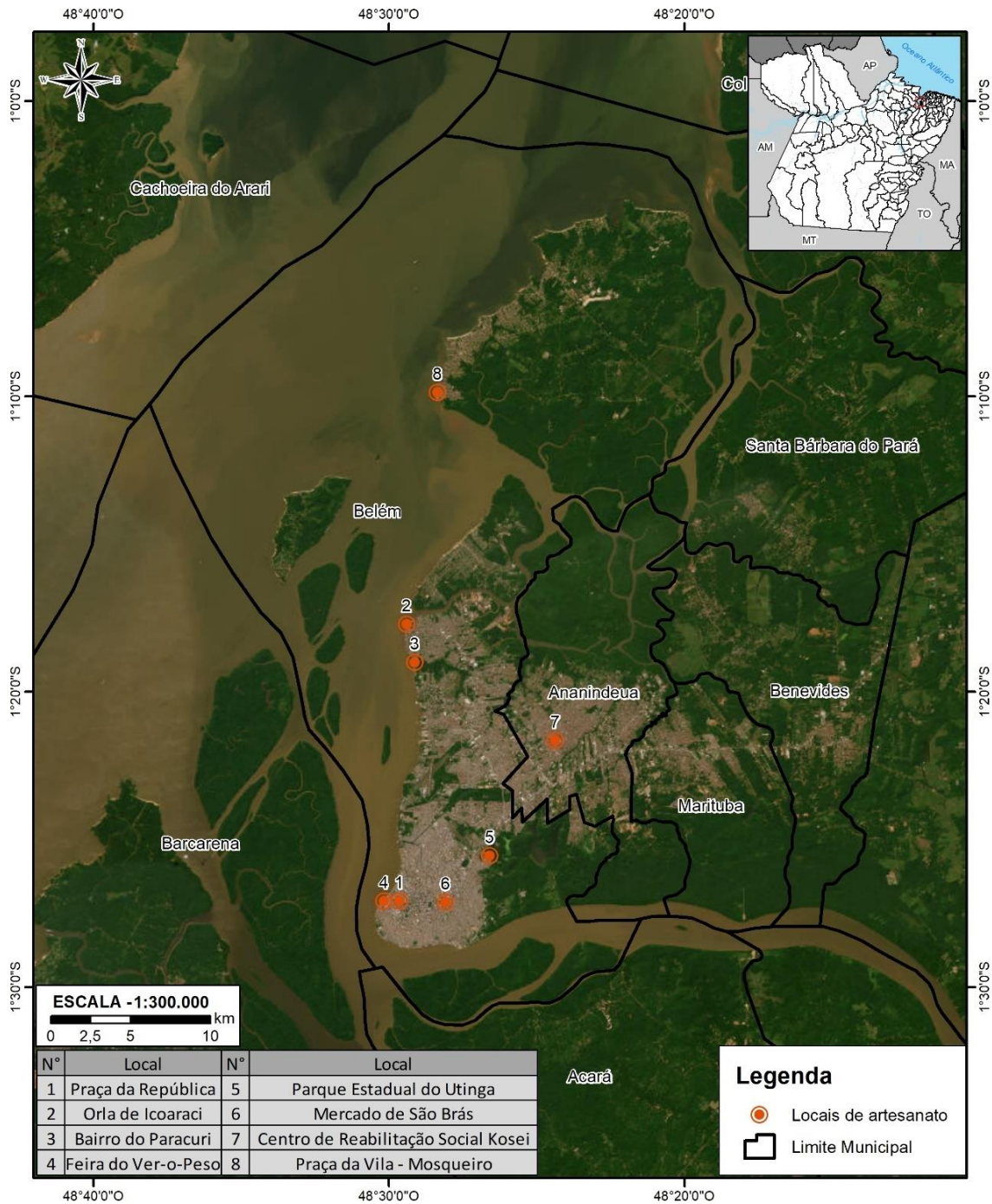
- Feira do Ver-o-Peso: com uma seção composta por várias barracas voltadas para a revenda do artesanato regional, além do Solar-da-Beira, um prédio histórico no qual a parte térrea é dedicada aos próprios artesãos;
- Feira da Biodiversidade: ocorre aos fins de semana no Parque Estadual do Utinga. Essa feira oportuniza um espaço de venda, principalmente, aos moradores do entorno do parque, entre os quais alguns comercializam artesanato;
- Mercado de São Brás: entre os demais vendedores, alguns trabalham com artesanato;
- Praça da Vila em Mosqueiro: tem uma feira que ocorre nos finais de semana e feriados em um espaço cedido pela PMB;
- Feira do Centro de Reabilitação Social Kosei: no Conjunto Cidade Nova em Ananindeua, ocorre uma vez por mês uma feira organizada por uma instituição nipo-brasileira. Conhecida pela população como “Feirinha do Japão”, a feira traz fortemente a culinária japonesa além da música, dança, artesanato, produtos de jardinagem e artigos otaku<sup>57</sup>.

Para facilitar a compreensão sobre o posicionamento geográfico dos locais de venda de artesanato mencionados, apresenta-se, a seguir, o mapa elaborado pelo Laboratório de Análises Espaciais Professor Dr. Thomas Hurtienne (LAENA), vinculado ao NAEA/UFPA.

---

<sup>57</sup> Otaku é a pessoa que tem grande paixão por desenhos animados, mangás, romances, jogos eletrônicos e brinquedos relacionados a cultura de massa japonesa.

**Figura 68:** Locais de venda e exposição de artesanato na capital e RMB



 <p><b>LAENA</b> Laboratório de Análises Espaciais Prof. Dr. Thomas Peter Hurtienne</p>	 <p><b>UFPA</b></p>	<p><b>INFORMAÇÕES TÉCNICAS</b></p> <p>Fonte: IBGE, 2023 Sistema de Coordenadas Geográficas Datum Horizontal: SIRGAS-2000</p>	<p><b>CONCEPÇÃO</b> Marcelo Baccino</p> <p><b>ELABORAÇÃO</b> Gabriel Moreira Maria Isabel Amorim</p>
------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Fonte: Laboratório de Análises Espaciais Prof. Dr. Thomas Hurtienne (LAENA/NAEA/UFPA), 2025.

Algumas feiras habituais são itinerantes e outras temporárias, como as que ocorrem no Horto Municipal de Belém e nos centros comerciais de Belém e Ananindeua (*shopping centers*). Realiza-se anualmente a Feira do Artesanato Mundial (FAM) que acontece no Hangar Centro de Convenções. No mês de outubro, durante a importante festa cultural e religiosa do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, tradicionalmente ocorre a venda do artesanato feito de miriti nas romarias e festas, assim como uma feira temporária é realizada especificamente para a venda desse artesanato, com a participação da Associação dos Artesãos de Brinquedos e Artesanatos de Miriti de Abaetetuba (ASAMAB) na organização da feira.

Existem locais nos quais o produto do artesão é vendido por meio de venda consignada<sup>58</sup>, os principais são: no Espaço São José Liberto, lojas na Estação das Docas, no Parque Mangal da Garças, no Museu Emilio Goeldi, no Jardim Botânico Rodrigues Alves, entre outros pontos culturais, turísticos e os relacionados a moda e a decoração de ambientes.

Acham-se estabelecimentos nos quais corriqueiramente se pode encontrar artesanato regional para comprar, são lojas que revendem, entre outras coisas, artesanato, principalmente, para turistas, como as lojas no aeroporto e nas rodoviárias (de Belém e do Distrito Municipal de Mosqueiro). Há, também, em Belém, negócios especializados em revender artesanato, os mais conhecidos localizam-se próximo à Praça da República.

Vê-se que existem diversos locais na RMB nos quais é possível ter contato com os artesãos e seus artesanatos, mas é a Feira de Artesanato da Praça da República dos artesãos da ARTEPAM que é a grande referência para a população local e para o turismo<sup>59</sup>. Com relação aos locais de venda consignada de artesanato, os produtores da ARTEPAM também disponibilizam seus artesanatos para essas lojas, sendo comum encontrar nas prateleiras desses comércios produtos de membros da associação.

Das associações, cooperativas e sociedades que obram no contexto do artesão e o artesanato, destacam-se as principais da RMB: Associação dos

---

<sup>58</sup> Venda consignada é um tipo de arranjo comercial no qual o produtor envia seus itens para um vendedor e este somente pagará pelos produtos quando eles forem vendidos.

<sup>59</sup> A exceção ocorre com relação ao artesanato de cerâmica. Esse tipo é produzido no Paracuri, bairro do Distrito de Icoaraci em Belém, e possui tradicional local de venda na Orla de Icoaraci.

Artesãos e Expositores do Pará-Amazônia (ARTEPAM), que atua, principalmente, na Praça da República no Centro de Belém; Cooperativa dos Micro-Produtores e Artesãos (COMIP), operando no Mercado de São Brás em Belém; Cooperativa de Artesãos de Icoaraci (COART), ativa no Distrito de Icoaraci; Sociedade de Artesãos e Amigos de Icoaraci (SOAMI), atuando também no Distrito de Icoaraci; e Federação das Associações e Cooperativas de Artesãos do Pará<sup>60</sup> (FACAPA), com sede em Belém.

Além das entidades citadas, temos aquelas cuja coordenação é exercida direta ou indiretamente pelos governos federal, estadual e municipal (como exemplo, existe o SEBRAE que opera dentro da lógica do mercado e do empreendedorismo)<sup>61</sup>.

Entre as instituições que através da Economia Popular e Solidária apoiam a produção de artesanato, além de outras atividades, a de maior destaque é o Banco do Povo, pertencente a PMB. Ele oferece microcrédito com parcelas, juros baixos e consultoria gratuita.

---

<sup>60</sup> Uma iniciativa para aumentar a representatividade da categoria foi a criação da Federação das Associações e Cooperativas de Artesãos do Pará (FACAPA). A ARTEPAM é uma das associações que faz parte da FACAPA. Ela foi fundada em 2010 e atualmente está em disputa, necessitando de novas eleições para os cargos administrativos e os de fiscalização e controle.

<sup>61</sup> Para saber mais sobre os endereços e contatos de locais de venda e exposição do artesanato no Pará, no Norte do Brasil e restante do país, recomenda-se o trabalho que está nas referências da presente pesquisa (Figueiredo *et al*, 2021) e que é intitulado “Cartografia do Artesanato Brasileiro: catálogo de endereços”.

## 5 FIM DA TARDE DE DOMINGO

*O povo, e só o povo, constitui a força motriz na criação da história universal.*

Mao Tse-Tung

Falar de Amazônia significa apontar o descaso para com os povos que depois de terem sido expulsos da condição humana, foram reintegrados nesta condição mediante o abandono de suas opiniões e de todo tipo de dominações físicas e morais (Souza, 2019) em processos que permanecem até os dias de hoje sob velhas e novas formas. Sobre esse cenário de saque e exploração Darcy Ribeiro explica o que segue:

O saqueio secular dos povos atrasados pelas nações ricas, que permitiu a acumulação original de capitais, intensificando a implantação do capitalismo e possibilitando acelerar a industrialização das nações desenvolvidas, se vem acentuando, desde então, de forma extraordinária. Nos últimos anos, alcançou limites tão extremos que nem mesmo admite os ritmos de modernização reflexa experimentados pelas áreas coloniais nos primeiros passos da Revolução Industrial. Assim é que, depois da última guerra, o intercâmbio se foi tornando cada vez mais danoso para os povos pobres, em virtude da redução progressiva da capacidade dos centros imperialistas de fazer novos investimentos de capital nos países atrasados (exceto através da reinversão dos lucros) e da compulsão das nações produtoras de matérias-primas a uma perda crescente de sua capacidade de importação, devido à degradação dos preços dos seus produtos. Simultaneamente, aumentou o custo de manutenção do próprio sistema, que tende a exigir gastos militares e políticos superiores à capacidade das economias subdesenvolvidas. Surgiu, desse modo, uma situação crítica, em que as remessas de lucros das áreas pobres para as ricas superam a sua capacidade de produzir excedentes exportáveis, mesmo comprimindo ao máximo os padrões de consumo de suas populações e só se podem efetuar mediante empréstimos compensatórios; e em que a crise de confiança na possibilidade de manter o sistema vai tornando as empresas imperialistas e seus associados locais tão rapaces, que cada negócio se transforma num verdadeiro escândalo (1978, p. 41).

Segundo Milton Santos (2011), a América Latina, na qual se encontra a Amazônia, sempre foi, desde os inícios de sua história ocidental, um continente aberto aos ventos do mundo, enormemente permeável ao novo. Daí a sua vulnerabilidade e a sua força. A “aceitação” mais pronta dos modelos de modernização lhe tem permitido saltar etapas, percorrendo em muito menos

tempo caminhos que ao Velho Continente<sup>62</sup> exigiram uma lenta evolução. Por outro lado, esse processo de integração se tem dado à custa de enormes distorções do ponto de vista territorial, econômico, social e político. O período técnico-científico implanta-se no continente sob esses mesmos signos, ajuntando novas distorções às herdadas das fases anteriores.

Possibilita-se, todavia, imaginar, neste novo período histórico que é a fase das organizações e também a fase da inteligência, se será possível reverter essa tendência? Aí está, sem dúvida, um grande desafio para os povos latino-americanos e os seus intelectuais, voltados a pensar o futuro a partir das realidades do presente (Santos, 2011).

Nesse contexto de exploração multissecular, de carências em meio a abundâncias, de desafios e desejo de fazer o melhor possível no presente para ter um futuro melhor, pode-se dizer claramente que o motivo da formação do grupo de artesãos aqui estudado foi a voz da fraqueza diante da força, o grito dos deslocados numa exorbitância de portas que se fecham aos pedidos de quem requisita por seus direitos.

Lutar, fracassar, voltar a lutar, fracassar outra vez, lutar de novo.... até à vitória - eis a lógica do povo, contra a qual ele, igualmente, jamais irá marchar. Provocar desordens, fracassar, voltar a provocar desordens, fracassar de novo... até à sua própria ruína - eis a lógica dos imperialistas e de todos os reacionários do mundo com relação à causa do povo, jamais eles marcharão contra tal lógica. Essa é uma lei do marxismo. Quando dizemos que "o imperialismo é feroz", nós queremos dizer que a sua natureza nunca mudará, que os imperialistas jamais abandonarão o seu facalhão de carniceiro, jamais se transformarão em budas, e seguirão assim até à sua própria ruína (Tse-Tung, 2003).

A vida social é, em essência, prática. Todos os mistérios que desviam a teoria em direção ao misticismo encontram sua solução racional na prática humana e na compreensão dessa prática (Marx, 2021). Foi nesse cenário que se verificou o Campo de Relações dos artesãos, tendo duas conformações - a ARTEPAM e a Feira de Artesanato da Praça da República - as quais geram pujantes interações entre esses Agentes e respondem aos desafios que se apresentam.

---

<sup>62</sup> Refere-se à Europa.

Partindo do Materialismo Histórico no qual a classe burguesa domina e garante o cumprimento de seus interesses por meio do controle do aparato estatal e da posse das terras e máquinas, Gramsci (2001), dentro do seu conceito de Estado alargado, destaca a constante dialética da sociedade civil com a superestrutura que constrói e desconstrói as mentes individuais e coletivas para o embate (ou o apoio) entre classes sociais. Nessa conjuntura esses artesãos agem com grande habilidade dentro do seu Campo de Relações para manter o espaço ocupado, o público conquistado e a notoriedade como atrativo cultural e turístico da feira da praça.

Os artesãos aproximam-se e afastam-se dos Agentes do seu Campo de Relações, do seu Campo Social e do seu Campo Político. Como aconteceu nos primórdios do grupo, os artesões identificaram que dentro da esfera de tomada de poder do governo municipal da época existia um indivíduo de visão progressista apto a receber e auxiliar no cumprimento da demanda dos artesãos, a qual era a de possuir um espaço permanente para organizar uma feira de artesanato.

Os sujeitos da pesquisa foram hábeis ao reconhecer a Praça da República como o logradouro de exposição e comercialização de seus artesanatos. Fato que hoje é comprovado com a não-decadência e a não-degradação física da praça, o sucesso da feira de artesanato e o reconhecimento por lei da associação de artesãos até mesmo pela municipalidade de Belém e pelo estado do Pará como entidade de utilidade pública.

Os membros da ARTEPAM, que organizam a Feira de Artesanato da Praça da República em Belém do Pará, posicionam-se enfrentando ou negociando diante das mazelas da sociedade capitalistas, do mercado e do Estado para conseguir diminuir os riscos que se apresentam sem desconfigurar sua sociabilidade (Capital Social), sem se desfazer da originalidade e singularidade de seus produtos e, mesmo assim, perpetuando sua reprodução social. Fizeram isso ao inserir, em 1990, os mais variados expositores para trazer e conquistar maior público para a feira da praça. Eles aceitaram a inclusão de vendedores relacionados à jardinagem, aquarismo e antiquário, além de expositores artistas plásticos.

Nas ações desses trabalhadores artesãos, percebe-se a tentativa de encontrar formas de superar as dificuldades que se apresentam. Essa busca é

evidente na iniciativa de acrescentar mais barracas à feira de artesanato, na procura por um local permanente de exposição para os demais dias da semana e na tentativa de fortalecer a ajuda mútua por meio da formação de uma federação de associações e cooperativas de artesãos.

No Campo do Poder, os artesãos estão na desfavorecida situação de dominados. Eles são oprimidos pelo mercado ao terem que competir com a cultura de massa por meio dos produtos industrializados e importados comprados por centavos e vendidos por alguns reais. A esse respeito Milton Santos faz o seguinte comentário:

As classes médias amolecidas se deixam absorver pela cultura de massa e é dessa cultura de massa que tiram argumento para racionalizar sua pobre existência. Os carentes, sobretudo os mais pobres, sequer têm o direito dessa absorção, pelo fato de que não dispõem dos recursos para adquirir aquelas coisas que transmitem e asseguram essa cultura de massa. É por isso que as cidades abrigam ao mesmo tempo uma cultura de massas e uma cultura popular, que colaboram e se atiram, interferem e se excluem, somam-se e se subtraem, num jogo dialético sem-fim. A cultura de massas é indiferente à ecologia social. Ela responde afirmativamente à vontade de uniformização e indiferenciação que é, frequentemente, exterior ao corpo social. A cultura popular tem suas raízes na terra em que se vive, simboliza o homem e seu entorno, a vontade de enfrentar o futuro sem romper a continuidade (Santos, 2011, p. 144).

A opressão e o desfavorecimento também acontecem quando os artesãos são marginalizados pelo Estado ao serem fiscalizados em seus deveres e negligenciados em seus direitos, mas, principalmente, quando são pressionados pelas mazelas que os afligem e atropelam o dia-a-dia no sistema capitalista.

As maiores pressões sobre o grupo estudado são as geradas pelo sistema capitalista de forma geral. Para os artesãos elas tomam a forma específica de “invasão” de seu local de trabalho pelo “empreendedorismo por necessidade” e da generalização de crimes contra o mínimo patrimônio que os trabalhadores dispõem para tentar suprir suas necessidades básicas. Trata-se da manutenção e do crescimento do exército de mão-de-obra, desemprego em massa, trabalho precário, péssimas condições de vida e a violência urbana. Infortúnios ignorados pelo burguês e pelos pequenos burgueses encastelados em seus soberbos condomínios de restrito acesso.

Uma sociedade extremamente desigual, na qual os mais ricos e fortes ficam cada vez mais abastados e poderosos. Já os materialmente mais pobres e sem acesso ao poder estão cada vez mais despossuídos e marginalizados.

Nessas circunstâncias, quando a desigualdade econômica aumenta, a luta pela igualdade se desenvolve ainda mais e a memória vence a morte ao enriquecer a vida com os exemplos da resistência dos povos originários, da inesquecível oposição dos quilombolas à escravização e da memorável Revolução Cabana, as quais geraram ressonâncias para inspirar a luta contra a brutal desigualdade social na Amazônia.

Com o passar do tempo, as configurações do aparato estatal burguês vão se modificando conforme mudam as relações entre as classes sociais na sua produção e reprodução. Novos modos de coerção surgem ou as velhas formas de violência são adaptadas e redesenhadas para manter a hegemonia da classe dona dos meios de produção. Nessa conjuntura está situada a estratégia de guerra de posição expressa por Antonio Gramsci (2001). Nela a sociedade civil precisa estar cada vez mais articulada, entendendo que controlar o direcionamento político-cultural na sociedade é tão importante quanto o controle da produção econômica. São barricadas e trincheiras de resistência que a sociedade civil organizada constrói.

Nas trincheiras e barricadas estão os artesãos da praça, os quais por meio da associação que organiza a feira trazem uma alternativa à *pop culture* internacional que alimenta e se propaga através da mídia de massa em um ciclo danoso de formação de indivíduos não-cidadãos, ignorantes de sua ancestralidade, alheios ao passado e acríticos, e que não agem para modificar a realidade, mas apenas aceitam viver somente para trabalhar e consumir.

A feira de artesanato da praça oferece aos participantes a cultura local, regional e nacional, marcada por um profundo conhecimento sobre a natureza, que influencia as formas de organização social, as atividades econômicas e a relação com o desenvolvimento da nossa história, saberes criados e desenvolvidos por povos originários, por quilombolas, nas comunidades rurais e na periferia urbana da RMB. O artesanato ali presente e todo o contexto de exposição mostram concepções estéticas amazônicas no que diz respeito a vestir, a escutar, a assistir, a ler, a rezar, a brincar, a comer, a dançar, a jogar, entre muitos outros ângulos ativos da existência.

As formas econômicas populares possuem alta complexidade e carregam grande herança cultural e de suas dinâmicas surgem enfrentamentos ao capitalismo. Tratando-se de uma perspectiva do processo de transformar a sociedade, o crescimento de ações como a dos artesãos da ARTEPAM e da feira pode somar-se a outras iniciativas de práticas sociais transformadoras e com isso gerar mudanças ainda mais amplas.

Os membros da ARTEPAM exemplificam uma administração eficiente e um modelo de grande sucesso, baseado na organização coletiva, na ajuda mútua e na solidariedade. Sua experiência oferece uma importante lição a ser considerada nas discussões sobre a gestão pública e privada no Brasil, sobretudo em momentos em que empresas públicas enfrentam processos de privatização e empresas privadas caminham para a falência. O desempenho desses trabalhadores evidencia que a organização autogerida pode gerar excelentes resultados sociais e econômicos. Ao observar esses artesãos, torna-se evidente o potencial que trabalhadores organizados têm para assumir papéis de liderança dentro das empresas públicas. Da mesma forma, a transformação de empresas privadas em cooperativas ou associações geridas pelos próprios trabalhadores representa uma alternativa viável para evitar a extinção dessas empresas. Essa forma de pensar e agir desafia o paradigma capitalista, no qual a propriedade e o controle estão concentrados nas mãos de poucos, em detrimento dos direitos e da dignidade da maioria.

Os artesãos negociam com o empreendedorismo do SEBRAE, as cobranças e descasos da PMB e a pressão do “trabalho em situação ilegal e precária” dos vendedores que se deslocam até à praça. Somadas a isso tudo estão as características do capitalismo na Amazônia, que inclui a violência urbana, a disponibilidade de crédito fácil e barato apenas para grandes empresas nacionais e multinacionais, e a retirada de direitos dos cidadãos.

É muito injusto ver que ao Capital cabem os recursos públicos, o controle do Estado e as vantagens sobre tudo e todos e aos pobres resta apenas a solidariedade. Mas é nesse cenário injusto que surgem iniciativas como a dos artesãos do presente estudo.

Os membros da ARTEPAM não estão mudando o mundo ali, lá, acolá e mais longe ainda, mas eles modificam a realidade aqui e agora, fazendo do seu dia-a-dia dentro de seu grupo uma Economia Popular e Solidária melhor do que

a capitalista. Mais do que querer destruir o capitalismo, eles estão abandonando-o de forma espontânea e mostrando para todos como se faz isso. Nesse contexto, Paul Singer (2003) diz que o homem novo está sendo criado pelos empreendimentos e entidades solidárias, que forjam novas relações sociais e limitam fortemente a rivalidade e a competição entre os indivíduos, mas não transforma essas pessoas em anjos, sem necessidade de reconhecimento, apoio e respeito dos outros e sem exigência de tratamento justo (Singer, 2003).

Esses artesãos e artesãs são pessoas de carne e osso que resistem faz mais de 40 anos. Não lutam somente por si e suas famílias, pois os combates deles retratam e exemplificam uma classe social da qual faz parte o artesão de ofício. Não é uma luta acentuadamente revolucionária, mas por meio de suas ações eles conseguiram mais respeito e mais garantias contra os desequilíbrios e as injustiças sociais. Porém, apesar disso tudo, carece-lhes a ditadura do proletariado.

Sobre essa falta expressa-se que os tipos de consciência e organização correspondem a dois níveis distintos, embora algumas vezes ligados ou combinados. O nível mais baixo é representado pelo que Lênin (com sua costumeira visão precisa e realista das realidades sociais) chamou de "consciência sindical" e o mais alto é representado pela "consciência socialista" (ou possivelmente, mas de forma muito mais rara, algum outro tipo de consciência que prefigura a transformação total da sociedade). A primeira (como Lênin também observou) é aquela gerada mais espontaneamente (na qual enquadram-se os artesãos da ARTEPAM), mas também a mais limitada. Sem a última, a consciência de classe da classe operária é, historicamente falando, incompleta (Hobsbawm, 1987).

São os problemas e debilidades estruturais da formação da classe trabalhadora que dificultam a construção de uma posição mais "ofensiva" e conseqüentemente, tanto do ponto de vista teórico, como organizativo, dificultam as lutas políticas que possam provocar a ruptura da ordem instituída. Muitas são as debilidades na formação das classes sociais na América Latina, e essa particularidade está determinada pela forma como o capitalismo se institucionalizou, difundiu-se e se desenvolveu por aqui (Fernandes, 2015).

Trata-se de uma luta multissecular, mas que será até a vitória, sempre!

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Rubens de; TÂNGARI, Vera Regina. A Praça da República e seus aspectos morfológicos no desenho da paisagem de Belém. **Paisagem Ambiente: ensaios**, São Paulo, n. 16, p. 43-68, 2002.

ARTEPAM. **Estatuto Social da Associação dos Artesãos e Expositores do Pará – Amazônia (ARTEPAM)**: reformulado e aprovado em assembleia geral extraordinária realizada em 29 de agosto de 2019. Belém: ARTEPAM, 2019.

BACON, Francis. **Novo Órganon: Instauratio Magna, 1561-1626**. São Paulo: EDIPRO, 2014.

BELÉM. **Lei Municipal N° 8560, 24 de janeiro de 2007**. Disponível em: <https://sistemas.belem.pa.gov.br/leisedecretos/#/visualizacao/2145>. Acesso em: 30 mai. 2024.

BELÉM. **Decreto N° 67.961, 03 de outubro de 2011**. Disponível em: <https://leismunicipais.com.br/a/pa/b/belem/decreto/2011/6797/67961/decreto-n-67961-2011-disciplina-o-uso-do-complexo-da-praca-da-republica-formado-pelas-pracas-da-republica-joao-coelho-e-da-sereia>. Acesso em: 04 jun. 2023.

BRASIL. **Lei n° 13.180, de 22 de outubro de 2015**. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2015/lei-13180-22-outubro-2015-781829-publicacaooriginal-148518-pl.html>. Acesso em: 16 nov. 2019.

BRASIL. Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços. **Portaria n° 1.007-SEI, de 11 de junho de 2018**. Disponível em: [http://www.in.gov.br/materia//asset\\_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-sei-de-11-de-junho-de-2018-34932930](http://www.in.gov.br/materia//asset_publisher/Kujrw0TZC2Mb/content/id/34932949/do1-2018-08-01-portaria-n-1-007-sei-de-11-de-junho-de-2018-34932930). Acesso em: 16 nov. 2019.

BARROS, Magaly Caldas; SERRA, Hugo Hage. A Belém da belle époque e os roteiros geo-turísticos como instrumentos de educação patrimonial. São Paulo, **Revista Formação**, v. 25, n. 44, jan./abr., p. 209-239, 2018.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

BOURDIEU, Pierre. Le champ scientifique. **Actes de la recherche en sciences sociales**. v. 2, n. 2-3, jun., p. 88-104, 1976.

BURAWOY, Michel. **O marxismo encontra Bourdieu**. Tradução Fernando Rogério Jardim. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

CASTRO, Edna Maria Ramos de. Transformações na Amazônia: problemas locais e desafios internacionais. *In*: MENDES, Armando Dias (org.). **Amazônia, terra e civilização**: uma trajetória de 60 anos. Belém: BASA, v. 1. p. 45-78, 2004.

CASTRO, Edna Maria Ramos de. **Cidades na floresta**. São Paulo: Annablume, 2008.

CÍCERO, Marco Túlio. **Os Deveres**. São Paulo: Escala, 2006.

COMTE, Auguste. **Os Pensadores**: Auguste Comte. Nova Cultural: São Paulo, 1996.

COSTA, Francisco de Assis. Questão Agrária e Macropolíticas na Amazônia: novos momentos grandes desafios, **Revista do Centro de Estudos Avançados**, São Paulo, n.53, jan. / mar., 2005.

COSTA, Francisco de Assis. Arranjos e Sistemas Produtivos e Inovativos Locais: as Possibilidades do Conceito na Constituição de um Sistema de Planejamento para a Amazônia. **Revista Brasileira de Inovação**, Campinas, v. 5, n. 1 jan. / jun., 2006.

COSTA, Francisco de Assis. Economia camponesa referida ao bioma da Amazônia: atores, territórios e atributos. **Paper do NAEA**, Belém, v. 1, n. 2, ed. 476, 2020.

COSTA, Solangelo Fonseca da. **A gestão do comércio ambulante no município de Belém do Pará**. Dissertação (Mestrado em Gestão de Empresas) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, Lisboa, 2016.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

DINIZ, Marcelo Bentes; DINIZ, Márcia Jucá Teixeira. Arranjo produtivo do artesanato na Região Metropolitana de Belém: uma caracterização empírica. **Novos Cadernos NAEA**, Belém, v. 10, n. 2, p. 173-208, dez., 2007.

DINIZ, Sibelle Cornélio. **Do precário ao plural**: realidades e possibilidades da economia popular no Brasil contemporâneo. Tese (Doutorado em Economia) – Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

FEDERICI, Silvia. **Calibã e a Bruxa**: mulheres, corpo e acumulação primitiva. São Paulo: Elefante, 2017.

FERNANDES, Florestan. **Poder e contrapoder na América Latina**. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

FERREIRA JÚNIOR, Amarildo. **Entalhadores do efêmero**: artesanato, processo criativo e vida associativa na Amazônia. Belém: NAEA/UFPA, 2017.

FIGUEIREDO, Silvio Lima. **Ecoturismo, festas e rituais na Amazônia**. Belém: NAEA/UFPA, 1999.

FIGUEIREDO, Silvio Lima *et al.* Lazer, esporte e turismo: importância e uso das áreas verdes urbanas em Belém/Brasil. **Licere**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, mar., 2013.

FIGUEIREDO *et al.* **Cartografia do Artesanato Brasileiro**: catálogo de endereços. Belém: NAEA-UFGPA/Projeto Cartografia do Artesanato Brasileiro e Organizações Criativas, 2021.

FORTE, Oswaldo. **Praça da República**.

Disponível em: <https://www.oliberal.com/belempraveresentir/lugares/praca-da-republica-1.228665>. Acesso em: 19 fev. 2022.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.

FREITAS, Sônia Maria de. **História oral**: possibilidades e procedimentos. 2 ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

FURTADO, Celso. **Formação econômica do Brasil**. 31. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

GARCÍA CANCLINI, Nestor. **As culturas populares no capitalismo**. Tradução Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

GORKI, Maxim. **Pequenos Burgueses**: mãe. São Paulo: Abril Cultural, 1982.

GRAMSCI, Antonio. **A cultura e os Subalternos**. Tradução de Rita Ciotta Neves. Lisboa: Colibri, 2012.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Vol. 2. Edição e tradução de Carlos N. Coutinho. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GRAMSCI, Antonio. **Escritos Livres 1910-1926**. Introdução e tradução de Rita Ciotta Neves. Lisboa: Colibri, 2021.

GUSDORF, G. Past, present and future in interdisciplinary research. **International Social Science Journal**, v. 29, n. 4, p. 580-600, 1977.

HOBBSAWM, Eric. **Mundos do Trabalho**: novos estudos sobre história operária. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HOPP, Malena Victoria. Políticas de promoción de la economía social en Argentina: desafíos para la Construcción de una nueva institucionalidade. *In*: **Miradas sobre la economía social y solidaria en América Latina**. CORAGGIO, José Luis (org.). Buenos Aires: CLACSO/Universidad Nacional de General Sarmiento, 2021.

JARDIM, Ninon Rose Tavares. **Mulheres entre enfeites & caminhos**: cartografia de memórias em saberes e estéticas do cotidiano no Marajó das Florestas (São Sebastião da Boa Vista/PA). Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal do Pará, Belém, PA, 2013.

KALECKI, Michal. **Teoria da dinâmica econômica**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

KAMEL, Tales Albuquerque. **Preservação de ornatos arquitetônicos em argamassa e pintura em jardins históricos**: o caso da Praça da República. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Pará, Instituto de Tecnologia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Belém, 2016.

LEIS, H. R. Especificidades e desafios da interdisciplinaridade nas ciências humanas. *In*: PHILIPPI JÚNIOR, A.; SILVA NETO, A. J. (org.). **Interdisciplinaridade em ciência, tecnologia & inovação**. Barueri: Manole, 2013. p. 106-122.

LENIN, Vladímir Ilitch. **O Estado e a revolução**: a doutrina do marxismo sobre o Estado e as tarefas do proletariado na revolução. São Paulo: Boitempo, 2017.

LIMA, Ricardo. **Artesanato: cinco pontos para discussão**. Disponível em: [http://cmsportal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artesanato\\_\\_Cinco\\_Pontos\\_para\\_Discussao.pdf](http://cmsportal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artesanato__Cinco_Pontos_para_Discussao.pdf). Acesso em: 29 abr. 2024.

LINERA, Álvaro García. **La potencia plebeya**: acción colectiva e identidades indígenas, obreras y populares en Bolivia. 2 ed. Buenos Aires: CLACSO/Prometeo, 2020.

LOPES, Felipe Ribeiro da Silva; CAMPOS, Iolanda Aida de Medeiros. Cacicados complexos: a organização espacial e as técnicas dos povos indígenas da Amazônia nos séculos XVI e XVII. **Marupiara**, Parintins, 2021, jan. / dez., ano 6, n. 8, p. 88–114.

MALHEIROS, Ubiraélcio da Silva. **Tradição e ruptura na arte pública de Belém**: dos monumentos às intervenções urbanas. Disponível em: <[http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio11/ubiraelcio\\_malheiros.pdf](http://www.anpap.org.br/anais/2012/pdf/simposio11/ubiraelcio_malheiros.pdf)>. Acesso em: 03 de maio 2021.

MARIÁTEGUI, José Carlos. **Sete Ensaio de Interpretação da Realidade Peruana**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

MARRADI, A. Método como arte. **Papers**, Barcelona, v. 67, p. 107-127, 2002.

MARTINS, F. J.; SOLDÁ, M.; PEREIRA, N. F. F. Interdisciplinaridade: da totalidade à prática pedagógica. **INTERthesis**, Florianópolis, v. 14, n. 1, p. 1-18, jan., 2017.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto do Partido Comunista**. Porto Alegre, 2008.

MARX, Karl. **O Capital** (livro 1): crítica da economia política. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach**. Disponível em:  
<http://www.marxists.org/portugues/marx/tesfeuer>. Acesso em: 26 mar. 2021.

MARX, Karl. **O Método da Economia Política**.  
Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1857/mes/metodo.htm>.  
Acesso em: 28 mar. 2024.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11–29, 2002.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

NAEA. **Apresentação do Núcleo de Altos Estudos da Universidade Federal do Pará**. Disponível em: <http://www.naea.ufpa.br/index.php/institucional-apresentacao>. Acesso em: 23 mar. 2020.

NAEA. **Apresentação do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido pertencente ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, da Universidade Federal do Pará**.  
Disponível em:  
<http://www.ppgdstu.propesp.ufpa.br/index.php/br/programa/apresentacao>.  
Acesso em: 22 mar. 2021.

OIT/ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. **Trabalho forçado**.

Disponível em: <http://www.ilo.org>. Acesso em: 31 jan. 2023.

PARÁ. **Lei Estadual Nº 8.730, de 2 de agosto de 2018**. Disponível em: <https://leisestaduais.com.br/pa/lei-ordinaria-n-8730-2018-para-declara-e-reconhece-como-de-utilidade-publica-para-o-estado-do-para-a-associacao-dos-artesaos-e-expositores-do-para-amazonia-artepam>. Acesso em: 30 mai. 2024.

PINTO, Lúcio Flávio. **CVRD a sigla do enclave na Amazônia**: as mutações da estatal e o estado imutável no Pará. Belém: Cejup, 2003.

PINTO, Lúcio Flávio. **Memória - O triste fim do Grande Hotel**.

Disponível em: <https://lucioflaviopinto.wordpress.com/2023/07/01/memoria-o-triste-fim-do-grande-hotel/>. Acesso em: 22 nov. 2023.

PINTO, Lúcio Flávio. **Quando volta o Cine Olympia?**

Disponível em: <https://lucioflaviopinto.wordpress.com/2023/10/25/quando-volta-o-cine-olympia/>. Acesso em 23 abr. 2024.

RAYNAUT, C. Os desafios contemporâneos da produção do conhecimento: o apelo para interdisciplinaridade. **INTERthesis**, Florianópolis, v. 11, n. 1, p. 1-22, 2014.

RIBEIRO, Darcy. **O Dilema da América Latina**: estruturas de poder e forças insurgentes. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

RIBEIRO, Rebeca Ferreira. **Arquitetura e modernização em Belém**: um estudo do Edifício Manuel Pinto da Silva. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Instituto de Tecnologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

RICCI, Magda. Cabanagem, cidadania e identidade revolucionária: o problema do patriotismo na Amazônia entre 1835 e 1840. **Tempo**, Rio de Janeiro, n. 22, 2007. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000100002>.

RUSSEL, Bertrand. **A conquista da felicidade**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011.

SARGES, Maria de Nazaré dos Santos. **Belém**: riquezas produzindo a Belle Époque (1870 - 1912). Belém: Paka Tatu, 2010.

SCHIOCHET, Valmor. Participación y control social en la política pública de economía solidaria: la experiencia de la Secretaría Nacional de Economía Solidaria. *In: Miradas sobre la economía social y solidaria en América Latina*. CORAGGIO, José Luis (org.). Buenos Aires: CLACSO/Universidad Nacional de General Sarmiento, 2021.

SILVA, Renato Neves *et al.* Ordenamento urbano na cidade de Belém (PA): o exemplo da Avenida Presidente Vargas. Vitória, **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos**, 2014.

SINGER, Paul. Economia Solidária versus Economia Capitalista. **Sociedade e Estado**. Brasília, n. 16, dez., 2001. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922001000100005>

SINGER, Paul. **Introdução à Economia Solidária**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002.

SINGER, Paul. Entrevista com Paul Singer. Roteiro: Roteiro de Eduardo Santos, Jefferson Mariano e Paula Passanezi. **Revista Gerenciais**, São Paulo, v. 2, set., 2003.

SINGER, Paul. Entrevista com Paul Singer. Roteiro de Paulo de Salles Oliveira. **Estudos Avançados**, São Paulo, n. 22, 2008.

SINGER, Paul. **Sobre Economia Solidária e Autogestão**. Disponível em: <https://paulsinger.com.br/sobre-economia-solidaria-e-autogestao/>  
Acesso em: 18 mar. 2025.

SOARES, Elizabeth Nelo. **Largos, coretos e praças de Belém**. Brasília: IPHAN, 2009.

SOUZA, Izabela Jatene de. **Andarilhos contemporâneos em Belém, a metrópole da Amazônia: consumo, juventudes e sociabilidade na era dos shopping centers**. Tese (Doutorado) – Departamento de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

SOUZA JUNIOR, José Alves de. **Cabanagem: revolução amazônica (1835-1840)**. São Paulo: Fundação Lauro Campos, 2022.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia: do período pré-colombiano aos desafios do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2019.

SOUZA, Roseane Silveira de. Teatro da Paz: histórias invisíveis em Belém do Grão-Pará. **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 93-121. jul. / dez., 2010.

TAVARES, Auda Edileusa Piani. **Saberes tradicionais como patrimônio imaterial na Amazônia intercultural: saberes, fazeres, táticas e resistência dos ceramistas de Icoaraci**. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

THIOLLENT, Michel J. M. 5 ed. **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. São Paulo: Polis, 1987.

TSE-TUNG, Mao. **O livro vermelho**. São Paulo: Martins Claret, 2003.

VILHENA, Daniel. **O charme eterno das Cidade das Mangueiras.**

Disponível em: <https://www.alepa.pa.gov.br/Comunicacao/Noticia/5579>. Acesso em: 22 abr. 2024.

VILLAÇA, F. Uma contribuição à história do planejamento urbano no Brasil. *In*. DEÁK, C., SCHIFFER, S. R. (org.). **O processo de urbanização no Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1999.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa Qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, n. 22, p. 203-220, ago. / dez., 2014. DOI 10.20396/temáticas.v22i44.10977.

WEBER, Max. Comunidade e sociedade como estruturas de sociabilização. *In*: FERNANDES, Florestan (org.). **Comunidade e sociedade**: leituras sobre problemas conceituais, metodológicos e de aplicação. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1973.

## APÊNDICES

### APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO TRÓPICO ÚMIDO  
DOUTORADO EM DESENVOLVIMENTO SOCIOAMBIENTAL

#### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO - TCLE**

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa intitulada BARRICADAS E TRINCHEIRAS DE RESISTÊNCIA: artesãos na Amazônia paraense, sob a responsabilidade do pesquisador Marcelo Pamplona Baccino.

**Objetivo da pesquisa:** apreender como uma específica associação de artesãos organizados em feira de artesanato localizada em uma “metrópole amazônica” se organiza socialmente em seus variados processos.

**Métodos utilizados:** a pesquisa é interdisciplinar e será realizada na Associação de Artesãos da Feira da Praça da República, ocorrendo coleta de dados por meio de questionário, com duração de 20 minutos, e entrevistas, com duração média de 40 minutos (as quais serão transcritas). Tais ações terão a duração de 19 meses contados desde 01/06/2023.

**Previsão de riscos e desconfortos:** pode ocorrer do participante passar pelo desconforto de ler ou escutar alguma pergunta que não queira responder, mas para isso o participante tem total liberdade de recusar responder a qualquer momento as perguntas do questionário ou entrevista. Existe também o risco de vazamento de dados, mas, para inviabilizar tal risco, os dados gerados pelo participante serão armazenados em dispositivo externo de armazenamento sem acesso à rede mundial de computadores. Os dados sem tratamento serão acessados somente pelo pesquisador Marcelo Pamplona Baccino.

**Benefícios da pesquisa:** ocorrerá a geração, organização e análise de informações sobre a associação, a feira e a praça. sendo as publicações disponibilizadas para o participante da pesquisa de forma gratuita por meio digital.

**Garantia de recusa em participar da pesquisa e/ou retirada de consentimento:** você não é obrigado(a) a participar da pesquisa, podendo deixar de participar dela em qualquer momento, sem que seja penalizado(a) ou tenha prejuízos decorrentes de sua recusa.

**Garantia de sigilo e privacidade:** será resguardada sua identidade durante todas as fases da pesquisa, inclusive após finalizada e publicada.

**Garantia de indenização:** fica garantido ao participante o direito de indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa.

**Esclarecimento de dúvidas:** em caso de dúvidas sobre a pesquisa ou para relatar algum problema, você poderá contatar o pesquisador Marcelo Pamplona Baccino nos contatos (91) 98057-9567 e elesbaccino@yahoo.com.br ou endereço Rua Augusto Corrêa, 01, NAEA/UFGPA, Guamá, Belém/PA. CEP: 66075-110.

Declaro que fui verbalmente informado e esclarecido sobre o presente documento, entendendo todos os termos acima expostos, e que voluntariamente aceito participar deste estudo. Também declaro ter recebido uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, de igual teor, assinada pelo pesquisador, rubricada em todas as páginas.

Belém, de \_\_\_\_\_ de 20 \_\_\_\_ .

\_\_\_\_\_ Participante da pesquisa

\_\_\_\_\_ Pesquisador

## APÊNDICE B - Questionário

Questionário para os artesãos não-fundadores e que não são participantes da gestão.

- 1- Qual seu nome, idade, cor da pele ou etnia a qual pertence/se identifica?
- 2- Qual é seu sexo (biológico) e gênero (social)?
- 3- Faz qual tipo de artesanato ou arte?
- 4- Onde você consegue e armazena a matéria-prima para seu artesanato?
- 5- Há quanto tempo você expõe na feira e quem fica na sua barraca na feira?
- 6- Possui alguma outra atividade na feira além do artesanato?
- 7- Você participa da associação de artesãos?
- 8- Possui ou já teve cargo na associação?
- 9- Para você, qual a importância do artesão e do artesanato na sociedade?
- 10- Qual meio de transporte você utiliza para vir até feira e retornar para casa?
- 11- O transporte de seus produtos é feito em caixas, malas *etc*?
- 12- Sua produção de artesanato ocorre em alguma oficina, ateliê (coletivo ou individual) ou em casa (qual cômodo)?
- 13- Quem lhe ensinou o ofício de artesão?
- 14- Você ensina o ofício de artesão para alguém?

- 15- Quantas horas você trabalha por semana?
- 16- Seus familiares ajudam na produção feita?
- 17- Além do artesanato, você tem outra fonte de renda?
- 18- Você tem tarefas variadas no dia-a-dia como trabalhar, estudar e ajudar em trabalhos no lar?
- 19- Qual a importância, os pontos positivos e os negativos da associação e da feira para você?
- 20- Com quem você mora?
- 21- Qual número de filhos que você possui?
- 22- É casado(a), solteiro(a) ou divorciado(a)?
- 23- Você é filiado(a) a algum partido político?
- 24- Possui casa própria, em pagamento ou quitada, ou mora em imóvel alugado, emprestado ou cedido?
- 25- Onde você mora (cidade, bairro e rua)?
- 26- Qual meio de transporte usa cotidianamente?
- 27- Qual a sua escolaridade e da família (incluindo cônjuge, filhos, pais, irmãos, avôs *etc*)?
- 28- Quais os idiomas que fala/escreve/lê?
- 29- Qual a sua renda pessoal e familiar?

30- Quanto da renda pessoal e familiar depende do artesanato?

31- Desde quando trabalha (qualquer trabalho)?

32- Na sua casa existem quais desses itens?

- computador       automóvel       garagem  
 geladeira       telefone celular       máquina de lavar roupa  
 acesso à rede mundial de computadores  
 televisão (especificar polegadas e tipo)       tv por assinatura  
 empregada doméstica mensalista ou diarista       Outros...

33- Você já participou de alguma ação do governo (municipal, estadual ou federal) do tipo Bolsa Família, Minha Casa Minha Vida, Ciências Sem Fronteiras, Programa Universidade para Todos (PROUNI), Fundo de Financiamento Estudantil (FIES), Tarifa Social de Energia Elétrica, Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec) *etc*?

34- Você já participou de ações do Sistema<sup>63</sup> “S” ou de secretarias de cultura voltadas para artesãos, mestres da cultura, cultura popular, entre outras?

35- Onde você mora existem quais desses itens?

- iluminação pública       saneamento básico       coleta de lixo doméstico  
 coleta seletiva de lixo       calçadas pavimentadas       ruas pavimentadas  
 áreas de lazer como praças, quadras esportivas, parques *etc*.  
 centro comunitário       posto de saúde       posto policial       biblioteca  
 centro cultural       água encanada  
 limpeza e manutenção dos espaços públicos       Outros...

---

<sup>63</sup> Fazem parte do Sistema “S”: Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI), Serviço Social do Comércio (SESC), Serviço Social da Indústria (SESI) e Serviço Nacional de Aprendizagem do Comércio (SENAC). Existem também: Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR), Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo (SESCOOP) e Serviço Social de Transporte (SEST).

## APÊNDICE C - Roteiro de entrevista

Roteiro de entrevistas para os artesãos fundadores da associação e da feira de artesanato e para os artesãos membros da gestão.

- Cumprimentar e se apresentar;
- Esclarecer ao entrevistado: *por que, para que e para quem* será feito o registro;
- Apresentar autorização (TCLE) por escrito em duas vias e solicitar a leitura e firma;
- Ligar o gravador de voz;
- Pegar a prancheta com algumas perguntas, papel e caneta;
- Anotar local, data, hora e nome do(a) participante;
- Dependendo do Agente entrevistado, inserir perguntas sobre a história da associação e da feira, a respeito da gestão e demais informações relacionadas aos objetivos da pesquisa;
- Ter as perguntas do questionário apenas como guia, mas mantendo a liberdade do diálogo;
- Cumprimentos;
- Agradecimentos.

## ANEXOS

ANEXO A - Estatuto Social da ARTEPAM.



CNPJ 01.965.506/0001-06

### **ESTATUTO SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTESÃOS E EXPOSITORES DO PARÁ - AMAZÔNIA — ARTEPAM**

**REFORMULADO E APROVADO EM ASSEMBLEIA GERAL  
EXTRAORDINÁRIA REALIZADA EM 29 DE AGOSTO DE 2019**

#### **CAPÍTULO I - DA DENOMINAÇÃO, FORO, ÁREA GEOGRÁFICA, PRAZO DE DURAÇÃO E ANO SOCIAL**

ART.1º — A Associação dos Artesãos e Expositores do Pará-Amazonia - ARTEPAM, pessoa jurídica de direito privado, para fins não econômicos, fundada em 19 de setembro de 1996, rege-se pelo presente Estatuto e pela Legislação Vigente.

I- Sediada a Rua Riachuelo, N° 312, Campinas, Belém-PA, CEP: 66.017-100 — BELÉM — PA.

II- Foro jurídico na Comarca da cidade de Belém, Estado do Pará.

III- Para fins de admissão de associados, ficará restrita a área geográfica do Estado do Pará.

IV- Prazo de duração indeterminado e ano social, compreendendo o período de 1º de janeiro a 31 de dezembro.

#### **CAPÍTULO II - DOS OBJETIVOS SOCIAIS**

ART 2º - A associação dos Artesãos e Expositores do Pará-Amazonia — ARTEPAM, objetiva a colaboração recíproca entre seus associados. Congregando pessoas envolvidas em atividades de artesanato, artes plásticas,

antiguidades, aquarismo, plantas ornamentais, doces e comidas típicas regionais; promovendo a união e a defesa de seus interesses, mediante as seguintes atividades.

I- Coordenar e administrar junto com o órgão público municipal competente a Feira de artesanato da Praça da República e outros espaços em vias Públicas;

II- Incentivar, promover, divulgar e resgatar o artesanato paraense como cultura popular em todas as formas de expressão, possibilitando a integração com as demais culturas ligadas ao artesanato do país;

III- Representar junto aos órgãos e autoridades federais, estaduais e municipais, os direitos, interesses e aspirações de seus associados;

IV- Pleitear junto às autoridades, espaços para exposição e comercialização dos produtos de seus associados;

V- Promover feiras, exposições, salões e mostras, que contemplem o artesanato e proporcionem intercâmbio de conhecimento entre cidades, estados e países;

VI- Colaborar de forma técnica e consultiva com o Estado e os Municípios no estudo e soluções de problemas relacionados aos artesãos;

VII- Atuar junto a órgãos e entidades ligadas a cultura, educação e pesquisa, de forma a obter maior unidade de ação no desenvolvimento das atividades de artesanato;

VIII- Incentivar e organizar o trabalho associativo, aproveitando a capacidade dos associados distribuindo-os de acordo com suas aptidões e interesses coletivos;

IX- Promover capacitações para seus associados a fim de obter maior e melhor qualidade e produtividade para atender as demandas e as exigências do mercado consumidor;

X- Desenvolver o quadro de associados, visando a melhoria social, educacional, cultural e econômica.

**PARÁGRAFO ÚNICO** - Para realizar as atividades enumeradas neste artigo, a ARTEPAM poderá celebrar convênios e captação de recursos com órgãos governamentais, não governamentais, empresas públicas e privada, nacionais e estrangeiras.

### **CAPÍTULO III - DA ADMISSÃO, DEMISSÃO E EXCLUSÃO, REAJUSTE E RETORNO**

ART 3º - São admitidos como sócios as pessoas físicas em número ilimitado que concordarem com os objetivos da associação e as normativas deste Estatuto, sem distinção de raça, credo, religião, ideologia política e nacionalidade.

ART 4º - São condições primordiais para admissão no quadro social:

I- Ser maior de idade;

II- Não estar implicado em processos criminais;

III- O candidato a filiação deverá dedicar-se comprovadamente ao artesanato, arte plástica, antiquário, aquarismo, jardinagem, manipulação de doces e comidas típicas regionais. Para sua aprovação deverá realizar seu trabalho diante de uma comissão designada pela diretoria em Assembleia Geral;

IV- Para filiar-se a Associação, o candidato deverá pagar taxa de inscrição (matrícula) e contribuição mensal, a ser fixada pela Assembleia Geral.

ART 5º - Condições para aplicação de penalidades previstas.

I- Estarão sujeitos às penalidades de advertência, suspensão e exclusão do quadro social os associados que desacatarem as decisões tomadas em Assembleia Geral, Diretoria, Comissões, Estatuto, Regimento Interno e aqueles que agirem por má conduta ou falta cometida contra o patrimônio moral ou material da associação

PARÁGRAFO ÚNICO - O associado que causar prejuízos a Associação poderá ser processado e ter de pagar indenização referente aos danos causados.

ART 6º - Serão suspensos os direitos dos associados que:

I- Não comparecerem a 03 (três) Assembleias Gerais, sem justificativa plausível, durante a vigência do mandato da atual diretoria;

II- Artesões em atraso com sua contribuição mensal em 30 dias a partir do vencimento da mesma, não terão mais a montagem de sua barraca na feira de artesanato de domingo; com 60 dias de vencida, perde o direito de ter uma barraca, passa a condição de Associado sem Barraca.

III- O associado que passou a ser associado sem barraca, devido débitos em aberto conforme parágrafo II do Artigo 6º, caso não quite ou entre em acordo no prazo de 90 dias será sumariamente suspenso e não poderá expor até a quitação da sua mensalidade.

IV- O associado que esteja inadimplente com 4 mensalidades (120 dias) ou mais, será enviado para cobranças extrajudiciais e caso não entre em acordo o processo segue de forma judicial e o associado pagará as custas de cartório e advogado para sua devida regularização.

V- A aplicação das penalidades, sob pena de nulidade, deverá ser precedida de comunicação ao associado, o qual poderá redigir sua defesa e apresentá-la impetrando recurso no prazo máximo de 10 (dez) dias a contar da data do recebimento da notificação, que será julgado pela Assembleia Geral após análise da Diretoria, em um prazo máximo de 30 (trinta) dias para convocação.

ART 7º - Poderá retornar os direitos dos associados que:

I- Para que o associado retorne e possa pleitear uma barraca, só poderá mediante quitação de todos seus débitos anteriores somente após reunião extraordinária com a diretoria e conselho para votação e decisão do retorno do mesmo.

II- O associado que for excluído do quadro social, poderá ser readmitido, desde que se reabilite a juízo da Assembleia Geral ou que liquide seus débitos, quando se tratar de atraso de pagamento de taxas e mensalidades.

PARÁGRAFO ÚNICO - Na hipótese de readmissão, de que trata este artigo, o associado receberá novo número de matrícula e ficará na condição de associado sem barraca de exposição, por ordem de inscrição.

ART 8º - No reajuste das contribuições mensais dos associados.

I- O reajuste da contribuição mensal anual usará como base o percentual de aumento (%) do valor do salário mínimo vigente no ano, e acontecerá todo mês de janeiro de cada ano.

ART 9º - A forma das contribuições mensais dos associados são:

I- O Associado fará sua contribuição mensal por meio de BOLETO BANCÁRIO, emitido pela administração, sem exceções, para todos os associados com vencimento todo dia 10 de cada mês, podendo ser protestado após 15 dias.

II- Os boletos devem ser enviados pelos correios pelo banco ou ainda, retirado pelo associado, na sede da associação ou domingo na barraca especificada para cobrança direto na feira.

ART 10º - No pedido de Demissão os direitos dos associados que:

I- O associado poderá demitir-se da Associação quando lhe convir, desde que esteja rigorosamente em dia com suas obrigações e pagamentos de taxas e mensalidades.

ART 11º - Na Exclusão os direitos dos associados que:

I- A exclusão de associado, somente dar-se-á, através de decisão em Assembleia Geral, em deliberação fundamentada, pela maioria absoluta dos associados presentes.

ART 12º Na Licença os direitos dos associados que:

I- O prazo máximo para o associado tirar licença será de 03 (três) meses, exceto em caso de doença comprovada, sendo que neste período as mensalidades deverão ser mantidas rigorosamente em dia.

#### **CAPÍTULO IV - DIREITOS E DEVERES DOS ASSOCIADOS**

ART 13º - São direitos dos associados:

II- Participar das Assembleias Gerais, discutindo e votando os assuntos em pauta;

II- Votar e ser votado para qualquer cargo eletivo, desde que não tenha nenhum impedimento legal;

III- Solicitar esclarecimentos sobre as atividades da Associação e consultar na sede os balancetes e o balanço anual da entidade;

IV- Pedir demissão do quadro social quando lhe convir, desde que não se encontre em débito junto a associação;

V- Participar dos eventos patrocinados pela Associação, levando em consideração as diretrizes traçadas para cada evento;

VI- Requerer com 1/5 (um quinto) dos associados a convocação da Assembleia Geral Extraordinária, justificando claramente sua finalidade;

VII- Gozar dos serviços oferecidos pela associação;

VIII- Submeter ao exame da diretoria quaisquer questões de interesse da categoria e sugerir as convenientes.

PARÁGRAFO ÚNICO — Os direitos dos associados são pessoais e intransferíveis.

ART 14º - São deveres dos associados:

- I- Pagar pontualmente até o dia 10 (dez) de cada mês, sua contribuição mensal com valor aprovado em Assembleia Geral;
  - II- Cumprir as condições deste estatuto e as deliberações e determinações da Assembleia Geral e Diretoria da associação;
  - III- Zelar pelo patrimônio moral e material da Associação, colocando os interesses da mesma acima dos interesses pessoais;
  - IV- Comparecer a todas as reuniões quando convocado, devendo ainda justificar o não comparecimento as mesmas;
  - V- Prestar informações quando solicitadas;
  - VI- Não tomar decisões em nome da Associação, sem prévia autorização;
  - VII- Desempenhar com zelo e competência os cargos para que for eleito na associação;
  - VIII- Cumprir as decisões tomadas em Assembleias Gerais e as determinações estatutárias e regimentais;
  - IX- Respeitar e acatar as autoridades constituídas;
  - X- Prestigiar a Associação em todos os meios ao seu alcance e propagar o espírito associativo;
  - XI- A retirada do boleto bancário junto a sede da associação, no caso do não recebimento via correio em tempo hábil para pagamento;
  - XII- Da pintura, manutenção e conservação de sua barraca, assim bem como de suas lonas de proteção e de total e inteira responsabilidade do associado;
  - XIII- O armazenamento, a organização, a distribuição e o zelo das barracas a serem fornecidas aos associados.
- ART 15º - Os associados não respondem subsidiariamente por obrigações contraídas pela associação.

## **CAPÍTULO V - DO PATRIMÔNIO E DA RECEITA**

ART 16º - Constituir o Patrimônio da Associação:

- I- Dos bens e direitos que adquirir;
- II- Dos legados e doações;
- III- Dos bens e valores adventícios.

ART 17º - A receita da Associação é constituída:

- I- Da contribuição mensal dos sócios;

- II- Da renda do património;
  - III- Da remuneração dos serviços;
  - IV- De investimentos financeiros;
  - V- De doações de pessoas físicas e/ou jurídicas;
  - VI- De convênios, subvenções e/ou financiamentos de instituições públicas ou privadas, nacionais e estrangeiras.
- PARÁGRAFO ÚNICO - A Associação poderá ter outras fontes de recursos, desde que coincidam e sejam compatíveis com os objetivos sociais.

## **CAPÍTULO VI - DAS ELEIÇÕES**

ART 18º — As condições para votar e ser votado e o processo eleitoral obedecerão às normas para as associações, atendida sempre a exigência do voto secreto e serão considerados eleitos as que alcançarem a maioria de votos dos presentes.

ART 19º — A Diretoria compete desencadear o processo eleitoral com um prazo mínimo de 60 (sessenta) dias antes do término de seu mandato.

ART 20º - Todo processo eleitoral será coordenado por uma comissão designada pela Assembleia Geral, no que diz respeito a inscrições das chapas, organização da eleição, controle de ética eleitoral e apuração.

ART 21º - Condições para o processo eleitoral;

I- Para ser candidato é necessário não estar implicado em processo criminal ou ter algum tipo de processo administrativo na associação ou suspeita ainda não comprovadas inocência em gestões anteriores (entregar e comprovar através de certidão negativa);

II- Não será permitido voto por procuração;

III- As chapas serão registradas até 30 (trinta) dias antes das eleições, sendo registradas na célula por ordem de inscrição;

IV- No ato da inscrição as chapas deverão apresentar seu plano de ação e suas metas programadas para o seu mandato;

V- As chapas só poderão concorrer completas com todos os cargos;

VI- As chapas serão formadas por um presidente, um vice-presidente, 1º e 2º secretário e 1º e 2º tesoureiro;

VII- O número de chapas é ilimitado;

VIII- Poderão concorrer os associados com mais de 06 (seis) meses na associação e que não tenham débitos;

IX- Sô terão direito a voto os associados que tiverem rigorosamente em dia com suas obrigações para com a Associação;

X- Os integrantes de uma chapa não poderão ter nível de parentesco reto ou colateral entre si e nem mesmo com os integrantes do Conselho Fiscal;

XI- Só poderão concorrer os associados que não tiverem nenhum tipo de dívida com instituições públicas ou privadas, não podendo ter seus nomes em nenhum dos serviços de proteção ao crédito;

XII- Em caso de empate uma nova eleição será marcada no prazo máximo de 15 (quinze) dias, que deverá ser convocada pela comissão eleitoral, imediatamente após a contagem dos votos, concorrendo somente as chapas que tiverem o mesmo número de votos;

XIII- O mandato dos eleitos será de 04 (quatro) anos, podendo concorrer à reeleição desde que a chapa seja renovada em pelo menos 1/3 (um terço) de seus integrantes; podendo ser prorrogado pelo mesmo período se assim for de vontade de 1/3 de todos associados em votação.

XIV- Uma chapa só poderá ser eleita por no máximo 03 (três) mandatos consecutivos, tendo que aguardar um mandato para poder pleitear nova candidatura.

PARÁGRAFO ÚNICO: O Conselho Fiscal não será eleito junto com a Diretoria, dar-se-á eleição em separado em outra Assembleia Geral convocada para este fim.

## **CAPÍTULO VII - DA ASSEMBLEIA GERAL DOS ASSOCIADOS**

ART 22º — A Assembleia Geral dos Associados é o órgão supremo da Entidade e, dentro dos limites legais e deste estatuto, poderá tomar todas e quaisquer decisões de interesse para a Associação.

ART 23º — a Assembleia reunir-se-á ordinariamente até duas vezes ao ano e extraordinariamente sempre que for julgado necessário.

ART 24º — Compete a Assembleia Geral Ordinária, em especial:

I- Apresentar e votar o relatório, balanço e contas da Diretoria;

III - Eleger os membros da Diretoria e Conselho Fiscal;

III - Estabelecer o valor das taxas e mensalidade.

ART 25° — A Assembleia Geral Extraordinária reunir-se-á sempre que houver necessidade.

ART 26° — Compete a Assembleia Geral Extraordinária:

I- Deliberar sobre a dissolução voluntária da Entidade e, neste caso, nomear os liquidantes e votar as respectivas contas;

II- Decidir sobre as mudanças e reformas do Estatuto Social;

III- Destituir a Diretoria e Conselho Fiscal, caso ocorram quaisquer fatos relevantes;

IV- Quaisquer outros assuntos de interesse geral da associação.

§1º Ocorrendo destituição que possa comprometer a regularidade da administração ou fiscalização da Associação, a Assembleia Geral poderá designar diretores provisórios, até a posse dos novos, cuja eleição se fará no prazo máximo de 30 (trinta) dias.

§2º Para as deliberações a que se referem os incisos II e III é exigido o voto concorde de 2/3 (dois terços) dos presentes a Assembleia, especialmente convocada para esse fim, não podendo ele deliberar, em primeira convocação, sem a maioria absoluta dos associados, ou com menos de 1/3 (um terço) nas convocações seguintes

ART 27° - O quórum para a instalação da Assembleia Geral será metade mais 01 (um) do número de associados, em primeira convocação de 1/3 (um terço) dos associados, em segunda convocação, que se dará 30 (trinta) minutos após a primeira convocação e com qualquer número na terceira e última convocação, trinta minutos após a segunda convocação.

PARÁGRAFO ÚNICO: As decisões serão tomadas por maioria simples de votos dos associados presentes na Assembleia.

ART 28° - A Assembleia será normalmente convocada pelo(a) Presidente, com mínimo de 07 (sete) dias de antecedência. Ocorrendo motivos graves ou urgentes, poderá também ser convocada por 2/3 (dois terços) da Diretoria ou, ainda, por 1/5 (um quinto) dos associados em pleno gozo de seus direitos sociais.

ART 29° — Os associados comparecerão à Assembleia Geral pessoalmente, não sendo admitida procuração.

ART 30° — Será lavrada Ata de cada Assembleia Geral, em um livro próprio, na qual serão indicados os nomes dos que compareceram e as resoluções tomadas. A ata será assinada por todos os presentes.

ART 31° — Só poderá votar em Assembleia o associado que estiver rigorosamente em dia com suas contribuições mensais perante a associação.

## **CAPÍTULO VIII - DA ADMINISTRAÇÃO E DA FISCALIZAÇÃO**

ART 32° — A Associação será administrada e fiscalizada por:

- I- Assembleia Geral;
- II- Diretoria Executiva;
- III- Conselho Fiscal.

ART 33° — A Diretoria Executiva será composta de 06 (seis) membros:

- I- Presidente;
- II- Vice-Presidente;
- III - 1º e 2º Secretário;
- IV- 1º e 2º Tesoureiro.

ART 34° - A Diretoria reunir-se-á ordinariamente, a cada 30 (trinta) dias e extraordinariamente, sempre que se fizer necessário.

§1º. O “quórum” para instalação da reunião será de metade mais 01 (um) dos membros e as decisões serão tomadas por maioria simples de votos;

§2º. Será lavrada Ata de cada reunião, em livro próprio, na qual serão indicados os nomes dos que compareceram e as decisões tomadas. A Ata será assinada por todos os presentes.

ART 35° — Compete a Diretoria, em especial:

- I- Estabelecer normas, orientar e controlar todas as atividades e serviços da associação;
- II- Propor a Assembleia Geral o valor das taxas e contribuições mensais dos associados destinadas a cobrir despesas operacionais e funcionais com a finalidade de manutenção da associação, bens patrimoniais da sede e outras;
- IV- Analisar e aprovar os planos de atividades e respectivos orçamentos, bem como quaisquer programas próprios de investimento, levando-as a conhecimento da Assembleia Geral;

V- Contrair obrigações, transigir, adquirir, alienar ou onerar bens móveis e imóveis, ceder direitos e constituir mandatários, com expressa autorização da Assembleia Geral;

VI- Deliberar sobre a admissão, demissão ou exclusão de associados;

VII- Indicar o banco ou bancos nos quais deverão ser feitos os depósitos do numerário disponível e fixar limite máximo que poderá ser mantido em caixa;

VIII- Zelar pelo cumprimento das disposições legais e estatutárias e pelas deliberações da Assembleia Geral;

IX- Deliberar sobre a convocação da Assembleia Geral;

X- Apresentar a Assembleia Geral ordinária o relatório e as contas de sua gestão; prazo mínimo de 6 (seis) meses entre uma assembleia e outra;

XI- Estabelecer normas para o funcionamento de Comissões de Assessoramento que terão suas atribuições descritas no Regime Interno.

ART 36º - Compete ao Presidente:

I- Representar a Associação ativa e passivamente, em juízo e fora dele;

II- Empossar a nova diretoria;

III- Convocar as assembleias e as reuniões ordinárias e extraordinárias, presidindo estas e instalando aquelas;

IV- Assinar juntamente com o Tesoureiro, cheques e/ou documentos que envolvam responsabilidade financeira;

V- Abrir e fechar os termos dos livros usados pela Associação e rubricá-los;

VI- Apresentar a Assembleia Geral o relatório e o balanço anuais;

VII- Realizar, mediante aprovação da Assembleia Geral, a contratação de empréstimos e outras obrigações pecuniárias;

VIII- Assinar com o Secretário, as propostas de novos associados;

IX- Outras obrigações que venham a ser estabelecidas no regime interno.

ART 37º - Compete ao Vice-Presidente:

I- Auxiliar e substituir o Presidente em sua falta ou impedimento;

II- Assessorar o Presidente.

ART 38º — Compete ao 1º Secretário:

I- Substituir o Vice-Presidente e o Presidente em sua falta ou impedimento;

II- Encarregar-se dos serviços de documentação e informação, mantendo atualizados a correspondência e o arquivo da Associação;

III- Assinar com o Presidente a correspondência;

IV- Lavrar as Atas das Assembleia Gerais;

V- Manter o Livro de Registro do Patrimônio da Associação, nele lançado aquisições, doações, alienações e baixas;

VI- Atualizar o registro dos associados;

VII- Outras obrigações que venham a ser estabelecidas no regimento interno.

ART 39º - Compete ao 2º Secretário:

I- Auxiliar o 1º Secretário em suas atribuições;

II- Substituir o 1º Secretário em seus impedimentos.

ART 40º - Compete ao 1º Tesoureiro:

I- Ter sob sua tutela os valores da associação, bem como papéis e documentações financeiras;

II- Assinar justamente como Presidente, cheques bancários e autorização das despesas, além das mensalidades e taxas recebidas dos associados;

III- Emitir recibos e dar quitações, conferir as contas e cálculos da Associação e a ela relativos;

IV- Proceder a escrituração do livro caixa, visando-o e mantendo-o sob sua responsabilidade;

V- Zelar pelo cumprimento das obrigações fiscais, tributário, previdenciárias e outras da responsabilidade da Associação;

VI - Manter relação atualizada do pagamento das contribuições mensais e taxas da Associação;

VII- Outras atribuições que venham a ser estabelecidas no regimento interno.

ART 41º — Compete ao 2º Tesoureiro:

I- Auxiliar o 1º Tesoureiro em suas atribuições;

II- Substituir o 1º Tesoureiro em seus impedimentos.

ART 42º — O Conselho Fiscal será composto por 03 (três) membros efetivos e 03 (três) suplentes, com mandato de 04 (quatro) anos, sendo permitida a sua reeleição, desde que haja renovação de 1/3 (um terço de seus integrantes).

ART 43º — O Conselho Fiscal reunir-se-á ordinariamente a cada trimestre para examinar os balancetes, uma vez para exame e aprovação das contas dos exercícios e extraordinariamente sempre que houver necessidade.

ART 44º — Compete ao Conselho Fiscal em especial:

I- Acompanhar todas as operações financeiras da Associação;

II- Examinar a escrituração da Associação;

III- Emitir parecer sobre o balanço e as contas da Associação;

IV- Denunciar em Assembleia Geral qualquer desvio de numerário ou de patrimônio da associação e outras irregularidades comprovadas.

ART 45º - Todos os cargos administrativos e fiscais na associação serão exercidos gratuitamente, sendo vedada qualquer remuneração, bonificação ou vantagem, sob qualquer pretexto.

## **CAPÍTULO IX - DA DISSOLUÇÃO**

ART 46º - A entidade será dissolvida por vontade manifestada em Assembleia Geral Extraordinária, expressamente convocada para esse fim, observando o dispositivo do inciso "I" do Art. 26º deste Estatuto. Para dissolução é necessário o voto concorde de 2/3 (dois terços) dos associados presentes.

ART 47º — Caso a associação venha a se dissolver, o patrimônio líquido remanescente será destinado à entidade filantrópica, ou a um órgão de assistência social, apontado pela Assembleia Geral.

## **CAPÍTULO X - DOS LIVROS**

ART 48º — A Associação deverá manter os seguintes livros:

I- Matrícula dos Associados;

II- Atas das Assembleias Gerais;

III- Reuniões da Diretoria;

IV- Reuniões do Conselho Fiscal;

V- Presença dos associados nas Assembleias Gerais;

VI- Fiscais e Contábeis obrigatórios por lei.

ART 49º - No Livro de matrícula, os associados serão inscritos por ordem cronológica de admissão e dele deverá contar:

I- O nome, estado civil, nacionalidade, naturalidade, profissão, residência, data do nascimento, CPF e RG e outros dados que se fizerem necessários;

II- Data de sua admissão, quando for o caso, de sua demissão a pedido ou por exclusão.

## **CAPÍTULO XI - DAS DISPOSIÇÕES GERAIS E TRANSITÓRIAS**

ART 50° — Os casos omissos serão resolvidos de acordo com a Lei vigente.

ART 51° — Fica revogado para todos os efeitos o Estatuto anterior.

ART 52° — Estatuto foi reformulado e aprovado em Assembleia Geral Ordinária em 29 de agosto de 2019 e entrará em vigor a partir desta data, estando devidamente citado na ata da referida assembleia.